



PROJETO CONEXÃO LOCAL - 2015

Relatório Final

A IMPLEMENTAÇÃO DA POLÍTICA DE COTAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU) - CAMPUS PATOS DE MINAS, MG

ALUNOS:

Luca Backup Cohen

Marina Katurchi Exner

Supervisor: Paulo Paganini

Conexão Local 2015

Resumo:

[INTRODUÇÃO] Este trabalho visa analisar a implementação da política de cotas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no campus de Patos de Minas - MG, e seus impactos. A universidade foi fundada em 2010 e possui operações em um bloco alugado da universidade particular Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam). No primeiro semestre de 2013, entrou em vigor a política de cotas na universidade, destinando 50% das vagas às cotas por necessidade econômica e raciais, para alunos vindos de escola pública. São três cursos que compõem o campus: Biotecnologia, Engenharia de Alimentos e Engenharia Eletrônica e de Telecomunicação. Atualmente, a instituição possui aproximadamente 440 alunos, sendo aproximadamente 23% (103 alunos) cotistas. O objetivo inicial do estudo foi observar se havia, ou não, diferença entre o desempenho dos alunos cotistas e não cotistas. No desenvolvimento do estudo, percebeu-se que analisar o pertencimento do aluno à universidade seria mais interessante para observar a complexidade existente nesse contexto.

[METODOLOGIA] Do ponto de vista quantitativo, a pesquisa buscou analisar todas as notas dos alunos, a partir do 1º semestre de 2013, disponibilizadas pela UFU, avaliando se havia diferença quanto ao desempenho dos alunos cotistas e não cotistas. No desenvolvimento do estudo, percebemos que apenas a variável “desempenho” não era suficiente para avaliar o aluno. Assim, foram realizadas entrevistas com alunos - cotistas e não cotistas -, professores e coordenadores de todos os cursos, assumindo o objetivo de refletir sobre o pertencimento do aluno à universidade. Para tanto, foram definidas cinco dimensões de análise, que emergiram durante a pesquisa a campo, para se pensar a questão: defasagem, informação, satisfação, desempenho, e dimensão política.

[DESENVOLVIMENTO] A categoria "defasagem" visa observar as diferentes realidades dos alunos que estudaram em escolas públicas e particulares. Em "informação", problematizamos a falta de informação que os alunos possuem acerca dos cursos da universidade, assim como da política de cotas. "Satisfação" aborda o grau de interesse e motivação do aluno com a universidade, o que engloba ideias como ciclo social, evasão, e discriminação. A categoria "desempenho" discute se o Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) é suficiente para avaliar um aluno. Por último, "dimensão política" analisa se há um espaço para se debater questões ligadas ao debate político na universidade. Os dados quantitativos foram importantes para garantir a credibilidade dos resultados atingidos.

[CONCLUSÃO] Pudemos concluir, ao final do estudo, que, de fato, não há diferenças relevantes entre alunos cotistas e não cotistas, quanto ao desempenho acadêmico e quanto à sensação de pertencimento dos alunos. Ainda, não se percebe um ambiente político, onde se abra a discussão das cotas e da meritocracia, por exemplo. Porém, trata-se de um resultado válido apenas para a UFU do campus de Patos de Minas, não sendo possível generalizá-lo, uma vez que cada instituição de ensino e seus respectivos campus possuem seus contextos específicos.

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Reflexões teóricas.....	6
2.1 Reflexão teórica acerca das cotas.....	6
2.2 As cotas e os estigmas.....	10
2.3 Reflexão teórica acerca da pergunta de pesquisa.....	11
3. Metodologia.....	12
3.1 Base qualitativa da pesquisa.....	14
3.1.1 Elaboração dos roteiros.....	14
3.1.2 Agendamentos e condução das entrevistas.....	16
3.1.3 Procedimento de análise e codificação aberta.....	16
3.2 Procedimentos da análise quantitativa.....	18
3.3 Desafios do campo.....	21
4. Contextualização da UFU - Patos de Minas.....	21
4.1 Contextualização da política de cotas na UFU.....	21
4.2 Contextualização do perfil dos alunos da UFU.....	24
5. Análise quantitativa.....	25
5.1 Análise das Médias Gerais Acumuladas: por curso, período e modalidade.....	25
5.2 Análise da evasão por modalidade, curso e período.....	31
5.3 Análise das Médias Gerais Acumuladas de todos os cursos entre cotistas e não cotistas.....	33
6. Análise das dimensões	43
6.1 Defasagem.....	44
6.2 Informação sobre o curso e sobre as cotas.....	46
6.3 Satisfação e motivação.....	49
6.4 Desempenho.....	51
6.5 Dimensão política.....	54
7. Devolutiva para a UFU.....	64
8. Considerações Finais.....	66
9. Referências Bibliográficas.....	70
10. Apêndice.....	72

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer, primeiramente, a todos os envolvidos com o GVpesquisa, por ter nos proporcionado uma viagem tão enriquecedora e experiências inesquecíveis, e, em especial, à Isolete Rogesky, que mostrou uma disposição infinita para nos ajudar no que quer que fosse, nos momentos pré, durante e pós viagem, e ao Rafael Alcadipani que muito nos auxiliou na fase anterior à viagem.

Agradecemos, também, a todos os professores, coordenadores e alunos que nos acolheram tão bem na UFU-Patos de Minas, e que emprestaram um pouco de suas histórias e visões de mundo para que pudéssemos compor este trabalho. Gostaríamos de agradecer, principalmente, ao Prof. Peterson Gandolfi, da UFU, responsável por intermediar o contato entre São Paulo e Patos de Minas, e que nos proporcionou a possibilidade de realizarmos este estudo na universidade em que leciona.

Ainda, gostaríamos de agradecer àqueles que tanto nos ajudaram nas reflexões acerca do tema, e na elaboração do relatório. São eles: Paulo Paganini, que nos acompanhou por uma semana da viagem, e teve papel determinante para instigar nossa reflexão, e encaminhar a estrutura do nosso relatório; Marcus Vinicius, que tanto nos auxiliou em relação aos nossos "dilemas de pesquisa", e orientava os melhores caminhos para um relatório mais adequado; e, por fim, um especial agradecimento a André Samartini, que nos ajudou de uma maneira sem igual, a desenvolver uma análise quantitativa mais adequada e coerente com tema de estudo.

“Permitir que todos participem da corrida é uma coisa boa. Mas se os corredores começarem de pontos de partida diferentes, dificilmente será uma corrida justa. [...] ainda que se consiga que todos partam do mesmo ponto, é fácil prever quem serão os vencedores - os corredores mais velozes. Mas ser um corredor veloz não é um mérito totalmente do indivíduo. É algo contingente do ponto de vista moral, da mesma forma que vir de uma família rica é contingente.” (Sandel, 2008, pg.192)

1. Introdução

A política de cotas é um tema extremamente polêmico, e está muito em pauta nos tempos atuais. A partir de agosto de 2012, com a sanção da Lei nº 12.711/2012, 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia passaram a reservar 50% de suas vagas para estudantes oriundos do ensino médio público, sendo as outras 50% das vagas preenchidas pela ampla concorrência.

Trata-se de uma medida que visa corrigir, a curto prazo, uma desigualdade social e racial histórica no Brasil, que acaba gerando fortes impactos na esfera educacional. Pessoas que dispõem de maiores recursos financeiros estudam em escolas particulares, as quais oferecem aos alunos todo o conteúdo necessário para que ingressem em um Ensino Superior de qualidade. Indivíduos com renda escassa, por outro lado, frequentam escolas públicas, que, em sua grande maioria, possuem estruturas precárias e professores pouco qualificados e motivados. Não são treinados, portanto, a prestar vestibular. A política de cotas visa oferecer maiores oportunidades de ingresso no Ensino Superior para alunos que tiveram um ensino de pouca qualidade, e que não viam perspectivas de cursar uma universidade.

Há quem defenda que é necessário olhar a raiz do problema, melhorando a qualidade dos ensinos fundamental e médio, ao invés de facilitar a entrada de alunos "pouco capacitados" no Ensino Superior, reduzindo o nível da universidade, e nivelando por baixo os alunos. Já os defensores de políticas de ação afirmativa acreditam que é necessário uma combinação entre estas e uma melhora no ensino público brasileiro (MOEHLECKE, 2002)

O presente trabalho tem como objetivo estudar a implementação da política de cotas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no campus Patos de Minas (MG). Nossa intenção inicial era responder à seguinte questão: *“Há diferença entre o desempenho de alunos que entraram por cotas e de alunos que não entraram por cotas?”*, dado que o principal argumento de quem se opõe à política de cotas é o fato de reduzir a qualidade da universidade.

Porém, ao longo do estudo percebemos que a variável "desempenho acadêmico" é muito restrita, e limita a nossa análise, para que possamos compreender se há diferenças entre alunos cotistas e não cotistas no que se refere à forma que os alunos se inserem, se identificam e se motivam com a universidade. Assim, com a imersão a campo, nosso objetivo

alterou-se para investigar *"Como se estabelece a relação de pertencimento e identificação do aluno cotista com a Universidade, na ótica de docentes, e alunos?"*.

O trabalho apresenta, primeiramente, uma reflexão teórica, que busca discutir como a desigualdade histórica brasileira se manifesta no âmbito da educação, sendo as ações afirmativas um modo de corrigi-la, a curto prazo. Embora o aluno que entrou por cotas tenha tido a oportunidade - talvez única - de conseguir uma vaga em uma universidade, ele possivelmente carregará, ao longo de sua vida acadêmica, o estigma de "ser cotista" em um espaço que historicamente nunca foi seu.

A seguir, apresentaremos o relato metodológico que descreverá brevemente o nosso trabalho na UFU - Patos de Minas, bem como os métodos de entrevistas qualitativas realizadas, bem como o processo de categorização dos dados obtidos. Ainda, falaremos sobre a pesquisa quantitativa, que tem como base uma tabela de dados, com as notas de todos os alunos da universidade, a partir do 1º semestre de 2013, utilizada para responder à questão acerca da diferença, ou não, de desempenho entre alunos cotistas e não cotistas.

A terceira parte refere-se às análises quantitativas e qualitativas. A segunda será baseada em cinco principais eixos, que buscam discutir a questão do pertencimento dos alunos cotistas e não cotistas na UFU, sob diferentes óticas. São elas: defasagem, informação, satisfação, desempenho, e dimensão política.

Por fim, teremos as considerações finais, em que chegaremos a uma conclusão acerca das diferenças, ou não, entre desempenho dos alunos cotistas e não cotistas, bem como ao pertencimento à universidade. É importante ter em mente que os resultados da pesquisa em questão não podem ser generalizados para demais universidades, dado que cada uma, com seus respectivos campus, possuem contextos específicos e particulares.

2. Reflexões teóricas

2.1 Reflexão teórica acerca das Cotas

O panorama brasileiro contempla, historicamente, uma sociedade extremamente desigual, no que tange não apenas aspectos econômicos, mas também sociais e políticos, afetando a vida dos indivíduos menos privilegiados. Falaremos, neste trabalho, sobre dois principais aspectos da desigualdade no cenário brasileiro. O primeiro diz respeito ao acesso à escolaridade de qualidade, que varia conforme a renda dos indivíduos, tendo como pressuposto que escolas públicas oferecem um ensino com qualidade inferior às escolas

particulares. O segundo aborda a questão do preconceito racial, uma vez que, embora a abolição da escravidão tenha sido um marco para o fim da diferenciação legal entre negros e brancos, o racismo - implícito e explícito - ainda se faz presente na sociedade brasileira.

A pesquisa de "análise das condições de vida da população brasileira", do IBGE (2014), demonstrou que, em 2013, os 20% mais ricos representavam 38,8% dos universitários em instituições públicas, e 43% em privadas. A população com baixa renda permanece sendo a com menor escolaridade, sendo que apenas 20% passa, em média, 5,4 anos na universidade. O Censo demográfico realizado pelo IBGE (2010) aponta que no grupo de pessoas de 15 a 24 anos que frequenta o nível superior, 31,1% dos estudantes são brancos, enquanto apenas 12,8% são pretos e 13,4% pardos. A publicação também mostra que os brancos continuam recebendo salários mais elevados e estudando mais que os negros (pretos e pardos).

Como resposta a problemas com natureza similar aos citados acima, surge o conceito de "ações afirmativas", que podem ser entendidas como políticas de caráter compensatório à injustiças e desigualdades que permeiam a sociedade brasileira moderna (MUNANGA, 2001). A política de cotas é um dos mais conhecidos sistemas de ação afirmativa, e consiste em estabelecer um determinado número ou percentual a ser ocupado em uma área específica, tendo como objetivo a inclusão de grupos minoritários, ou seja, grupos marginalizados da sociedade no mercado de trabalho, ou nos sistemas de ensino de qualidade, por exemplo.

Em síntese, ação afirmativa é "planejar e atuar no sentido de promover a representação de certos tipos de pessoas pertencentes a grupos que têm sido subordinados ou excluídos em determinados empregos ou escolas." (Bergmann, 1996, p.7). É relevante destacar que a ação afirmativa não se limita a compensar uma situação histórica de desigualdade que se sustenta no país por décadas, tendo, também, o forte potencial de garantir uma maior diversidade em ambientes antes elitizados ou, por exemplo, que eram ocupados, majoritariamente, por pessoa brancas.

Há um extenso debate, na sociedade atual, que questiona se a política de cotas é um direito ou um privilégio. Tomemos como ponto de partida o conceito de “Desenvolvimento como Liberdade”, de Amartya Sen: o economista defende que a pobreza deve ser abordada como uma privação de capacidades de um indivíduo, não se limitando um baixo nível de renda (SEN, 1999).

Historicamente, o ensino superior de qualidade é tido como elitista, sendo que determinadas classes sociais adentram o mundo acadêmico enquanto que classes sociais mais baixas estão fadadas ao ciclo da pobreza. A educação é determinante para que um indivíduo possa auferir rendas mais elevadas, já que quanto mais inclusivo for o alcance da educação

básica e dos serviços de saúde, maior será a probabilidade de que mesmo os potencialmente pobres tenham uma chance maior de superar a penúria (Sen, 1999, p.124). Consequentemente, suas oportunidades são expandidas, bem como suas liberdades individuais, conforme aponta o autor: “ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento.” (Sen, 1999, p.33).

O ensino superior não é somente tido como elitista, como também é tido como um ambiente majoritariamente branco. É importante compreender que a questão racial tem relação direta com a desigualdade de renda. Por mais que um indivíduo negro seja rico, seu potencial de transformar capacidades em liberdades individuais é menor devido justamente à discriminação. Sen (1999) defende que existem outras influências sobre a privação de capacidades, além do baixo nível de renda. A renda, embora de extrema importância, não é o único instrumento de geração de capacidades. Ideias, costumes e preconceitos socialmente construídos são igualmente importantes. (SEN, 1999).

Outra polêmica se dá no âmbito racial: enquanto defensores da política de cotas enxergam nela o meio para a redução da discriminação racial, dado que inclui os negros em locais que nunca foram abertos a eles, há quem afirme que tal medida consolida a discriminação racial, já que parte do pressuposto de que o negro é inferior. Por outro lado, há autores com opinião distinta, como Munanga (2001):

Em uma sociedade racista, em que comportamentos racistas são difundidos no tecido social e na cultura, a cota obrigatória se confirma como uma garantia de acesso e de permanência dos negros aos espaços e setores da sociedade até hoje majoritariamente reservados à 'casta' branca da sociedade. Sendo assim, o uso das cotas seria uma ferramenta transitória, que esperaria o processo de amadurecimento da sociedade global na construção de sua democracia e plena cidadania. (Munanga, 2001, pg. 34)

A história brasileira remete ao passado sombrio da escravidão. Mesmo após a abolição, não houve nenhum projeto de (re)inserção do negro na sociedade brasileira. Por mais que os negros, que até então eram tratados como mercadoria, fossem livres, o legado da cultura escravocrata fez com que o preconceito racial se enraizasse no Brasil. A abolição fez com que os senhores se preocupassem apenas com seus próprios problemas, referentes à crise da lavoura, por exemplo, enquanto a integração do negro à sociedade e no sistema de trabalho não se tornaram matéria política (FERNANDES, 1964).

A raiz de toda essa discussão está na necessidade de tratar desigualmente os desiguais. O tratamento não diferenciado às pessoas que possuem maiores dificuldades de acesso à determinadas liberdades do que outras acaba agravando suas situações. Ainda, em uma sociedade que concede tanto peso para a meritocracia, ou seja, que possui a ideia de que empregos e oportunidades são apenas para quem, de fato, se esforçou para tal e, portanto, fez por merecer, é injusto pensar em avaliar a todos do mesmo modo, sendo que seus pontos de partida muito diferem (MOEHLECKE, 2002).

Ao tornarmos “A Questão da Equidade”, de John Rawls, um dos conceitos centrais na discussão sobre ações afirmativas, pode-se enxergar que as cotas vão muito além de uma questão compensatória, ou de promoção de diversidade. As cotas são fundamentalmente uma questão de justiça social: classes sociais menos favorecidas devem contar com as mesmas oportunidades de desenvolvimento que classes sociais mais favorecidas.

A entrada na universidade é extremamente concorrida e, muitas vezes, injusta, dado que determinadas parcelas da sociedade possuem maiores privilégios em relação à outras. Tais privilégios estão diretamente associados à questão da renda, a qual abre portas para um ensino particular de qualidade e para a possibilidade de maior tempo de estudo, por exemplo. A renda, portanto, é um fator determinante para estimular a desigualdade entre indivíduos, contribuindo para deslegitimar a ideia de que a meritocracia é o meio mais justo para aprovar alunos nos processos de vestibular (MOEHLECKE, 2004). Na concepção positiva da sociedade, são raras as vezes em que, de fato, se merece algo, dado que privilégios são injustos. Sandel (2008), ilustra essa ideia:

Permitir que todos participem da corrida é uma coisa boa. Mas se os corredores começarem de pontos de partida diferentes, dificilmente será uma corrida justa. [...] ainda que se consiga que todos partam do mesmo ponto, é fácil prever quem serão os vencedores - os corredores mais velozes. Mas ser um corredor veloz não é um mérito totalmente do indivíduo. É algo contingente do ponto de vista moral, da mesma forma que vir de uma família rica é contingente. (Sandel, 2008, pg.192)

As cotas oferecem oportunidades de educação para todos, possibilitando que os menos privilegiadas, oriundos de famílias de baixa renda, possam competir em situação de igualdade com os que possuem origens mais privilegiadas. A pesquisa Síntese de Indicadores Sociais (SIS) (2014), divulgada pelo IBGE, ilustra essa ideia. Em 2004, apenas 1,7% dos indivíduos pertencentes aos 20% mais pobres tinham acesso ao Ensino Superior público. Em 2013, esse número aumentou para 7,2%. O sistema de cotas foi uma política importante,

apesar de não a única, no sentido de ampliar o acesso à universidade pública. A equidade pressupõe tratamento desigual para desiguais, sendo que o objetivo central é estabelecer um patamar de igualdade para que, de fato, a meritocracia torne-se justa e incluyente. O “fazer por merecer”, portanto, requer condições iguais de competição.

2.2 As cotas e os estigmas

A partir da contextualização acerca do significado das cotas, bem como de algumas das teorias relacionadas à essa política, é interessante destacar que o presente trabalho tem como objetivo compreender se há diferença no desempenho entre os alunos cotistas e não cotistas. Ao longo da pesquisa a campo, ouvimos que após a implementação da política de cotas na UFU, o nível da universidade decaiu, visto que os alunos que entraram através das cotas dispunham de uma base conteudista inferior àquela dos alunos que entraram por ampla concorrência. Esse discurso é disseminado pelo senso comum da sociedade brasileira, e nele percebe-se a criação de um *estigma* sobre o aluno cotista.

Identities dizem respeito às representações que os indivíduos elaboram sobre si mesmos e os outros, sendo construídas na relação do indivíduo com o outro (indivíduo, grupo, ou organização, por exemplo), como resultado dos diversos processos de socialização (DUBAR, 1997), sendo as organizações (podemos pensar em universidades) um espaço privilegiado de construção de identidades e de definições de si e dos outros. (SANSALIEU, 1997)

As identidades desenvolvidas no ambiente universitário, portanto, acabam, muitas vezes, se apoiando em estigmas. Claro, há questões que muito diferenciam as problemáticas dos cotistas que se identificam como sendo de origem preta, parda ou indígena (PPI), daqueles que não se identificam como tal.

No que se refere aos cotistas que não se identificam como PPI, é importante destacar que muito embora a questão racial não interfira nesse grupo, em um ambiente universitário é comum surgir o debate acerca da legitimidade do aluno cotista nesse lugar, ideia esta sustentada pelo argumento de que ele não está no mesmo nível dos demais. Assim, o aluno cotista pode carregar consigo a ideia de diferenciado ou estranho, em relação aos alunos que ingressaram por ampla concorrência. Tal comparação é fruto de estereótipos socialmente formados, impostos e aceitos dentro da sociedade e da universidade, que são usados como parâmetros de avaliação e justificação dos pertencentes a ambientes sociais adequadamente caracterizados (SILVA, 2013).

A questão para os alunos que entraram através das cotas raciais pode ser mais profunda. A política de cotas, apesar de facilitar o acesso ao ensino superior, não significa a isenção da discriminação, e a valorização da cultura negra. Trata-se mais de "um elemento importante para a centralização da visibilidade negra no espaço acadêmico, onde a figura do negro é posta em questão como sujeito (in)capaz de dividir o mesmo espaço que os indivíduos de cor branca." (Silva, 2013, pg. 185). Percebe-se, portanto, que o cotista negro sofre não apenas com a ideia da falta de legitimidade no ambiente universitário, mas, também, com a questão de pertencer e se adequar a um lugar que nunca foi seu, mas sim, majoritariamente, dos brancos.

Goffman (1993) descreve o estigma como sendo a referência a um atributo de descrédito do indivíduo:

Enquanto o estranho está a nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estraga ou diminuída. (GOFFMAN, 2008. p. 12)

Sob a perspectiva de nosso trabalho, a questão das cotas deve transcender a análise do desempenho dos alunos, focando em uma problemática anterior: o pertencimento e a identidade do aluno na universidade. Nesse sentido, a política afirmativa tem a principal função de assegurar e reestabelecer nos grupos socialmente marginalizados a auto estima, facilitando o caminho para que eles encontrem maiores possibilidades de enfrentamento dos estigmas e estereótipos socialmente impostos, resgatando a identidade e reafirmando a igualdade (Santos, 2007).

2.3 Reflexão teórica acerca da pergunta de pesquisa

Percebemos que o desempenho do alunato, ou seja, a nota, é apenas uma das várias alternativas de avaliação. Sendo assim, ao priorizar a avaliação por desempenho, atributos como comportamento, comprometimento, participação e contribuição para a comunidade são deixados de lado. Tais atributos são, de fato, menos importantes do que o desempenho, propriamente dito? É compreensível que a avaliação por desempenho seja um esforço para que a própria avaliação se torne mais impessoal, menos subjetiva e mais justa. No entanto, a

nota não é o único critério que deve ser utilizado. Além de desmotivar os alunos, a avaliação com base na nota pode frustrar e desestimular o aprendizado.

Nesse sentido, o presente trabalho, tem como principal intuito entender como se estabelece a relação de pertencimento e identificação do aluno cotista com a Universidade. Mesmo que haja uma diferença no desempenho, essa desigualdade é evidenciada única e exclusivamente devido à “má educação prévia” de alunos cotistas? Tal discrepância, se evidenciada, não teria relação com a ideia socialmente construída ao longo do tempo, de que para classes mais baixas, a universidade é um não-lugar? Para se pensar nisso, é interessante refletir que enquanto a palavra "desempenho" remete, indiscutivelmente, à **mensuração**, as palavras pertencimento e identificação remetem a **estabelecimento**. Ou seja, o desempenho é algo posterior e que depende, em larga escala, da relação de pertencimento e de identificação que se estabelece com a Universidade.

3. Metodologia

Tendo em vista ambas perguntas de pesquisa, nos propomos a fazer duas análises cruciais para o entendimento e diagnóstico da implementação da política de cotas na UFU. Através da base de dados quantitativa, disponibilizada pela UFU, pretendemos responder à questão referente à diferença, ou não, de desempenho acadêmico entre os alunos que entraram, ou não, por cotas.

A segunda análise é baseada nas 55 entrevistas realizadas, de caráter qualitativo. Desenvolvemos cinco categorias de análise, a partir do processo de categorização de dados (será aprofundado na seção de 3.1.3), a fim de descrever o sentimento de pertencimento dos alunos cotistas e não cotistas à UFU. Não pretendemos esgotar o assunto, mas sim, problematizar a questão do pertencimento à universidade, através de cinco dimensões, obtidas a partir das categorias de análise, que visam orientar e organizar a análise qualitativa. São elas:

Defasagem

A categoria *defasagem* visa problematizar a educação recebida pelos alunos antes de entrarem na UFU, buscando observar quais são os desdobramentos na *vivência universitária*: como foi a educação do aluno antes de entrar na UFU? Quais as maiores críticas? A educação anterior do aluno influenciou o momento de entrada na universidade ou a adaptação a ela? Há diferenças claras entre as dificuldades acadêmicas dos alunos cotistas ou não cotistas?

Informação sobre o curso

A categoria *informação* contempla a *preparação para a universidade*: o que aluno o conhecia do curso antes de entrar na universidade? Esta categoria busca compreender a quantidade de informações disponíveis que os alunos dispunham ao tomarem decisões como o curso e faculdade que prestariam.

Satisfação e motivação

Satisfação e motivação dizem respeito à *vida universitária*: o aluno está satisfeito com a universidade? O aluno está satisfeito com o curso? Se possível, o que o aluno mudaria? Como se dá a relação do aluno com o ambiente universitário? Esta categoria tem como objetivo detectar quais são as variáveis que determinam a satisfação e motivação do aluno, bem como a sua sensação de pertencimento à universidade.

Desempenho

Em *desempenho*, buscamos compreender quais são as variáveis que determinam o desempenho do aluno, buscamos compreender também se, na ótica do aluno, o desempenho é a única alternativa de avaliação: o Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) é suficiente para avaliar o aluno? O que faz de um aluno, um bom aluno? Outros atributos como envolvimento e participação deveriam ser levados em conta ao avaliar o aluno?

Dimensão política

Busca compreender também se há espaço para a realização discussões que vão além das matérias dadas em sala: há espaço para que diferentes opiniões apareçam? O tema “cotas” é discutido? Há discriminação? A universidade desenvolve senso crítico nos alunos? Dentro dessas questões, vamos observar se elas influenciam noção de pertencimento do aluno ao espaço da UFU, seja ele cotista ou não cotista.

3.1 Base qualitativa da pesquisa

No que diz respeito à pesquisa qualitativa, fizemos 55 entrevistas com atores relacionados à UFU. Um roteiro previamente elaborado serviu de base para todas as entrevistas e, dentre os entrevistados, havia 5 categorias distintas: cotistas, não cotistas,

professores e coordenadores, representação discente (desde núcleos de estudos até o Diretório Acadêmico Central) e por fim, Assistência Social. Portanto 5 roteiros distintos foram feitos.

3.1.1 Elaboração dos roteiros

Para que os roteiros de pesquisa previamente elaborados fossem testados, uma entrevista piloto foi feita com o objetivo de indicar qual seria o conteúdo que precisaríamos nos aprofundar.

O roteiro para os alunos, em sua totalidade, seguiu uma ordem cronológica. Iniciava explorando aspectos da vida do aluno anterior à sua entrada na UFU, buscando compreender as condições sociais e financeiras da família, o seu histórico educacional, e o motivo pelo qual optou entrar na UFU de Patos de Minas. Em seguida, analisamos a relação do aluno com a universidade, no que diz respeito à facilidade de se adaptar ao ambiente, e à relação com o corpo docente, com seus colegas e com a coordenação. Por fim, instigamos sua reflexão, perguntando o seu posicionamento sobre cotas e buscando entender se percebiam diferenças significativas entre os alunos cotistas e não cotistas, no que tange o desempenho e o envolvimento com a universidade.

Já o roteiro dos professores tinha a função de perceber se, na visão deles, havia diferença entre o desempenho e o envolvimento dos alunos que entraram por ampla concorrência e dos que entraram por cotas. Ainda, buscamos compreender o posicionamento acerca da política de cotas de cada um e se as cotas alteraram a dinâmica de suas aulas.

O roteiro para a assistente social foi mais focado na compreensão burocrática do funcionamento das bolsas para os alunos que possuem necessidades econômicas, e precisam dispor de auxílios como alimentação e moradia.

Por fim, entrevistamos alguns representantes de entidades estudantis, com o objetivo de analisar se há distinção no tratamento dos alunos cotistas ou não cotistas, e se há alguma iniciativa direcionada para esses alunos no ambiente universitário. Com essas pessoas, também aplicamos o roteiro direcionado aos alunos.

É importante destacar que as perguntas eram continuamente redefinidas, conforme os objetivos que desejávamos alcançar. Percebíamos, ao longo do tempo, que algumas questões estavam enviesadas, e outras eram desnecessárias, por exemplo. Os roteiros finais estão anexados ao final do trabalho.

Abaixo, segue uma sumarização das entrevistas, conforme o curso e a forma de ingresso - cotas ou ampla concorrência. É relevante dizer que não distinguimos os alunos

cotistas entre as diversas modalidades existentes, citadas na introdução, já que não tínhamos o objetivo de identificar em qual delas os alunos se enquadravam. Assim, consideramos como cotistas qualquer um que ingressou na universidade com o por meio de ações afirmativas.

Como há aproximadamente, 346 alunos não cotistas, e 103 alunos cotistas, até o 1º semestre de 2015, sabemos que conseguimos entrevistar 20% dos cotistas, 6% dos não cotistas, e 10% da população geral da UFU, aproximadamente.

Tabela 1: alunos entrevistados por curso

AMOSTRA NÃO COTISTAS		
Engenharia de Alimentos	7	33%
Telecom	7	33%
Biotechnology	7	33%
Total	21	100%

AMOSTRA COTISTAS		
Engenharia de Alimentos	4	19%
Telecom	8	38%
Biotechnology	9	43%
TOTAL	21	100%

AMOSTRA GERAL		
Engenharia de Alimentos	11	26%
Telecom	15	36%
Biotechnology	16	38%
Total	42	100%

Fonte: elaboração própria

Em relação aos demais entrevistados, conversamos com 6 professores, 4 coordenadores e 1 assistente social. Ainda, entrevistamos duas pessoas no campus de Uberlândia: uma representante do Diretório Central dos Estudantes, e outra representante do Núcleo de Estudos Afrodescendentes. Ambas organizações têm como característica a intensão de não restringir suas ações à UFU de Uberlândia, tentando intervir na UFU como um todo.

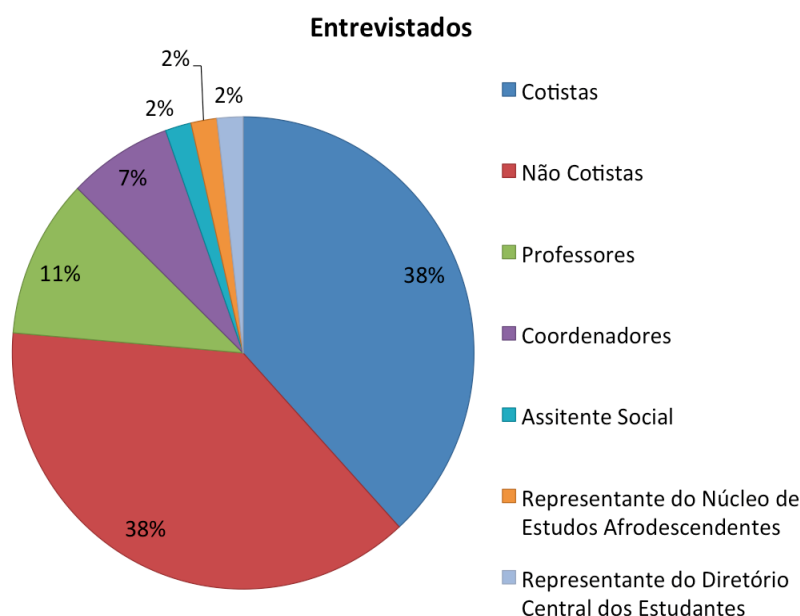


Gráfico 1: proporção de atores entrevistados. Fonte: elaboração própria

3.1.2 Agendamentos e condução das entrevistas

É importante destacar que para conduzir a pesquisa, contamos com o apoio do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (CIEPS) da UFU, cujo representante era o prof. Peterson Gandolfi. Foi a partir do auxílio do CIEPS que conseguimos interagir com a universidade, visto que éramos estrangeiros naquele contexto. Três estudantes da UFU, uma de cada curso, nos auxiliaram durante a primeira semana no agendamento.

Após uma semana, percebemos uma mobilização dos próprios alunos entrevistados para nos auxiliar no processo de conseguir mais entrevistas. Além disso, o tema começou a despertar o interesse nos próprios alunos, havendo momentos em que os próprios nos abordavam, perguntando se poderiam ser entrevistados.

3.1.3 Procedimento de análise e codificação aberta

Após realizadas as entrevistas com todos os atores, se mostraram necessários debates e trocas de impressões entre a dupla. Coletamos muitas informações, vistas sob diversas perspectivas. Ainda, nós dois carregávamos conosco nossas respectivas visões de mundo, havendo uma clara orientação ideológica ao longo do estudo.

A fim de conseguirmos organizar as informações obtidas, e elaborarmos uma argumentação lógica, usamos o método de *codificação aberta* em duas etapas. Em linhas gerais, trata-se de um processo analítico por meio do qual conceitos são identificados nas entrevistas, bem como suas propriedades e dimensões. Ao conceituar, a grande quantidade de dados contidos nas entrevistas é reduzida a blocos de dados menores e mais administráveis (STRAUSS e CORBIN, 2008).

Primeiramente, a partir de duas entrevistas distintas, fizemos a *análise linha por linha*. A cada linha, era possível depreender conceitos diversos, classificando assim, ideias similares, e separando as diferentes. Isso contribuiu para que pudéssemos pensar em imagens que transcendessem, ou não, perspectivas e noções culturais com as quais já estávamos habituados, contidas nos textos, classificando fenômenos de maneiras não pensadas por nós, até então. Após refletirmos sobre os conceitos, agrupamo-os em categoriais de ordem mais alta, que unissem em um só bloco conceitos similares. Isso facilitou o estudo das entrevistas, reduzindo as unidades de análise trabalhadas.

Após termos uma noção das categorias com as quais gostaríamos de trabalhar, optamos por codificar *frases ou parágrafos inteiros* de cada entrevista, tentando nomeá-los de acordo com suas ideias principais. Percebemos que, dentre a grande maioria das conversas, apareciam categorias muito parecidas - visto que realizamos entrevistas semiestruturadas -, apesar de que, em algumas, surgiam temas inéditos, ampliando as possibilidades de categorização.

Para fins ilustrativos, colocamos um trecho de uma entrevista para que fique mais claro o procedimento de análise adotado:

"Só estudei na escola pública mesmo. O ensino era muito básico. Queixa eu nem tinha tanto. Era o que escola pública tinha pra oferecer mesmo." (Helena, alimentos, não cotista)

"Acho que aqui por ser uma universidade de exatas, a gente não tem esse lado de política. Se tivessem mais debates políticos, seria até bom colocar em questão as cotas, mas não sei como seria a adesão."
(Luiza, Engenharia de Telecomunicações, não cotista)

Na análise por frases, classificamos o trecho sublinhado na categoria "Defasagem", que procura entender como foi a formação do aluno anteriormente à universidade. Já o trecho

em itálico corresponde à categoria "Dimensão Política". Tal trecho busca responder como se manifestam os debates políticos na UFU.

A maioria das frases ou parágrafos das entrevistas transcritas foram categorizadas de acordo com esse método. Após chegarmos em, aproximadamente, 40 diferentes grandes categorias, passamos a pensar em modos de agrupá-las, a fim de formar uma linha de raciocínio da pesquisa, e tornar os dados mais claros e objetivos para os leitores e para nós mesmos. Após muitos debates, chegamos às seguintes dimensões, responsáveis por nos auxiliar no procedimento de análise do estudo realizado: defasagem, informação, satisfação, desempenho e dimensão política.

Cada categoria de análise está intimamente ligada com a pergunta de pesquisa, procurando responder como, e se, cada um delas afeta a sensação de pertencimento do aluno em relação à universidade, a partir de diferentes perspectivas. As categorias podem ser vistas na tabela a seguir, com suas respectivas explicações.

Defasagem	Observa a qualidade da educação anterior do aluno. Ela teve influência na entrada do aluno na UFU?
Informação	O que o aluno conhecia do curso antes de entrar na UFU?
Satisfação	Quais as variáveis que afetam o nível de satisfação do aluno em relação à universidade? O aluno está satisfeito?
Desempenho	O Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) é suficiente para mensurar o bom ou o mau desempenho do aluno?
Dimensão política	Existe um espaço na universidade onde se discuta o sistema de cotas, para que diferentes opiniões apareçam?

Quadro 1: dimensões de análise da pesquisa e seus significados. Fonte: elaboração própria

3.2 Procedimentos da análise quantitativa

A UFU disponibilizou uma base de dados com as principais variáveis para a análise: nome do curso (Biotecnologia, Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações, Engenharia de Alimentos), forma de ingresso (vestibular, SISU ou PAAES), modalidade pela qual entrou (cotista ou não cotista), ano e período do ingresso, formas de evasão e Média Geral Acumulada (MGA) de cada período letivo, além da MGA geral, isto é, a média de todas as MGA dos períodos. A tabela conta com 278 alunos, ingressos na UFU a partir do 1º semestre de 2013, até o 2º semestre de 2014.

É relevante apontar o método através do qual se calcula a MGA. Trata-se de uma média ponderada, obtida através da carga horária e das notas obtidas pelo aluno, cuja nota mínima é zero, e a máxima é cem. Assim, é uma medida que leva em conta não apenas as notas dos alunos, mas também a frequência às aulas.

$$MGA = \frac{\sum_{i=1}^n X_i \cdot W_i}{\sum_{i=1}^n W_i}$$

Onde:

X_i : é a nota obtida em cada disciplina;

W_i : é a carga horária de cada disciplina.

Figura 1: Equação da MGA. Fonte: FAMAT-UFU

Para fazer a análise, partimos de alguns pressupostos:

1. Consideramos na categoria "cotistas" os alunos que entraram pelo PAAES, uma vez que se trata de uma política de ação afirmativa;
2. Não fizemos distinção entre as notas dos cotistas que entraram pelas diferentes modalidades;
3. Consideramos como **desistentes informais** os alunos que apresentaram MGA igual a zero a partir de determinado período, visto que não é possível que em uma escala de 0 a 100, o aluno tenha permanecido na universidade e tenha MGA igual a zero;
4. Há alunos que apresentam MGA no intervalo entre 0 e 10, em uma escala de 100. Esse valor, tão baixo, pode ser decorrência tanto da desistência do aluno no meio do período letivo, quanto de uma grande dificuldade em termos de conteúdo. Como não cabe a nós decidir qual das opções é a real, mantivemos esses casos na nossa base de dados, porém, é necessário atentar para os valores do **desvio padrão das médias**;

5. A comparação entre as MGAs gerais de todos os cursos, entre todos os períodos pode gerar certa distorção, dado que há períodos que são mais difíceis que outros. Por isso, optamos por padronizar as MGAs gerais, e conseguir fazer essa comparação de modo mais legítimo.

Seguimos os seguintes passos para o desenvolvimento do estudo quantitativo:

1. Separar os diferentes **cursos**;
2. Dentro de cada curso, separar os alunos em **turmas**, tendo em vista o **ano e período de ingresso** (Ex: turma Biotec, 2013-1, isto é, ingressos em Biotecnologia, no 1º semestre de 2013);
3. Dentro de cada turma, separar os **alunos cotistas** dos **não cotistas**;
4. Em cada categoria de alunos, retirar os **desistentes formais**, isto é, que se desmatricularam da universidade formalmente, segundo o banco de dados;
5. Em cada categoria de alunos, retirar aqueles que apresentam **MGA igual a zero**, a partir de determinado período (**desistentes informais**);
6. Retirados os desistentes (formais e informais), fazer a média das MGAs de cada período, de cada curso, distinguindo as notas dos cotistas e não cotistas, **sem diferenciar as turmas**, de modo a deixar o resultado o menos pessoal possível.

Considerando que analisamos 4 períodos distintos, cada curso conta com 4 turmas, que vivenciaram quantidades diferentes de períodos. Tendo isso como base, para calcularmos as médias de cada período entre cotistas e não cotistas, decidimos calcular as MGAs de todos os primeiros períodos de cada turma, além dos desvios padrão. Assim, calculamos a média das MGAs de todos os 1ºs períodos (circulados em vermelho), de todas as turmas, como é ilustrado na imagem abaixo.

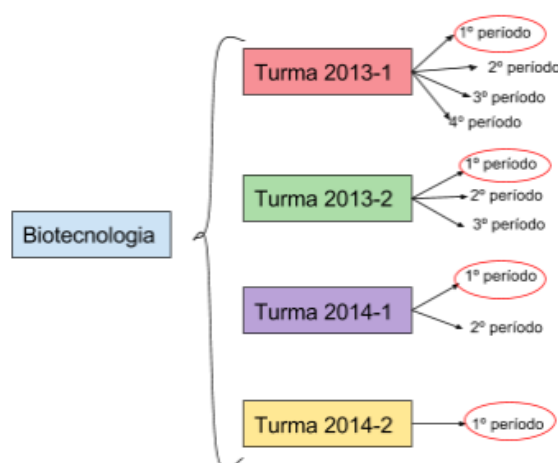


Figura 2: Esquema para compreensão da análise quantitativa. Fonte: Elaboração própria

O mesmo procedimento foi repetido para os demais períodos do curso de Biotecnologia, assim como para os dois outros cursos do campus Patos de Minas. O resultado das análises pode ser encontrado na seção 4.1.

No que diz respeito à taxa de evasão dos alunos, também fizemos uma análise a fim de entender se havia relação entre a evasão e o fato de o aluno ser ou não cotista. Para isso, fizemos uma tabela dinâmica, em que foi possível observar se havia maior evasão em algum curso específico, bem como a relação entre o aluno ter, ou não, entrado por cotas e a taxa de evasão. Nesse sentido, é importante lembrar-se de que consideramos alunos com MGA igual a zero como **desistentes informais**, mesmo que no banco de dados eles ainda apareçam como alunos com vínculo com a UFU.

3.3 Desafios do campo

Um dos maiores desafios da pesquisa foi lidar com o fim do período letivo. No início, eram poucas as pessoas dispostas a serem entrevistadas devido às provas, mas, com o passar do tempo e com nossa adaptação à universidade, os alunos se mostraram bastante abertos e dispostos a nos auxiliar com o estudo.

Outro grande desafio foi compreender a relação do aluno cotista com a cota. Muitos alunos que se autodenominam negros e que entraram por cotas eram contra as cotas de maneira bastante efusiva. Como lidar com uma situação dessas? Ademais, a questão da relativização do preconceito nos chamou bastante atenção; muitos alunos disseram que nunca haviam sofrido nenhum tipo de preconceito racial, no entanto vários relatos nos mostram o contrário, ou seja: o que pra nós é preconceito pode não ser para os outros. Essas questões, apesar de complexas, geraram inúmeras reflexões e incrementaram nosso aprendizado, no que diz respeito a “abrir nossa mente” quanto à prática de escutar, e buscar entender diferentes pontos de vista, ao invés de impor e aceitar os nossos como se fossem os certos.

Ainda, no que se refere à análise quantitativa tivemos bastante dificuldade em organizar os dados, e pensar em modos visuais e claros de apresentar os resultados obtidos no relatório. Contamos com a ajuda de professores da FGV, a fim de nos auxiliar nesse processo.

4. Contextualização da UFU

4.1 Contextualização da política de cotas na UFU

Antes da vigência da Lei de Cotas na UFU, a universidade contava, desde 2008, com o Programa de Ação Afirmativa de Ingresso no Ensino Superior (PAAES), que tinha como principal objetivo a democratização do acesso ao ensino superior. O PAAES era um instrumento que avaliava o desempenho do aluno ao longo do ensino médio, através de três provas sucessivas, uma a cada ano do colegial. O programa era uma iniciativa da própria universidade, e visava preencher 50% das vagas de cursos com entrada semestral e 25% das vagas de cursos com entrada anual e era destinado a alunos que estivessem matriculados no ensino médio da rede pública. É importante destacar que esta foi uma iniciativa da UFU, apenas, e que a universidade já estava sensibilizada em relação ao tema das ações afirmativas, mesmo antes da Lei de Cotas ser promulgada.

Em 2012, o Conselho de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia decidiu extinguir o programa e aplicar a Lei Federal de Cotas Sociais e Raciais. Porém, os subprogramas 2011/2014 e 2010/2013 do PAAES foram realizados, de modo a não prejudicar os alunos que já haviam iniciado o processo avaliativo. Este estudo tem como foco tanto os alunos que tenham entrado pela Lei de Cotas, como pelo PAAES, apesar de que a partir do 2º semestre de 2014 o PAAES já não estava mais em vigor na UFU.

No que se refere à Lei de Cotas, há uma subdivisão das 50% das vagas destinadas às chamadas "cotas". Metade delas são atribuídas a alunos de escola pública, com renda familiar bruta inferior a 1,5 salários mínimos per capita, e, a outra, a alunos de escola pública com renda familiar superior a 1,5 salários mínimos. Ainda, em ambos os casos, reserva-se um número de vagas para pessoas que se declaram pretas, pardas ou indígenas, definidas pela proporção da população autodeclarada nestas categorias no estado em que se encontra a instituição de ensino, a partir dos dados do último censo disponível, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A imagem abaixo é útil para compreender essa regra:

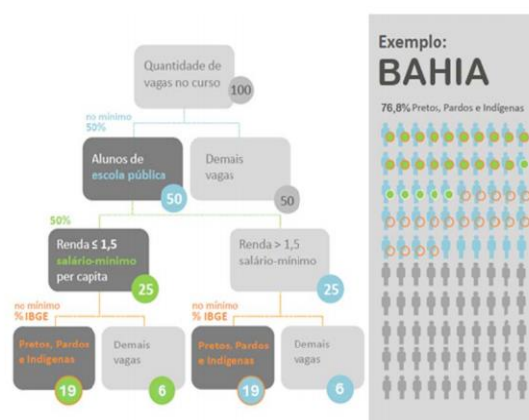


Figura 3: Esquema para compreensão do sistema de cotas. Fonte: Ministério da Educação

Dado o panorama geral de como funciona o sistema de cotas em Universidades Federais no Brasil, vamos estudar, especificamente, a implementação da política de cotas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no campus Patos de Minas (MG). Para fins ilustrativos, colocamos, a seguir, a proporção de vagas destinadas a cada modalidade no campus de Patos, bem como o significado de cada modalidade.

Modalidade 1 - Portaria Normativa MEC nº18/2012 - alínea "a" do inciso I do art. 14: Estudantes egressos de escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo per capita, que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas.

Modalidade 2 - Portaria Normativa MEC nº18/2012 - alínea "b" do inciso I do art. 14: Estudantes egressos de escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo per capita, que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas

Modalidade 3 - Portaria Normativa MEC nº18/2012 - alínea "a" do inciso II do art. 14: Estudantes egressos de escolas públicas, com renda familiar bruta superior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo per capita, que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas

Modalidade 4 - Portaria Normativa MEC nº18/2012 - alínea "b" do inciso II do art. 14: Estudantes egressos de escolas públicas, com renda familiar bruta superior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo per capita, que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas

Modalidade 5 - Portaria Normativa MEC nº18/2012 - inciso III do art. 14: Demais estudantes (Ampla Concorrência)

VAGAS PROCESSO SELETIVO 2015-2									
CURSO	GRAU	TURNO	GRUPO*	VAGAS					
				TOTAIS	M1	M2	M3	M4	M5
PATOS DE MINAS (MG) - CAMPUS PATOS DE MINAS									
Biotecnologia	Bacharelado	Integral	I	30	5	3	4	3	15
Engenharia de Alimentos	Bacharelado	Integral	II	30	5	3	4	3	15
Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações	Bacharelado	Integral	II	30	5	3	4	3	15

A UFU possui campus em quatro cidades de Minas Gerais: Uberlândia, Ituiutaba, Monte Carmelo e Patos de Minas. No campus Patos de Minas, são ministrados apenas três cursos: Biotecnologia, Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações e Engenharia de Alimentos. É importante destacar que a UFU - Patos de Minas está em funcionamento desde 2010, sendo assim, uma universidade ainda muito recente. Não dispõe de campus próprio, ainda, sendo que, atualmente, aluga um bloco da UNIPAM (Centro Universitário de Patos de Minas), universidade privada com nome conhecido na região, devido à sua grandeza e à variedade de cursos oferecidos.

A política de cotas entrou em vigor na UFU Patos de Minas a partir do primeiro semestre de 2013. Desde então, pouco se fala sobre essa política dentro da universidade, assim como nenhuma pesquisa acerca da performance dos alunos que entraram por cotas foi realizada.

4.2 Contextualização sobre o perfil dos alunos entrevistados

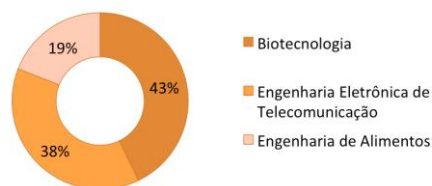
Buscamos, ao longo da pesquisa qualitativa identificar os diferentes perfis de alunos que estudam na UFU, e principalmente, responder se há muita diferença no que tange o perfil de alunos cotistas e não cotistas.

Ao todo foram 42 alunos entrevistados, sendo que 21 deles eram cotistas e os outros 21 eram não cotistas. Dos 21 cotistas, 19% dos alunos são de Engenharia de Alimentos, 38% são

de Engenharia Eletrônica de Telecomunicação e 43% são de Biotecnologia. Já os 21 alunos não cotistas têm a seguinte composição: 34% de Biotecnologia, 33% de Engenharia de Alimentos e 33% de Engenharia Eletrônica de Telecomunicação.

Ainda sobre o perfil dos alunos entrevistados, 24 dos 42 alunos (57%) são mulheres, enquanto que 18 (43%) são homens.

Quantos alunos cotistas de cada curso foram entrevistados?



Quantos alunos não cotistas de cada curso foram entrevistados?

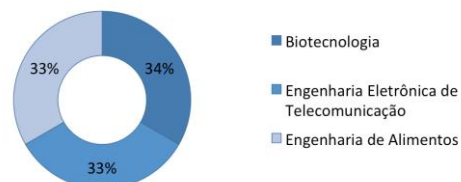


Gráfico 2: proporção de alunos cotistas e não cotistas entrevistados por curso.
Fonte: Elaboração própria.



Gráfico 3: Gênero dos entrevistados. Fonte: Elaboração própria.

Ainda, é perceptível uma diferença na quantidade de entrevistados cotistas e não cotistas que têm algum tipo de bolsa. Porém, pode-se observar, também, que há uma quantidade considerável de não cotistas que não têm bolsa, mas precisam, não sendo possível apontar uma discrepância tão clara entre o perfil socioeconômico dos cotistas e não cotistas.

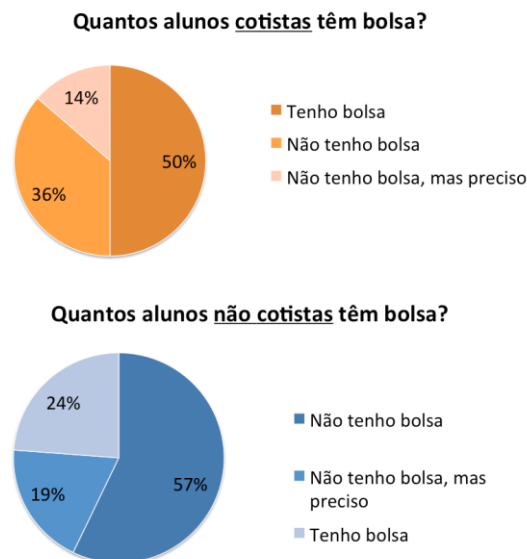


Gráfico 4: proporção de cotistas e não cotistas que têm bolsa. Fonte: Elaboração própria.

5. Análise quantitativa

Considerando que a pesquisa visa responder a duas questões que possuem métodos de análise muito distintos, apontaremos, nessa seção, a análise quantitativa, sendo sustentada pela tabela de dados disponibilizada pela UFU, com as Médias Gerais Acumuladas dos alunos dos três cursos, a partir do primeiro semestre de 2013.

5.1 Análise das Médias Gerais Acumuladas: por curso, período e modalidade

Após seguirmos os procedimentos de análise verificados na seção 3.2, chegamos aos seguintes resultados, no que se refere às Médias Gerais Acumuladas, entre os diferentes períodos e entre os três cursos:

ENGENHARIA ELETRÔNICA E DE TELECOMUNICAÇÕES		
1º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	56,41	23,27
Não cotistas	63,71	23,51
2º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	51,99	21,8
Não cotistas	52,87	25,64
3º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	55,14	24,48
Não cotistas	56,86	23,62
4º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	55,64	7,05
Não cotistas	57,35	17,93

Tabela 2: Médias turmas de Telecom.

Fonte: Elaboração própria

ENGENHARIA DE ALIMENTOS		
1º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	61,16	25,1
Não cotistas	54,03	25,74
2º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	63,63	17,79
Não cotistas	50,38	27,01
3º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	67,04	15,76
Não cotistas	62,56	13,81
4º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	66,18	18,34
Não cotistas	57,01	24,82

Tabela 3: Médias turma de Alimentos.

Fonte: Elaboração própria

BIOTECNOLOGIA		
1º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	64,92	20,7
Não cotistas	68,58	19,77
2º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	63,23	18,77
Não cotistas	63,36	18,46
3º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	67,48	22,76
Não cotistas	64,81	23,04
4º PERÍODO	Média	Desvio Padrão
Cotistas	73,49	9,13
Não cotistas	78,49	10,85

Tabela 4: Médias turma de Biotecnologia.

Fonte: Elaboração própria

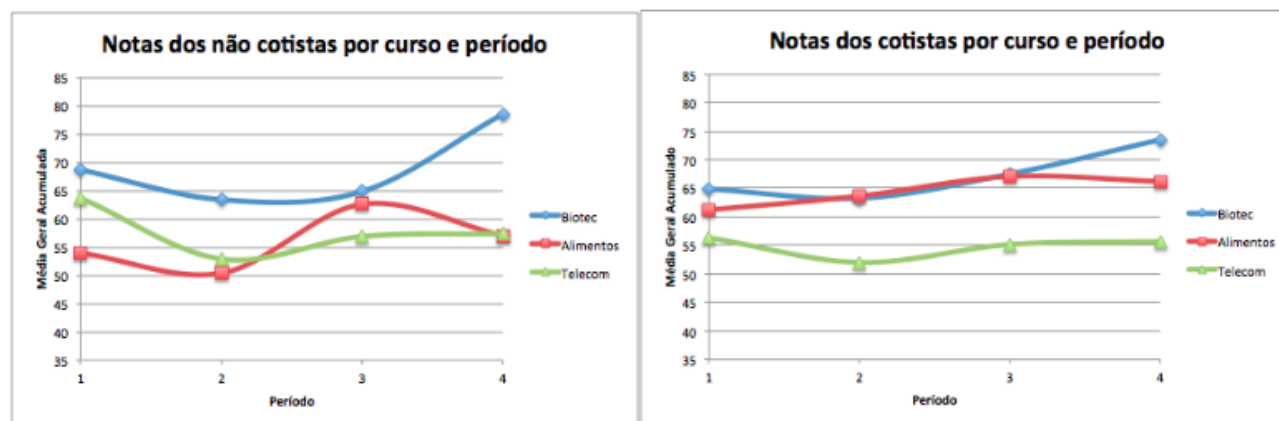
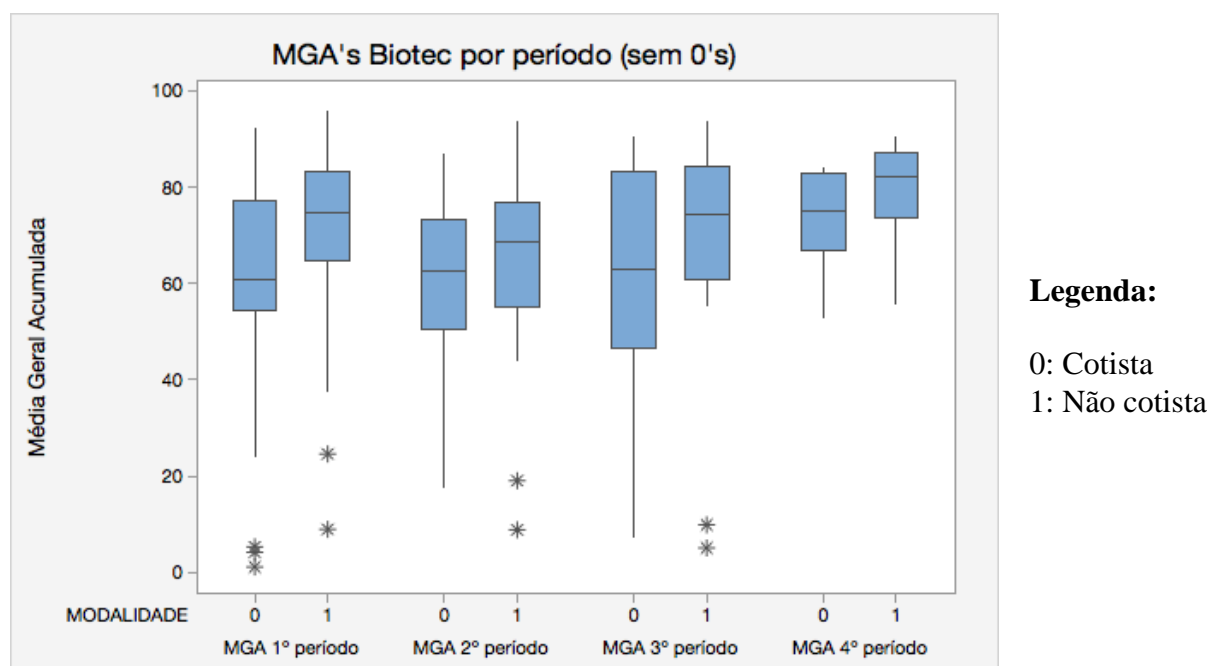


Gráfico 5: Evolução das médias dos alunos não cotistas e cotistas por curso e período. Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se, em termos gerais, que há pouca diferença entre os alunos cotistas e não cotistas. Há casos em que a nota dos alunos cotistas é superior à nota dos que não entraram por cotas. O inverso também ocorre. Ainda, no caso do 2º período de Biotecnologia, é quase impossível notar diferença entre os dois grupos.

Entretanto, é necessário atentar-se ao desvio padrão, uma vez que a média é facilmente afetada quando há valores extremos na base de dados. Nesse sentido, fizemos uma análise usando boxplots, a fim de ilustrar os *outliers*, através do símbolo “*”, bem como demonstrar um outro modo de comparar as MGAs: através das medianas, que são menos afetadas por valores extremos das notas. Usaremos o curso de Biotecnologia para exemplificar a leitura do boxplot.



Summary Statistics

Variable	MODALIDADE	N	Minimum	Q1	Median	Q3	Maximum
MGA 1º período	0	39	1,140	54,520	60,950	77,140	92,230
	1	45	8,950	64,745	74,570	83,230	95,520
MGA 2º período	0	31	17,750	50,550	62,680	73,160	86,900
	1	35	8,850	55,250	68,640	76,920	93,400
MGA 3º período	0	18	7,290	46,573	62,745	83,273	90,440
	1	22	5,090	60,840	74,170	84,280	93,650
MGA 4º período	0	10	52,870	66,950	74,945	82,848	83,920
	1	7	55,910	73,760	82,200	87,070	90,160

Gráfico 6: Boxplot das médias das turmas de Biotecnologia, por período.

Fonte: Elaboração própria.

O boxplot acima deve ser lido do seguinte modo: no eixo horizontal, há duas variáveis distintas. A primeira diz respeito aos diferentes semestres (do 1º ao 4º), englobando todos os alunos. Por isso, utilizamos como segunda variável a modalidade pela qual entrou o aluno na universidade, sendo 0 correspondente à cotista, e 1 à não cotista. No eixo vertical, encontram-se as possibilidades de MGAs dos alunos, que variam de 0 a 100.

Através do boxplot, é possível observar a variação das notas de cada grupo de alunos (cotista ou não cotista) em cada período letivo. Cada retângulo define os 3 quartis das MGAs: a sua base refere-se ao 1º quartil (Q1), o seu topo ao 3º quartil (Q3), e a linha entre a base e o topo, a mediana (Q2). As semi retas de cada boxplot ligam Q3 e Q1 aos valores máximo e mínimo da MGA, respectivamente.

O valor da mediana, entretanto, é o mais importante a ser considerado. Trata-se do número localizado exatamente no centro de um conjunto de amostras ordenadas. Assim, 50% dos valores da amostra são maiores do que a mediana, e os outros 50% são menores. Por exemplo, em um conjunto de 10 valores distintos, a mediana corresponderá ao 5º elemento, quando ordenado em relação aos demais números. No caso abaixo, o número 22 seria a mediana.

2	6	8	16	22	27	39	40	47	50
---	---	---	----	----	----	----	----	----	----

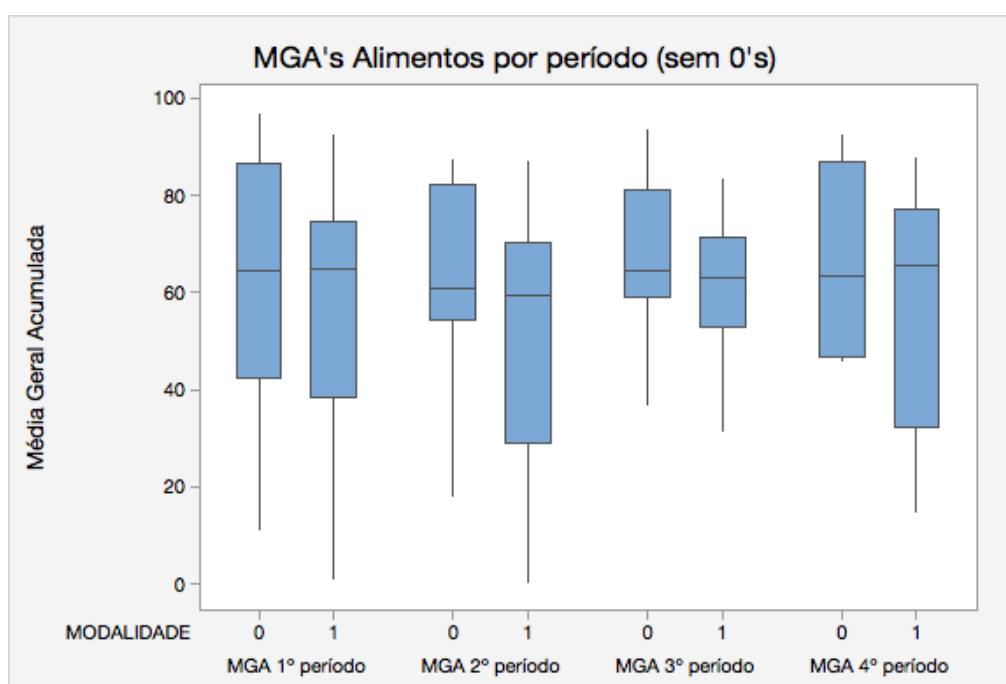
Esses números podem ser encontrados na tabela abaixo do gráfico, na coluna "Median". Quando comparado o valor da mediana ao valor das médias encontradas nas tabelas anteriores, percebe-se que os valores não correspondem. Isso se dá em razão de uma distribuição assimétrica de frequência das notas, que pode ser observada pelos histogramas localizados no Apêndice (seção 8.1). Enquanto a mediana está localizada no centro da distribuição de frequências, a média reflete a soma de todas as notas, dividida pela quantidade de notas no período analisado. Deste modo, a análise das medianas é vantajosa uma vez que é pouco sensível aos valores extremos da amostra, enquanto os mesmos podem causar grandes distorções à média.

Enquanto as médias do 2º período de Biotecnologia apontavam que as diferenças entre cotistas e não cotistas eram pouco significativas (ambos os grupos tinham médias em torno de 63), o boxplot nos dá outra visão. Os cotistas apresentam como mediana a MGA 62 e os não cotistas possuem a mediana 68. Provavelmente, a diferença entre o cálculo da média

deve ter se dado em função dos dois *outliers* entre os não cotistas, isto é, aos dois "valores extremos" da amostra.

No caso do curso de Biotecnologia, foi possível observar que as medianas dos alunos não cotistas foram, em todos os períodos, mais altas do que a dos alunos cotistas, muito embora a diferença não exceda 14 pontos de 100. Ainda, em nenhum caso as medianas apresentaram valor inferior a 60, que é a média considerada pela UFU, o que demonstra que o desempenho acadêmico de todos os alunos, nesse caso, é positivo.

Em seguida, observaremos os resultados do curso de Engenharia de Alimentos.



Summary Statistics

Variable	MODALIDADE	N	Minimum	Q1	Median	Q3	Maximum
MGA 1º período	0	23	11,480	42,320	64,680	86,400	96,880
	1	40	1,200	38,300	64,980	74,520	92,400
MGA 2º período	0	15	18,040	54,210	60,780	82,320	87,480
	1	27	0,280	28,880	59,480	70,360	86,840
MGA 3º período	0	9	37,110	59,055	64,620	81,305	93,340
	1	19	31,520	53,000	63,000	71,240	83,270
MGA 4º período	0	5	45,910	46,795	63,440	86,940	92,440
	1	9	15,080	32,370	65,610	77,110	87,680

Gráfico 7: Boxplot das médias da turma de Alimentos por período.

Fonte: Elaboração própria.

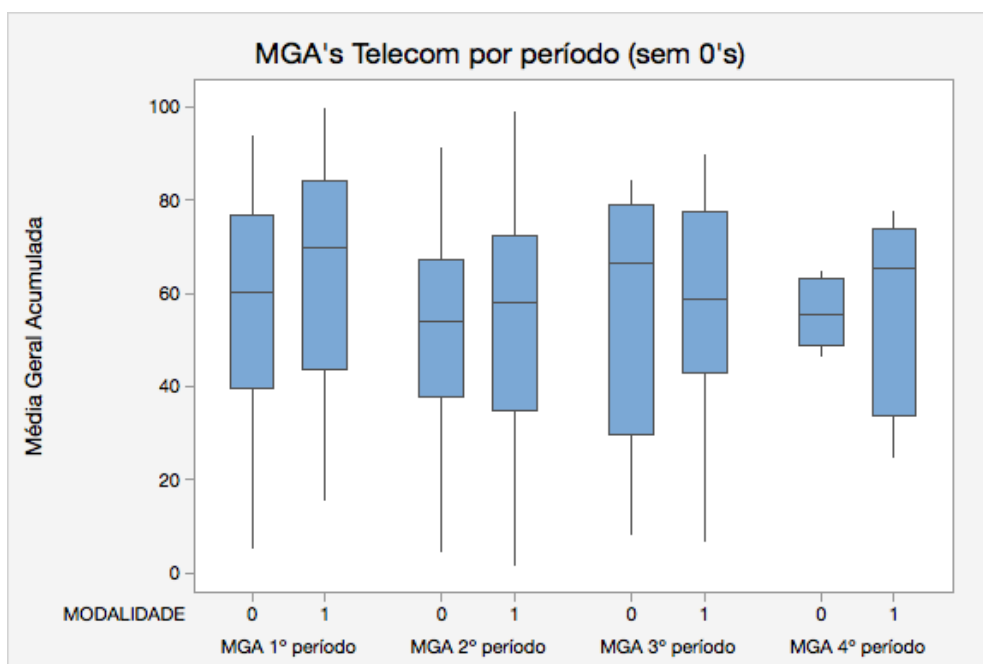
Já no que diz respeito ao curso de Engenharia de Alimentos, percebemos diferenças muito sutis entre as medianas dos cotistas e não cotistas, muito embora as amplitudes das

MGAs de cada modalidade sejam muito distintas. Observando os histogramas das Médias Gerais Acumuladas de Engenharia de Alimentos, na seção 8.2, é muito fácil perceber que no 2º semestre, por exemplo, as notas dos não cotistas variaram muito mais do que as notas dos cotistas, o que teve um efeito claro nas diferenças das médias dos dois grupos. Porém, como a mediana é pouco sensível às notas extremas, o seu valor ficou muito similar para os cotistas e não cotistas.

Usando como exemplo o 1º período, é possível inferir, a partir da Tabela 2, que os alunos cotistas tiveram um desempenho superior aos não cotistas, sendo que ambos contam, ainda, com desvios padrão muito semelhantes. Porém, observando o boxplot, não se percebe diferença entre as medianas, mas sim, nos valores máximos e mínimos de cada modalidade (de novo, a questão da amplitude das notas). Apesar de os cotistas apresentarem os maiores valores, sendo compreensível que tenham médias superiores às dos não cotistas, a mediana do 1º período é quase igual à dos não cotistas. Isso significa que, independente da variação das notas, 50% dos alunos cotistas e não cotistas possuem MGAs superiores a 64, e 50% possuem notas inferiores.

Em relação aos demais períodos, percebe-se uma maior diferença entre os desvios padrão da tabela de Engenharia de Alimentos, o que pode ter causado uma diferença nas médias, que não é percebida quando observamos as medianas.

Partimos, portanto, à análise de Engenharia Eletônica e de Telecomunicações.



Summary Statistics

Variable	MODALIDADE	N	Minimum	Q1	Median	Q3	Maximum
MGA 1º período	0	41	5,280	39,740	60,140	76,695	93,480
	1	61	15,780	43,730	69,840	84,040	99,680
MGA 2º período	0	29	4,840	37,910	54,000	67,240	91,200
	1	39	1,600	34,730	58,080	72,480	98,800
MGA 3º período	0	15	8,400	29,860	66,570	78,920	84,190
	1	29	6,880	43,090	58,570	77,440	89,500
MGA 4º período	0	7	46,500	48,620	55,350	63,170	64,640
	1	11	25,070	33,800	65,420	73,670	77,350

Gráfico 8: Boxplot das médias da turma de Engenharia de Telecomunicações. Fonte: Elaboração própria.

O gráfico acima demonstra que as maiores diferenças entre o desempenho dos alunos cotistas e não cotistas se manifesta no 1º e 4º período, em que há uma distinção de 10 pontos na mediana das MGAs. No 3º período, observa-se que os cotistas apresentam desempenho superior aos não cotistas, e no 2º, a diferença é muito sutil. Quando observadas apenas as médias, era mais difícil perceber as distinções nas MGAs dos dois grupos de alunos, e todos os valores constatado, com exceção do primeiro período, para os não cotistas, apresentavam médias inferiores à 60 (média estipulada pela UFU).

Em todos os casos, a mediana apresentou valores superiores à média, devido à distribuição assimétrica das frequências. Assim como já foi constatado anteriormente, a média é altamente afetada pelos valores extremos. Percebe-se, observando os boxplots acima, que os valores mínimos são, de fato, muito baixos, contribuindo para médias mais baixas do que medianas.

5.2 Análise da evasão por modalidade, curso e período

Como já foi citado na seção 3.2, de metodologia de análise quantitativa, foram observados muitos alunos, no banco de dados, com MGA igual a zero, a partir de determinado período. Consideramos estes como "desistentes informais", uma vez que ainda possuem vínculo formal com a universidade, mas não realizaram nenhuma das atividades acadêmicas, podendo considerá-lo como desistente.

Há, ainda, outros modos de evasão. São eles:

- **Desistentes:** alunos que estão ausentes da universidade, mas podem voltar a estudar na UFU, em outro período;
- **Desistentes informais:** alunos que possuem Média Geral Acumulada igual a zero, a partir de determinado período da universidade;

- **Desistentes oficiais:** alunos que se desmatricularam formalmente da universidade, liberando sua vaga para outro estudante;
- **Transferência interna:** o aluno se transferiu para outro curso dentro do campus da UFU Patos de Minas;
- **Transferido:** o aluno se transferiu para outro curso fora do campus.

Nosso objetivo, nessa seção, é entender se há alguma relação entre o aluno ser ou não cotista, e a taxa de evasão. Para isso, fizemos, primeiramente, uma análise separando os alunos apenas entre cotistas ou não cotistas, observando os diferentes modos que eles saíram da universidade. Os resultados podem ser vistos na tabela a seguir:

	Cotista	Não cotista	Total Geral
Desistente	2,63%	4,88%	3,96%
Desistente Informal	17,54%	8,54%	12,23%
Desistente Oficial	10,53%	14,02%	12,59%
Transferência Interna	0,88%	1,83%	1,44%
Transferido	0,00%	0,61%	0,36%
Total de evasão	31,58%	29,88%	30,58%

Tabela 5: Modo de evasão entre cotistas e não cotistas.

Fonte: Elaboração própria.

A tabela acima demonstra que dentre todos os cotistas da universidade, aproximadamente 31,58% saíram de seus cursos, ao longo dos quatro períodos analisados, podendo o aluno ser desistente, desistente informal, desistente oficial, ou ter sido transferido. Já no que se refere aos não cotistas, observamos uma taxa de evasão de 29,88%, muito próxima, portanto, do observado no caso dos cotistas, não sendo possível estabelecer nenhum tipo de relação entre a forma de evasão, e o fato de o aluno ter, ou não, entrado por cotas.

Quando afunilamos nossa análise, focando na evasão por curso, percebemos que no caso de Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações e de Engenharia de Alimentos, a taxa de evasão é mais alta entre os cotistas, como pode ser observado nas tabelas a seguir.

Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações	Cotistas	Não cotistas	Total Geral
Desistente	0,00%	1,56%	0,93%
Desistente Informal	22,73%	9,38%	14,81%
Desistente Oficial	9,09%	9,38%	9,26%
Transferido	0,00%	1,56%	0,93%
Total evasão	31,82%	21,88%	25,93%

Tabela 6: Evasão em Engenharia de Telecomunicações por cotistas e não cotistas.

Fonte: Elaboração própria.

Engenharia de Alimentos	Cotistas	Não cotistas	Total Geral
Desistente	6,90%	8,16%	7,69%
Desistente Informal	24,14%	8,16%	14,10%
Desistente Oficial	17,24%	16,33%	16,67%
Transferência Interna	0,00%	2,04%	1,28%
Total evasão	48,28%	34,69%	39,74%

Tabela 7: Evasão em Engenharia de Alimentos por cotistas e não cotistas. Fonte: Elaboração própria.

No caso de Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações, de todos os cotistas que haviam no curso, 31,82% deles saíram, sendo uma taxa coerente com o total da universidade. Já em relação aos não cotistas, a taxa de evasão foi inferior à observada no índice total de evasão da universidade, localizada na Tabela 1. Ainda, em relação à taxa total de evasão, percebemos claramente que é inferior à porcentagem total de desistência da universidade.

Já a situação de Engenharia de Alimentos é bem diferente. O percentual de cotistas que desistem é muito maior do que a taxa de evasão de não cotistas, chegando a representar quase que 50% da população de pessoas que entraram através das cotas. Trata-se de um fato bastante sério, e que será explorado mais adiante, na análise qualitativa. É importante destacar, ainda, que trata-se do curso com a maior taxa de evasão, excedendo em quase 10 pontos percentuais o total geral da UFU como um todo.

Por fim, o curso de Biotecnologia apresenta um cenário distinto, como pode ser observado no gráfico abaixo. Apenas 20% dos cotistas que haviam ingressado na universidade saíram do curso, enquanto a porcentagem para os não cotistas é muito maior: 35%. Esse dado é, também, interessante quando comparado aos percentuais de evasão de todos os cursos, da Tabela 1. A quantidade de cotistas que saíram do curso é muito menor do que a porcentagem de cotistas de toda a universidade que desistiram da faculdade. Já em relação aos não cotistas, observa-se uma porcentagem muito maior dos que desistiram do curso, em comparação ao total da universidade.

Biotecnologia	Cotistas	Não cotistas	Total Geral
Desistente	2,44%	5,88%	4,35%
Desistente Informal	7,32%	7,84%	7,61%
Desistente Oficial	7,32%	17,65%	13,04%
Transferência Interna	2,44%	3,92%	3,26%
Total evasão	19,51%	35,29%	28,26%

Tabela 8: Evasão em Biotecnologia por cotistas e não cotistas.

Fonte: Elaboração própria.

5.3 Análise das Médias Gerais Acumuladas de todos os cursos entre cotistas e não cotistas

Analisaremos, agora, as Médias Gerais Acumuladas dos três cursos da UFU Patos de Minas entre cotistas e não cotistas, com o intuito de entendermos se há diferença no que diz respeito ao desempenho.

Para que a análise fosse feita, tivemos que calcular a média ponderada e o desvio padrão de cada semestre em cada curso, o que nos dá um total de 30 amostras distintas. Após essa primeira etapa, calculamos a nota padronizada de todos os alunos ativos no período. Feito o cálculo da nota padronizada de todos os alunos ativos no período, calculamos a média das notas padronizadas, ao todo temos 30 médias distintas. Por fim, calculamos a média das médias padronizadas.

1- Consideramos somente os alunos ativos, ou seja, somente aqueles que obtiveram nota maior que 0 no período.

2- Calculamos a média e o desvio padrão de cada semestre. Ao todo, são 30 amostras diferentes:

- Biociências 2013.1: 1º Semestre, 2º Semestre, 3º Semestre, 4º Semestre**

2013.1	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Média Ponderada	76,7319231	55,3065217	64,487	75,5505882
Desvio Padrão	12,5216229	23,2730306	29,7919028	10,5118061
- Biociências 2013.2: 1º Semestre, 2º Semestre, 3º Semestre**

2013.2	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre
Média Ponderada	67,92	69,003913	67,537
Desvio Padrão	18,4592308	15,2095866	14,7102174
- Biociências 2014.1: 1º Semestre, 2º Semestre**

2014.1	1º Semestre	2º Semestre
Média Ponderada	58,926087	65,9535
Desvio Padrão	23,0184702	13,5984849
- Biociências 2014.2: 1º Semestre**

2014.2	1º Semestre
Média Ponderada	58
Desvio Padrão	25,1269736

Tabela 9: Médias ponderadas das turmas de Biociências. Fonte: Elaboração própria.

- Engenharia de Alimentos 2013.1: 1º Semestre, 2º Semestre, 3º Semestre, 4º Semestre**

2013.1	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Média Ponderada	59,0755	58,9306667	63,2171429	60,2857143
Desvio Padrão	26,2540264	25,4925444	15,7725479	24,0213119
- Engenharia de Alimentos 2013.2: 1º Semestre, 2º Semestre, 3º Semestre**

2013.2	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre
Média Ponderada	61,6447059	61,17875	64,7907143
Desvio Padrão	18,1206892	12,1026421	14,5030753
- Engenharia de Alimentos 2014.1: 1º Semestre, 2º Semestre**

2014.1	1º Semestre	2º Semestre
Média Ponderada	50,92	41,1081818
Desvio Padrão	29,9602012	34,4667819
- Engenharia de Alimentos 2014.2: 1º Semestre**

2014.2	1º Semestre
Média Ponderada	52,4
Desvio Padrão	31,0761073

Tabela 10: Médias ponderadas das turmas de Engenharia de Alimentos. Fonte: Elaboração própria.

- Engenharia Eletrônica de Telecomunicações 2013.1: 1º Semestre, 2º Semestre, 3º Semestre, 4º Semestre

2013.1	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Média Ponderada	61,4776923	63,2363636	59,7336842	56,69
Desvio Padrão	24,7423269	19,7874579	24,4407772	15,1478793

- Engenharia Eletrônica de Telecomunicações 2013.2: 1º Semestre, 2º Semestre, 3º Semestre

2013.2	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre
Média Ponderada	60,4146875	40,4313793	53,6429
Desvio Padrão	19,3651348	22,8620344	24,201179

- Engenharia Eletrônica de Telecomunicações 2014.1: 1º Semestre, 2º Semestre

2014.1	1º Semestre	2º Semestre
Média Ponderada	65,1026087	59,2
Desvio Padrão	27,2510586	23,7848003

- Engenharia Eletrônica de Telecomunicações 2014.2: 1º Semestre

2014.2	1º Semestre
Média Ponderada	55,7442857
Desvio Padrão	25,5139347

Tabela 11: Médias ponderadas das turmas de Engenharia de Telecomunicações.

Fonte: Elaboração própria.

1- Após o cálculo das médias ponderadas e dos desvios padrão por semestre, calculamos as notas padronizadas de cada aluno com base nas médias ponderadas e nos desvios padrão.

2- A nota padronizada de cada aluno significa a distância até a média, em números de desvios-padrão. Qualquer nota que esteja, em módulo, acima de 3 pode ser considerada um outlier.

Ex: Os alunos que entraram na UFU em 2013.1, por exemplo, passaram, em tese, por quatro semestres. Calculamos a média e o desvio padrão para cada semestre. Em seguida, calculamos a nota padronizada de cada aluno por semestre. Já os que entraram em 2013.2 passaram por 3 semestres, e assim sucessivamente.

No Apêndice (seção 10.3), é possível observar os gráficos que deram origem aos resultados obtidos nas tabelas a seguir, as quais contém as médias das notas padronizadas e os desvios padrão das notas padronizadas.

Vale ressaltar que quanto maior for a média das notas padronizadas por semestre (e quanto menor for desvio padrão das notas padronizadas por semestre), melhor terá sido o desempenho de determinado grupo.

Biotecnologia 2013.1

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (12)	-0,1152	0,9624
2º Semestre (11)	-0,0447	0,9777
3º Semestre (10)	0,0665	0,9567
4º Semestre (10)	-0,1957	0,9159
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (14)	0,0988	1,0567
2º Semestre (12)	0,0410	1,0617
3º Semestre (9)	-0,0813	1,1034
4º Semestre (7)	0,2796	1,1195

Tabela 12: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2013.1 de Biotecnologia, por período, comparando cotistas e não cotista.
Fonte: Elaboração própria.

Biotecnologia 2013.2

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (8)	0,0870	0,8045
2º Semestre (8)	0,1316	1,0732
3º Semestre (7)	0,1041	0,9504
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão

1º Semestre (16)	-0,0435	1,1069
2º Semestre (15)	-0,0702	0,9902
3º Semestre (13)	-0,0561	1,0592

Tabela 13: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2013.2 de Biotecnologia, por período, comparando cotistas e não cotista.
Fonte: Elaboração própria.

Biotecnologia

2014.1

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (15)	-0,0576	1,0001
2º Semestre (13)	0,0074	1,1164
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (8)	0,1080	1,0593
2º Semestre (7)	-0,0137	0,8206

Tabela 14: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2014.1 de Biotecnologia, por período, comparando cotistas e não cotista.
Fonte: Elaboração própria.

Biotecnologia

2014.2

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (4)	-0,2360	1,3084

Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (7)	0,1349	0,8674

Tabela 15: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2014.2 de Biotecnologia, por período, comparando cotistas e não cotista.
Fonte: Elaboração própria.

Engenharia de Alimentos

2013.1

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (8)	0,2483	0,8277
2º Semestre (6)	0,0724	0,9566
3º Semestre (5)	0,3450	0,7934
4º Semestre (5)	0,2455	0,8539
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (12)	-0,1655	1,1030
2º Semestre (9)	-0,0483	1,0823
3º Semestre (9)	-0,1916	1,0930
4º Semestre (9)	-0,1364	1,0963

Tabela 16: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2013.1 de Engenharia de Alimentos, por período, comparando cotistas e não cotista. Fonte: Elaboração própria.

Engenharia de Alimentos

2013.2

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (5)	-0,0034	1,1596
2º Semestre (5)	0,2108	1,0857
3º Semestre (4)	0,0156	1,5829
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (12)	0,0014	0,9826
2º Semestre (11)	-0,0958	0,9981
3º Semestre (10)	-0,0063	0,7804

Tabela 17: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2013.2 de Engenharia de Alimentos, por período, comparando cotistas e não cotista. Fonte: Elaboração própria.

Engenharia de Alimentos

2014.1

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (8)	-0,0255	1,0404
2º Semestre (4)	0,7746	0,5207
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (8)	0,0255	1,0290
2º Semestre (7)	-0,4427	0,9500

Tabela 18: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2014.1 de Engenharia de Alimentos, por período, comparando cotistas e não cotista. Fonte: Elaboração própria.

Engenharia de Alimentos

2014.2

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (2)	1,0941	0,4769
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (8)	-0,2735	0,9087

Tabela 19: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2014.2 de Engenharia de Alimentos, por período, comparando cotistas e não cotista. Fonte: Elaboração própria.

Engenharia Eletrônica de Telecomunicações

2013.1

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (10)	0,0500	0,9738
2º Semestre (8)	0,1773	0,6600
3º Semestre (7)	0,2032	0,8699
4º Semestre (7)	-0,0691	0,5029
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (16)	-0,0313	1,0464
2º Semestre (14)	-0,1013	1,1621
3º Semestre (12)	-0,1185	1,0872
4º Semestre (11)	0,0440	1,2421

Tabela 20: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2013.1 de Engenharia de Telecomunicações, por período, comparando cotistas e não cotista. Fonte: Elaboração própria.

Engenharia Eletrônica de Telecomunicações

2013.2

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (11)	-0,5894	1,0379
2º Semestre (9)	-0,0715	0,8543
3º Semestre (8)	-0,2839	1,1135
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (21)	0,3087	0,8487
2º Semestre (20)	0,0322	1,0784
3º Semestre (17)	0,1336	0,9478

Tabela 21: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2013.2 de Engenharia de Telecomunicações, por período, comparando cotistas e não cotista. Fonte: Elaboração própria.

Engenharia Eletrônica de Telecomunicações

2014.1

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (17)	-0,129	0,9666
2º Semestre (12)	-0,3002	1,0004
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (6)	0,8865	0,3665
2º Semestre (5)	0,7205	0,5732

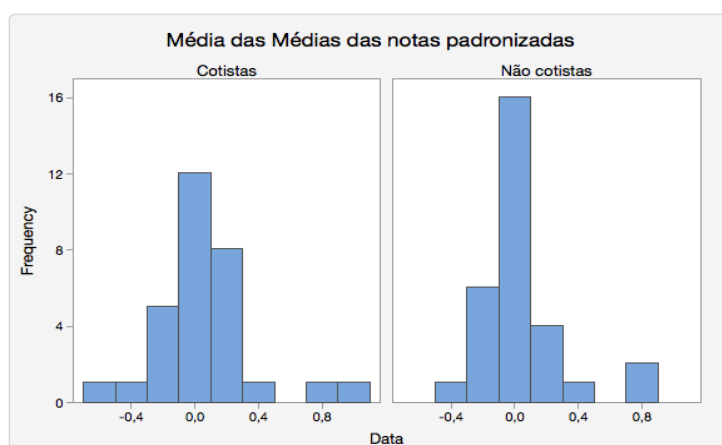
Tabela 22: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2014.1 de Engenharia de Telecomunicações, por período, comparando cotistas e não cotista. Fonte: Elaboração própria.

Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (3)	0,2306	0,7692
Não Cotistas	Média das Notas Padronizadas	Desvio Padrão
1º Semestre (18)	-0,0384	1,0469

Tabela 23: Média das notas padronizadas e desvio padrão das notas padronizadas da turma 2014.2 de Engenharia de Telecomunicações, por período, comparando cotistas e não cotista. Fonte: Elaboração própria.

Média das médias das notas padronizadas

Por fim, calculamos a média das médias das notas padronizadas. Ao todo tínhamos 30 médias das notas padronizadas para cotistas e 30 médias das notas padronizadas para alunos não cotistas. As médias das notas padronizadas, que haviam sido obtidas através das médias ponderadas e desvios padrão das notas reais, foram contabilizadas de acordo com a divisão cotistas X não cotistas para que pudéssemos observar qual das médias “gerais” fosse superior.



Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
Cotistas	30	0,06476	0,31009	-0,58940	1,09410
Não cotistas	30	0,03001	0,25749	-0,44270	0,88650

Gráfico 9: Boxplot da média das médias das notas padronizadas entre cotistas e não cotistas. Fonte: Elaboração própria.

	Média	Desvio Padrão
Cotistas (30)	0,06476	0,31009
Não cotistas (30)	0,03001	0,25749

Tabela 24: Média das médias das notas padronizadas dos cotistas e não cotistas. Fonte: Elaboração própria.

Em conclusão, por mais que a média das médias padronizadas dos alunos cotistas seja um pouco superior à média dos alunos não cotistas, o desvio padrão é maior. Podemos inferir que a diferença é real mas insignificante. Ou seja, não há diferença significativa no desempenho entre alunos cotistas e não cotistas.

6. Análise das dimensões

Ao longo da pesquisa de campo, realizamos 55 entrevistas, sendo 42 com alunos da UFU (21 alunos cotistas e 21 alunos não cotistas). Decidimos priorizar a visão que os próprios alunos têm sobre a instituição e sobre a política de cotas, uma vez que a política tem impacto direto sobre a vivência universitária do alunato.

Optamos por não revelar nenhum nome ao longo da análise, para que as identidades de nossos entrevistados fossem preservadas. Após cada citação, indicaremos se o aluno ou aluna é cotista, ou não, e a qual curso pertence (Biotecnologia = biotec, Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações = telecom, Engenharia de Alimentos = alimentos).

Como foi citado na no início, desenvolvemos cinco categorias de análise, a fim de respondermos a seguinte questão: *"Como se estabelece a relação de pertencimento e identificação do aluno cotista com a Universidade, na ótica de docentes, e alunos?"*. Todas as categorias são cruciais para o desenvolvimento da pesquisa e para o entendimento do tema, que não se restringe somente à nota dos alunos. A complexidade da pergunta de pesquisa se dá, em grande parte, devido à separação - que se faz necessária- entre dois momentos distintos; a *preparação para universidade*, que ocorre na escola, através da (suposta) apreensão de conteúdos obrigatórios para a formação do aluno e a *vivência universitária*, que acontece quando o aluno já está inserido na universidade.

As cinco categorias desenvolvidas para responder a pergunta de pesquisa contemplam a distinção entre a *preparação para a universidade* e *vivência universitária*, e compreendem

a relação que se estabelece entre eles. A partir delas, definimos dimensões de análise, sendo elas: defasagem, informação, satisfação, desempenho, e dimensão política.

6.1 Defasagem

A primeira dimensão sob a qual olharemos a questão do pertencimento do aluno à universidade refere-se à ideia da defasagem no ensino. Sabemos que é requisito básico para o aluno ser cotista o fato de ter estudado em escola pública. Já em relação aos não

cotistas, percebemos que 71% estudou, em algum período de suas vidas, em escola pública, mesmo que alguns possam ter tido oportunidade de estudar em escola particular. O fato de muitos terem passado pelo ensino particular e público foi muito rico para a nossa pesquisa, já que os alunos tinham instrumentos para fazer uma comparação fundamentada entre os tipos de ensino.

O discurso de discentes que estudaram, ao longo de todas suas vidas, em escola pública era muito semelhante. Poucos, ao refletirem sobre o ensino público, criticavam-no e frustravam-se com o que lhes foi ofertado, aliás, alegavam que a escola pública oferecia nada mais, nada menos que o esperado de um ensino público.

"Sempre tinha um ou outro professor que era ruim, mas isso é uma coisa que você tem que relevar sabe?" (Matheus, telecom, cotista)

"Só estudei em escola pública. O ensino era muito básico. Queixa eu nem tinha tanto. Era o que escola pública tinha pra oferecer mesmo. (aluna não cotista, alimentos)"

Vale destacar, ainda, a falta de perspectiva observada nos alunos de escola pública, no que se refere à possibilidade de prestar vestibular. São poucos os que possuem a determinação e o empenho de estudar para fazer um ensino superior. Foi interessante notar que essa distinção era muito clara para quem vivenciou um pouco de cada realidade de ensino, como é o caso de Mirela, que cursou tanto escola pública como particular.

Quantos não cotistas já estudaram em escola pública?

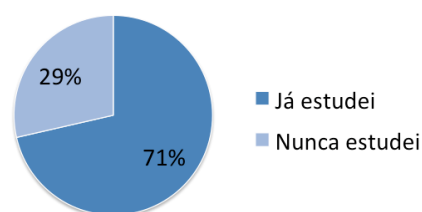


Gráfico 10: Alunos cotistas em escola pública.

Fonte: Elaboração própria.

"A escola particular te prepara para um vestibular, para você entrar em uma federal, te dá ensino, material, metodologia para isso. Quando você conversa com gente de escola particular, eles falam: "Eu quero entrar na USP", "Eu quero medicina", "Eu quero UnB". Agora, se você conversa com pessoal de escola pública, o foco é outro. Não tem essa perspectiva de futuro." (Mirela, biotec, não cotista)

*"Na turma que eu estudei na minha escola, só duas pessoas entraram em federal: eu e um amigo meu. **O pessoal não tem perspectiva de fazer universidade.**" (aluno cotista, telecom)*

Uma vez que o ensino público não encoraja o aluno a prestar vestibular e oferece matérias muito básicas, e conteúdos insuficientes para uma prova como o vestibular, a política de cotas faz-se necessária, a fim de corrigir essa defasagem. Porém, por outro lado, ainda há a percepção de que se trata de uma política que nivela por baixo os alunos do ensino superior, piorando o nível da universidade.

"A cada lei que surge, nivela mais por baixo, diminui o grau de exigência no ingresso na universidade. Se a educação até o terceiro colegial é ruim, isso acaba passando para a universidade." (professora)

Em contrapartida ao argumento apresentado acima, foi possível notar que não havia distinções claras entre as dificuldades apresentadas pelos alunos cotistas ou não cotistas, mas sim entre alunos que estudaram em escola pública ou particular, no que tange a adaptação inicial aos conteúdos. Alunos que vieram de colégios públicos apresentavam sempre o mesmo discurso: nunca tinham tido o hábito de estudar. Ademais, após terem entrado na UFU perceberam que não tinham aprendido conteúdos básicos para cursar uma Universidade Federal, sendo recorrente ouvir exemplos de como eles tiveram que correr atrás para buscar conhecimentos cobrados pela universidade, os quais eles nunca haviam tido um contato profundo. O choque principal, portanto, se dava no 1º período da universidade, normalmente, quando os alunos percebiam que não tinham a base necessária para passar de ano, e percebiam que tinham que mudar seus hábitos de estudo.

"Vários de meus colegas vieram de escola pública, com um só período de aula por dia, então nenhum deles tem o ritmo de estudar o dia inteiro." (aluno não cotista, biotec)

"O primeiro período foi bem difícil de adaptar em termos de matéria. Tive que estudar muito sozinha, pegava muito livro, precisava estudar pra entender, porque era um monte de coisa que eu nunca tinha visto." (aluna não cotista, alimentos)

"Tive bastante dificuldade para me adaptar. Não tinha muito o costume de ficar estudando. No caso, eu pensava que tinha conhecimento, e quando eu entrei aqui percebi que não tinha base nenhuma para estar fazendo o curso superior." (aluno cotista, telecom)

Ficou visível, portanto, a diferença da adaptação dos alunos que estudaram em escola pública ou em escola particular, e não necessariamente entre cotistas e não cotistas. A defasagem, percebeu-se, era um sintoma da universidade como um todo, não podendo ser associada ao fato de o aluno ser ou não cotista, e nem ao fato de fazer com que o aluno se sentisse mais ou menos parte da UFU. Uma solução para essa grande defasagem são os cursos de nivelamento oferecidos pela universidade, que serão abordados na seção 6.4.

Ainda em relação à defasagem, foi interessante ouvir de muitos alunos cotistas que eles possivelmente teriam passado no vestibular, mesmo sem a política de cotas, alegando que o que conta é o esforço do aluno, e a vontade de ingressar na universidade.

"Quando você quer alguma coisa e você luta, você consegue. Sem o PAEES, se eu tivesse estudado, eu acho que eu teria passado." (aluna cotista do PAAES, alimentos)

"Eu me arrependi por ter entrado por cotas. Na época, só tinha uma vaga para cotas, e aí eu fui chamada só na quarta chamada. Mas se tivesse ido por ampla concorrência, teria passado antes." (aluna cotista, alimentos)

A reflexão acerca do questionamento da legitimidade da política de cotas será aprofundada na seção 5.5, em que pensaremos a questão da "dimensão política" na UFU, no que se refere ao debate sobre a política de cotas.

6.2 Informação sobre o curso

A segunda dimensão de análise utilizada diz respeito às informações (ou à falta delas), que os alunos tinham sobre os seus respectivos cursos, antes de ingressar na universidade.

Após realizadas as entrevistas qualitativas, percebemos que uma porcentagem significativa dos alunos desconhecia, ou conhecia muito pouco, o curso em que estão matriculados, atualmente. Dentre os cotistas, esse desconhecimento estava presente em 33% dos

entrevistados, e para os não cotistas, em 29%. Esses números demonstram que quase um terço da universidade ingressou na UFU sem saber, ao certo, os objetivos pedagógicos do curso em questão, a grade curricular, e possibilidades de emprego, após formado.

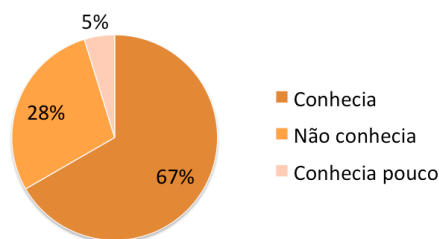
Tendo isso em vista, buscamos compreender o que levou, portanto, os alunos a prestarem vestibular e ingressarem, de fato, na UFU. Ainda nesse sentido, pensamos se o desconhecimento acerca do curso poderia influenciar a relação de pertencimento do aluno à UFU.

Foi muito recorrente ouvirmos que o aluno "caiu de paraquedas" na UFU. Os principais motivos elencados pelos quais ele prestou a universidade foram: o aluno não queria sair de Minas Gerais, e sabia que a Universidade Federal é de qualidade e não é paga; não conseguiu passar no curso que queria, e acabou sendo aprovado na UFU; algum conhecido comentou do curso com o aluno, que acabou prestando por influências externas.

"Nem queria esse curso, o que eu queria na verdade era matemática. Mas como eu já tinha decidido que viria para Patos, o curso que tinha mais perto do que eu queria era Engenharia de Telecomunicações. Mas não é o curso dos meus sonhos, não é meu objetivo." (aluno não cotista, telecom)

"Decidi pelo curso seis meses antes do vestibular. O que eu queria mesmo era medicina, mas como minha base não era muito boa, e eu precisaria continuar no cursinho, meus pais não teriam como me manter no cursinho." (aluna cotista, biotec)

Quantos alunos cotistas conheciam o curso antes de prestar?



Quantos alunos não cotistas conheciam o curso antes de prestar?

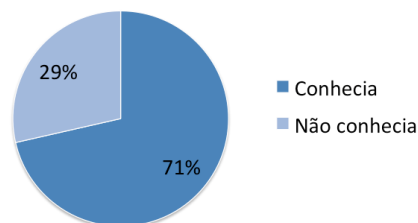


Gráfico 11: Informação sobre o curso para cotistas e não cotistas. Fonte: Elaboração própria.

Há de se apontar que a UFU é uma universidade muito recente, do ano de 2010, sendo que seus cursos não são, ainda, por demais conhecidos. Muitos alunos nos falaram que é comum que as pessoas prestem Biotecnologia ao invés de Medicina, Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações ao invés de Engenharia Mecânica, e Engenharia de Alimentos ao invés de Nutrição ou Gastronomia. Nesse sentido, seria interessante a UFU-Patos de Minas investir na divulgação de seus cursos, tornando claro que eles tratam de temas muito específicos, e que não podem ser confundidos com cursos mais populares.

Eram poucos os que, de fato, tinham o sonho de prestar o curso, e se formar na área. É importante destacar que não há uma relação direta entre o aluno ser, ou não, cotista, e o conhecimento acerca do curso. Marco, coordenador, acredita que a falta de conhecimento dos alunos em relação ao curso prestado decorre de uma má qualidade do Ensino Médio - tanto particular, quanto público. Ao invés de instigar reflexões acerca do que os alunos desejam trabalhar e dos seus objetivos de vida, os ensinos médios, geralmente, optam por um método meramente conteudista, e que pouco estimula a maturidade e o senso crítico dos alunos.

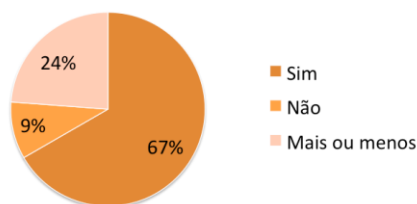
"Aqui na UFU, acho que tem muitos alunos querem estar na universidade, mas não sabem o que eles querem, por questão de imaturidade, por falta de preparo da escola, e por não saberem o que o curso faz. E isso não tem relação com escola ser pública ou particular. O ensino médio não forma o aluno para escolher a faculdade dele, com o que ele quer trabalhar. Forma o aluno para passar no vestibular. Essa não presença de um profissional que possa auxiliar o aluno no processo de descoberta faz com que o aluno chegue no vestibular sem uma resposta de se realmente eles querem aquilo que estão prestando." (coordenador)

Isso pode acabar desmotivando o aluno e fazendo com que ele não se identifique com o ambiente em que ele estuda, podendo ser um índice determinante para explicar a taxa de evasão. Como observado na análise quantitativa, a universidade possui um alto índice de evasão dos alunos, chegando a representar quase um terço dos ingressos. Ao longo da pesquisa qualitativa, percebemos, claramente, que o maior desconhecimento estava na área de Engenharia de Alimentos, sendo que muitos alunos ingressavam achando que se tratava de um curso de Gastronomia ou Nutrição e, de fato, se decepcionavam ao perceber o cunho de Exatas do curso. Tal fato foi confirmado pela análise quantitativa da evasão, em que quase 50% dos cotistas e 35% dos não cotistas desistiu do curso.

6.3 Satisfação e motivação

A terceira dimensão sob a qual observaremos como se dá a relação de pertencimento e

Os alunos cotistas estão satisfeitos?



Os alunos não cotistas estão satisfeitos?

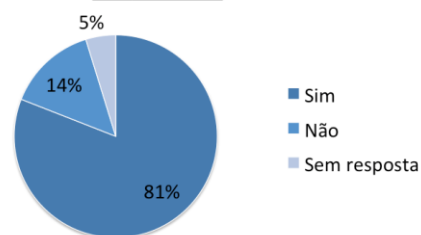


Gráfico 12: Satisfação com a universidade entre cotistas e não cotistas. Fonte: Elaboração própria.

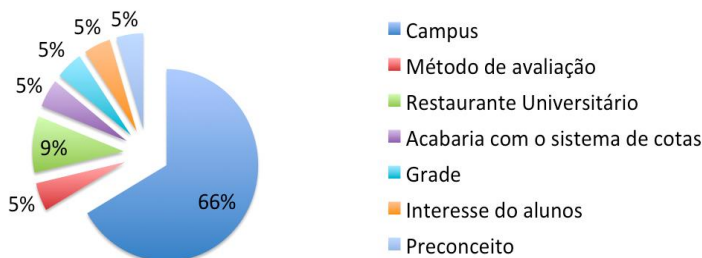
identificação do aluno cotista com a universidade busca compreender quais são as variáveis que determinam a satisfação e motivação do aluno.

Buscamos elencar, na opinião do aluno da UFU, o que o motiva, o que o satisfaz e o que faz com ele se sinta parte da universidade. Durante a pesquisa de campo detectamos que a maioria dos alunos cotistas e não cotistas estão satisfeitos, embora o número de alunos não cotistas satisfeitos (81%) seja superior ao número de alunos cotistas satisfeitos (67%). No entanto, enquanto 9% dos alunos cotistas não estão satisfeitos com a universidade, 14% dos não cotistas não estão satisfeitos.

Mas afinal, o que tem influência sobre a satisfação dos alunos na UFU? Ao perguntarmos aos alunos o que, na visão deles, deveria ser mudado, a palavra “Campus” aparece indiscutivelmente em primeiro lugar tanto para os alunos cotistas como não cotistas, seguida de “Restaurante Universitário” e “Método de avaliação”.

Enquanto conduzíamos as entrevistas, ficou nítido o descontentamento generalizado que alunos, professores e coordenadores têm com relação à sua infraestrutura. No imaginário do aluno, uma universidade federal deve ter um campus que “esteja à sua altura”. Ademais há também a relação conflituosa que se estabelece com a UNIPAM, uma vez que o espaço físico que abriga ambas as universidades tem de ser dividido por dois grupos distintos, com perfis diferentes.

O que os alunos cotistas mudariam na UFU?



O que os alunos não cotistas mudariam na UFU?

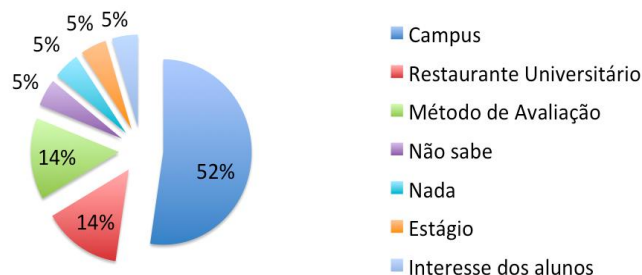


Gráfico 13: O que os alunos mudariam na UFU? Fonte: Elaboração própria.

“Aqui é muito difícil dizer se o pessoal é envolvido, porque não tem um campus. Como não tem um campus físico, muita gente ainda pretende sair daqui e ir pra Uberlândia, fazer um outro curso.” (aluno cotista, telecom)

“Ter um campus significa ter uma identidade. Nossos alunos assistem às aulas dentro de uma universidade de peso em Patos, que é a UNIPAM. Todo mundo sabe o que é a UNIPAM. Ter um campus é estar dentro de sua casa. Aqui, a UNIPAM, não é a casa deles. Não vou te falar que isso está prejudicando o ensino. Acho que ter um campus é mostrar que os alunos estão em sua casa.” (coordenadora)

“Estou satisfeita, mas acho que falta estrutura, falta um lugar nosso, um campus. Isso pode interferir na sensação de pertencimento de um aluno à universidade. Acho que quando tiver um campus, vai ter um nome aqui na cidade. Normalmente ninguém sabe quem a gente é, onde a gente tá. É mais para quem está de fora olhar e conhecer a UFU.” (aluna cotista, alimentos)

Os depoimentos demonstram que o fato da UFU não ter campus próprio é extremamente prejudicial não somente para o estabelecimento do pertencimento e identificação do aluno com a universidade, como também à vivência universitária.

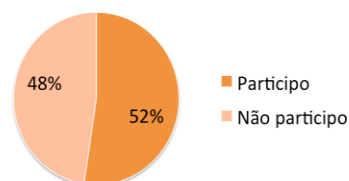
No que diz respeito à motivação, decidimos perguntar aos alunos se havia alguma distinção entre o envolvimento de alunos cotistas e não cotistas. A grande maioria dos entrevistados defende que não há diferença alguma.

Para confirmarmos o que foi defendido pelos alunos, perguntamos a eles se participavam de alguma entidade, projeto de iniciação científica, ou se eram monitores. Em linhas gerais também não há grande distinção, 52% dos alunos cotistas participam de algum projeto ou entidade, enquanto 43% dos alunos não cotistas participam de algum projeto ou entidade. Ou seja, por mais que haja uma pequena diferença no envolvimento ela não é significativa.

Opinião de alunos cotistas sobre envolvimento com a universidade



Quantos alunos cotistas participam de entidades, iniciação científica, programa de monitoria, etc?



Opinião de alunos não cotistas sobre envolvimento com a universidade



Quantos alunos não cotistas participam de entidades, iniciação científica, programa monitoria, etc?

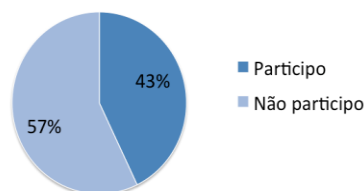


Gráfico 14: Envolvimento dos cotistas e não cotistas com a UFU. Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 15: Participação em projetos extra-classe dos cotistas e não cotistas. Fonte: Elaboração própria.

6.4 Desempenho

Em quarto lugar, decidimos analisar o estabelecimento do pertencimento e identificação do aluno cotista com a universidade através da ótica do desempenho. Ou seja, o aluno que vai bem, se sente mais parte da universidade do aquele que vai mal? O aluno cotista vai pior do que o não cotista? Avaliar o aluno somente com base na nota é suficiente? Existem outros atributos que devem ser avaliados também?

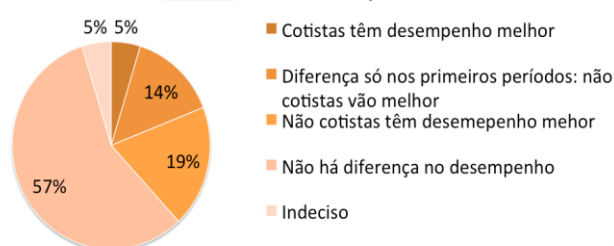
O senso comum afirma que a implementação da política de cotas fez com que o nível das universidades federais caísse consideravelmente. Isto devido à educação prévia dos alunos cotistas, recebida em escolas públicas, de qualidade inferior quando comparadas às privadas. Mas, afinal, não é justamente essa diferença no ensino prévio à universidade que legitima a política de cotas?

Como dito anteriormente na *Reflexão teórica*, a desigualdade socioeconômica latente no Brasil faz com as pessoas de classes sociais distintas não tenham as mesmas oportunidades para transformar suas capacidades em liberdades individuais. Indivíduos com menor capacidade auferir renda estão fadados ao ensino público e, portanto, têm menores chances de adentrarem o mundo universitário.

A política de cotas surge como uma tentativa de romper com essa realidade e de universalizar o acesso ao ensino superior. Em tese, a diferença de qualidade entre o colégio público e o privado faria com que o nível da universidade federal caísse, devido ao baixo nível de instrução do aluno cotista, mas não é o que acontece na realidade.

Em um primeiro momento, decidimos perguntar aos alunos se há diferença no desempenho entre cotistas e não cotistas. A maioria dos cotistas e não cotistas acredita não haver diferença no desempenho.

Opinião de alunos cotistas sobre desempenho na UFU



Opinião de alunos não cotistas sobre desempenho na UFU

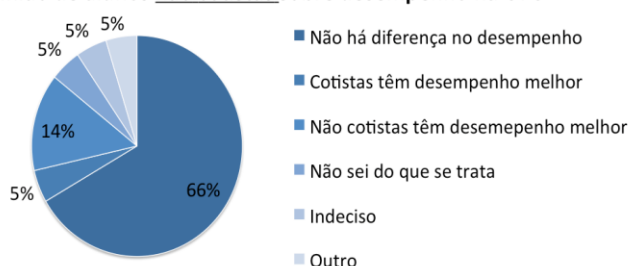


Gráfico 16: Desempenho de cotistas e não cotistas. Fonte: Elaboração própria.

“O ensino entre os alunos cotistas e não cotistas deve ser igual entre eles. O que não deve ser igual é o que eles vão fazer para cobrir essas defasagens. O que diferencia esse aluno de alguém que quer e alguém que não quer é o que ele vai fazer para cobrir essas defasagens. A UFU oferece cursos de nivelamento no primeiro período, monitorias. Se os alunos quiserem, eles vão atrás, a universidade não vai correr atrás de ninguém. Alguns querem, outros não. A adesão não é muito grande, sempre.” (aluno cotista, biotec)

Já 14% dos cotistas alegam que há diferença no desempenho só nos primeiros períodos, em que o não cotista tem desempenho superior.

“A diferença de base é mais percebida no primeiro período. Normalmente quem chega de escola pública chega mais defasado, com mais dificuldade. Mas, de um modo geral, passou do primeiro período, e a pessoa acostuma, não vejo muita diferença. Essa diferença de base se manifesta mais no

momento do vestibular. Ao entrar na universidade, essa diferença de base já não faz mais tanta diferença.” (aluna cotista, telecom)

Por outro lado, 19% dos cotistas e 14 % dos não cotistas acreditam que os não cotistas têm desempenho superior.

“Muitas vezes se fala que há um desempenho mais baixo dos alunos que entraram por cotas. Sim, ele é, você está tentando corrigir uma diferença social! Não dá para esperar que o desempenho das pessoas que entram por métodos tradicionais seja igual ao dos cotistas. Mas nós devemos tentar, ao longo do processo de formação do aluno, nivelar o máximo possível.” (professor)

A maioria dos alunos entrevistados defende que não há distinção no desempenho entre cotistas e não cotistas. Por mais que haja significativa diferença entre o ensino público e privado no Brasil, no eixo *defasagem* foi comprovado que 71% dos alunos não cotistas estudou determinado período de tempo em escola pública, ou seja, grande parte dos alunos da UFU recebeu educação semelhante. Além disso, a UFU oferece cursos de nivelamento e monitorias como uma tentativa de melhorar o desempenho dos alunos. O que ocorre é que grande parte dos alunos não têm interesse, nem disponibilidade. Outros crêem que cargos como monitor não são tão visados pelos próprios alunos.

“Acho que falta um pouco algumas monitorias. Como elas não são remuneradas, o pessoal não quer muito se candidatar, não desperta muito interesse.” (aluno cotista, telecom)

Ademais, ainda sobre desempenho, notamos ao longo da pesquisa de campo que há um descontentamento generalizado acerca dos métodos de avaliação. Uma das perguntas utilizada no questionário para alunos dizia o seguinte: *“O CRA (Coeficiente de Rendimento Acadêmico) determina quem você é na faculdade. Comente sobre essa frase.”*. As respostas à essa constatação foram bastante efusivas, sendo, em sua maioria, contrárias à ideia de o aluno ser determinado por uma nota. Ao perguntarmos o que deveria ser mudado na UFU, na categoria *Satisfação e motivação*, “método de avaliação” aparece em 3º lugar.

“Se eu tivesse que pegar um aluno para iniciação científica, eu não estaria preocupada em CRA não, mas sim, se o aluno vai se envolver. Infelizmente, para bolsa, por exemplo, o CRA vale muito. Minha opinião é que o aluno interessado vale muito mais do que o aluno com o CRA mais alto. Agora,

quando se faz um processo seletivo que é amplo, como IC, monitoria, não da para ter critérios tão subjetivos.” (coordenadora)

“Conheço alunos com um potencial gigante e um CRA não muito bom. Acho que é muito importante conhecer o aluno no seu dia a dia. Acho que o método de avaliar CRA não é justo, até porque eu tenho um sério problema com prova. Eu participo das aulas, sei o conteúdo, mas o método de avaliação deveria ser outro.” (aluno cotista, biotec)

“É importante avaliar os alunos também com base em fatores pessoais. Tem aluno que mesmo recebendo a bolsa, elas atrasam. O pessoal fica doido, desesperado, isso influencia muito no desempenho do aluno. Como que você atrasa aluguel? Conta? Não tem como. Se você tá preocupado com isso, se você brigou com sua mãe, você não consegue ir bem na prova, e isso é um fator que é importante lembrar.” (aluna cotista, biotec)

É importante ressaltar, no entanto, que este sintoma é comum entre alunos cotistas e não cotistas e que este não se restringe somente à realidade da UFU Patos de Minas. O método de avaliação tem relação direta com o vínculo que se estabelece com a universidade e como o aluno se enxerga dentro dela. Por mais que o método de avaliação utilizado seja algo externo à UFU e definido por instâncias superiores, vale reforçar a insatisfação dos alunos com o sistema vigente.

5.5 Dimensão política

Por fim, optamos por analisar a questão do pertencimento sob a ótica da dimensão política na UFU, buscando entender se é criado um ambiente em que se discuta a política de cotas na UFU, em que as pessoas possam debater os prós e contras de tal medida, e entender o motivo pelo qual ela se fez necessária.

Nesse sentido, vamos abordar a questão em 5 eixos: a falta de debate e conhecimento acerca da política de cotas; a discriminação na UFU; a possibilidade de

haver um órgão de defesa dos interesses dos cotistas; o posicionamento da UFU, em geral,

Segundo alunos cotistas, o assunto "Cotas" é debatido na UFU?



Segundo alunos não cotistas, o assunto "Cotas" é debatido na UFU?

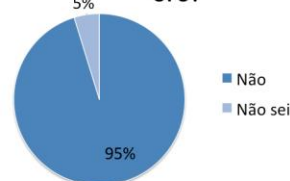


Gráfico 17: Debate sobre cotas na UFU.

Fonte: Elaboração própria.

acerca da política de cotas; e a efetividade da política de cotas no que diz respeito à inclusão racial.

Logo percebemos que no contexto do campus Patos de Minas, em que há apenas três cursos de Exatas, não há espaço nas aulas para que os alunos possam refletir acerca da política de cotas, e sobre temas com teor mais politizado. Ao perguntarmos aos alunos se eles já haviam debatido sobre as cotas, em 95% dos casos os alunos diziam que não. Os casos em que a resposta era positiva limitavam-se à aula de Ética, disciplina obrigatória apenas para os alunos de Biotecnologia. Foi interessante perceber, também, que para muitos dos alunos, a primeira vez que eles haviam refletido acerca da política de cotas havia sido durante a entrevista realizada por nós.

"Não se fala sobre cotas na universidade. Eu mesma fui ouvir só agora. Acho que tinha que ser um pouco mais claro. Tem cotas, mas a gente nunca soube como funciona de verdade." (aluna não cotista, alimentos)

Há discentes que acreditam que o debate acerca das cotas não se faz necessário em uma universidade com cursos de exatas, e que eventos nesse sentido não teriam a adesão dos alunos na UFU. A divulgação e a conscientização da política seria necessária em ambientes anteriores à universidade, como no Ensino Médio.

"Eu tento participar de todos os ciclos da universidade, e cotas é um assunto que quase nunca tá presente. Acho que tem que conversar sobre isso, mas eu não sei se é aqui que isso tem que ser conversado. Acho que isso faz mais falta para quem ainda está tentando entrar na faculdade, estudando. Isso não é falado na sociedade. Você não ouve falar de cotas na escola, em casa. Acho que a universidade já passou desse estágio. Isso deveria ser discutido antes." (aluna não cotista, biotec)

"Para a gente [DA], nem sempre é viável mobilizar temas políticos, chamar convidados de fora, para não ir quase ninguém. O pessoal não é interessado politicamente, mas deveria ter isso, sim." (aluna não cotista, biotec, faz parte do Diretório Acadêmico da UFU)

Ademais, muitos acreditam que seria interessante que a informação sobre o funcionamento da política de cotas fosse difundida, como modo de, inclusive, divulgar a universidade, e ampliar os potenciais candidatos para o vestibular. Assim, alunos da rede

pública que, antes, se viam em situação de desvantagem para cursar um Ensino Superior, passam a ter maiores perspectivas de ingressar em uma universidade.

"Acho que se o pessoal soubesse mais das cotas, divulgaria mais a universidade. Acho que muita gente não entra porque acha que não consegue. Mas dentro da universidade, o debate não mudaria muita coisa." (aluna não cotista, alimentos)

Já para outros alunos, a falta de informação a respeito das cotas contribui para a discriminação. O indivíduo que não conhece esse sistema tende a apresentar argumentações contra a política sem fundamentos, podendo ser preconceituoso, sem nem sequer perceber. Ainda, foi citada a vontade dos alunos de saber o posicionamento dos colegas em relação às cotas, de modo a criar um debate saudável, e que fuja do escopo de debates usuais da UFU, que se referem a temas técnicos, em sua maioria.

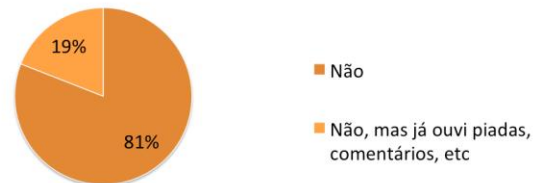
"Acho que se tivesse mais informação, teria mais respeito. O pessoal conhece superficialmente como funciona o sistema de cotas. Conhecer como funciona iria mudar a opinião de quem é contra cotas." (aluno cotista, telecom)

"O debate sobre cotas é bom pra mostrar que cotas não significam que alguém está roubando a vaga das pessoas que estudaram em escola particular. Não é bem assim. A gente precisa mostrar que existe uma discrepância de conhecimento, e as cotas se fazem necessárias. Mas é só uma medida paliativa, até que o MEC consiga arrumar a educação básica." (aluno cotista do PAAES, biotec)

"Eu acho que falta cada um se expressar sobre isso [cotas]. A gente percebe que aqui é um ambiente muito diversificado. Às vezes uma pessoa com a mesma opinião que você consegue acrescentar novos argumentos à sua posição. Acho bom ouvir a opinião alheia, respeitavelmente." (aluna não cotista, biotec)

Porém, embora alguns argumentem que a política de cotas contribui para a redução da discriminação e do pré conceito acerca dos possíveis cotistas, a grande maioria dos entrevistados nega que exista qualquer tipo de preconceito na universidade, como é demonstrado no gráfico ao lado. De todos os entrevistados, nenhum citou que existe ou já presenciou alguma situação de discriminação na UFU, porém, aproximadamente 20% dos alunos, ao responderem a essa questão, disseram já ter ouvido piadas ou comentários entre amigos, com o tom de brincadeira.

Os alunos cotistas acham que há discriminação na UFU?



Os alunos não cotistas acham que há discriminação na UFU?

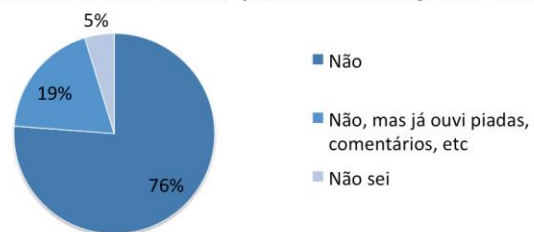


Gráfico 18: Discriminação na UFU. Fonte: Elaboração própria.

"Não tem preconceito nenhum, nunca vi. Só tem piadinha mesmo, tipo com os alunos cotistas. A gente brinca, tipo, 'Ah, tem piscina na sua favela?!'" (aluno não cotista, telecom)

"Nunca presenciei nenhuma situação de preconceito em relação aos alunos. Quer dizer, eu ouvi uma vez e ignorei. Foi discriminação pela cor, mesmo, falando da cor da menina. Mas eu ignorei. Irrelevante pra mim, faz muito tempo. Foi a única vez. Depois disso, não mais, não comigo." (aluno cotista, biotec)

"Ah, nunca teve discriminação. Só tem as piadinhas de sempre, mas são normais, tipo: 'Nossa, que celular bonito! Assaltou de quem?' Mas tudo bem, no momento em que as pessoas tem liberdade pra isso." (aluno cotista, telecom)

Percebe-se, portanto, um racismo implícito no contexto da UFU - Patos de Minas. Muito embora situações de preconceito aconteçam, elas não são observadas com a devida criticidade pelos alunos, sendo, inclusive, naturalizadas. Ainda, como é demonstrado em algumas falas, o cotista carrega a imagem do indivíduo que "roubou" a vaga do aluno que não entrou por ampla concorrência, uma vez que teve maior "facilidade" para ingressar na universidade do que os demais alunos. Nesse sentido, a ausência de um espaço para que o

cotista empodere-se e reafirme a universidade como o seu lugar, pode contribuir para que ele se sinta inferior. Ademais, o fato da política de cotas questionar a desigualdade de condições e de oportunidades e portanto a meritocracia, sistema dado como o mais "justo" por grande maioria da sociedade, colabora para deslegitimar a entrada do cotista na universidade. É importante destacar que essa discussão não aparece explicitamente na universidade, mas, sim, através de alguns comentários, como os citados acima.

"É uma forma não explícita, mas [a cota] acaba separando as pessoas. Independente disso tudo [ensino de má qualidade], o mérito da pessoa fica meio diminuído quando perguntam se você passou por cotas. São só parcialmente necessárias." (aluno cotista, telecom)

"Ninguém fala que é melhor por não ter entrado por cotas, mas pensam" (aluno cotista, biotec)

"Acho que o termo cotista é um pouco de preconceito. É como se você estivesse falando que o cotista não teria condições de ter passado na universidade pelos próprios méritos. Não gosto do termo. Cotas é um preconceito mesmo, parece que estão subestimando você, como se a pessoa não tivesse possibilidade de passar sem o auxílio de cotas." (aluno cotista, telecom)

Considerando a questão abordada anteriormente, perguntamos a opinião dos cotistas acerca da criação de um órgão com fins de defender os interesses dos cotistas, e de representá-los institucionalmente.

Como pode ser observado no gráfico ao lado, 90% deles mostraram-se contrários a essa medida, alegando que apenas diferenciaria os cotistas do não cotistas, e que no contexto da UFU - Patos de Minas, todos são tratados como iguais.

Opinião dos alunos cotistas sobre a criação de um órgão representativo

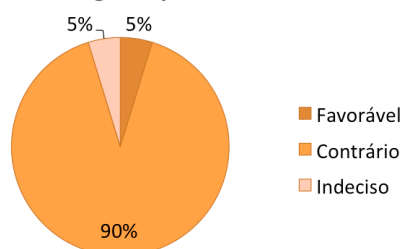


Gráfico 19: Posicionamento acerca de um órgão para cotistas. Fonte: Elaboração própria.

"Eu nunca tive contato, ou curiosidade de saber qual aluno entrou por qual cota. Simplesmente o aluno entrou, e estão todos no mesmo nível. Uma vez que ele entra na universidade, nós vamos treiná-lo para se formar um engenheiro. Até porque, muitas pessoas são contra as cotas porque falam que é uma forma de você diferenciar. Se você vai diferenciar, isso pode gerar

certo preconceito. Para alguns cotistas, pode passar na sua cabeça que, uma vez que estão aqui na UFU, é porque tiveram concorrência mais baixa, então estão aqui e são menos do que quem não entrou por cotas. Acho que não podemos nos preocupar se o aluno entrou pelo meio A, B, ou C. Quando o aluno está na UFU, bola pra frente." (coordenadora)

"Não sinto falta [de um órgão para cotistas]. Acho que, de um modo geral, todo aluno é atendido da mesma forma, independente de ser cotista ou não. Pra mim eu não vejo porque ter. Aqui já tem muita orientação aos alunos." (aluno cotista, telecom)

"Não acho que precisa [de um órgão para cotistas]. O preconceito não existe dentro da faculdade. Para quem ainda não entrou pode ter, mas aqui dentro não tem essa diferenciação. A pessoa, antes de entrar, ainda não tem uma vaga garantida, e a pessoa que ta aqui dentro já conseguiu a vaga." (aluna cotista, alimentos)

No geral, a opinião dos alunos sobre a política de cotas pode ser dividida em relação à política de cotas socioeconômica e cotas para escola públicas, e em relação à política de cotas raciais.

Em relação ao primeiro grupo, percebemos que a maioria dos alunos é favorável à política, muito embora haja uma parcela significativa que se diga contra. Já em relação à cotas raciais, percebemos uma forte oposição, principalmente dos alunos não cotistas, embora os cotistas também, em sua maioria, se digam contra.

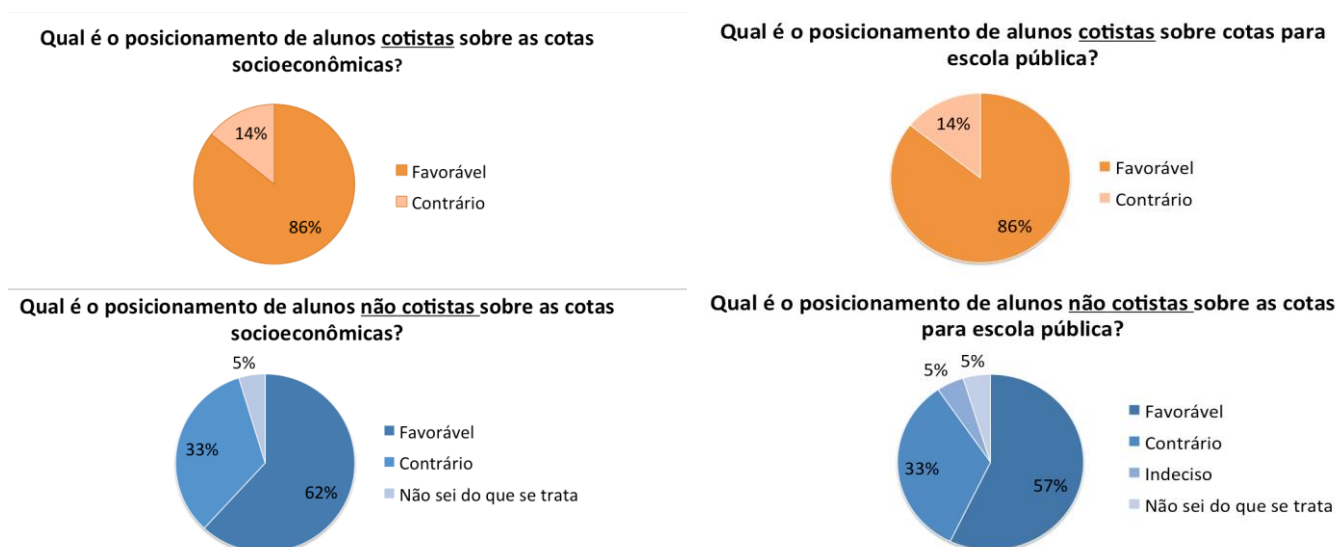


Gráfico 20: Posicionamento dos alunos sobre cotas socioeconômicas. Fonte: Elaboração própria.

Os argumentos favoráveis à qualquer tipo de cotas, observados com mais frequências, são os seguintes:

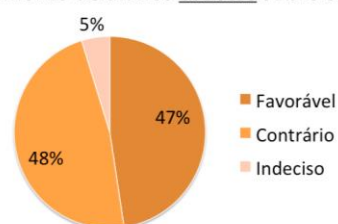
*"Acho que o Brasil está querendo consertar uma dívida social histórica, de muito tempo atrás, e que é real. Muitas vezes, a pessoa que veio de uma classe mais baixa, veio de uma escola pública que não teve as coisas tão fáceis na vida, **precisa ter um lugar para ele também**. Sou a favor de todo tipo de cotas. Se a pessoa negra não se sente constrangida por isso, se ela teve mais dificuldades, as cotas raciais são necessárias. A história do Brasil colocou na cabeça das pessoas a ideia de que negro é escravo; as pessoas já nasceram com essa mentalidade no Brasil, é uma cultura. Acho que as cotas raciais são uma maneira do governo diminuir isso."* (aluna cotista, alimentos)

"Tem gente que fala: "Eu sou negro, então eu mereço uma cota." Não, acho que se você é negro você merece é um sistema de ensino melhor. O sistema de cotas existe hoje para suprir essa necessidade, dando mais oportunidades para quem foi inferiorizado. Mas acho que a solução não é o sistema de cotas, mas sim, um bom sistema de ensino. Por ora, eu gosto do sistema de cotas porque dá um apoio às minorias. Mas acho que não deve ser para sempre." (aluno não cotista, biotec)

Já em relação aos argumentos contrários à política de cotas podem ser observados a seguir:

"Sou a favor de cotas para escola pública, porque o ensino público é uma porcaria, mas sou contra cotas por motivos raciais ou econômicos. Econômico até influencia você ter um ensino fundamental bom ou ruim. Mas isso está associado à escola pública. O que influencia para uma pessoa entrar ou não na universidade é ter um ensino bom ou ruim. Não dá para você comparar a pessoa que estudou em escola pública ou em escola particular. Já se a pessoa é negra ou tem posição econômica baixa, ela pode ter tido um ensino particular bom." (aluno não cotista, telecom)

Qual é o posicionamento de alunos cotistas sobre cotas raciais?



Qual é o posicionamento de alunos não cotistas sobre cotas raciais?



Gráfico 21: Posicionamento dos alunos sobre cotas raciais. Fonte: Elaboração própria.

"Não sou a favor das cotas raciais, mas sim das sociais. Se você não tem condições de se manter, sua renda é baixa, veio de escola pública, aí tudo bem. Mas cotas raciais pra mim é mais preconceituoso. É porque você é negro, ou de outra etnia que você é um coitadinho? Leva a essa interpretação. Tinha um professor da outra escola que dizia que negros tem que entrar para defender seus próprios direitos. E eu dizia que os direitos que os negros têm são os direitos de todas as pessoas. Mesmo que a pessoa não tenha condições, ela pode entrar." (aluna cotista, biotec)

*"Acho que qualquer um deve ter o mesmo direito. Se você colocar cota para um negro, um índio, é discriminação de qualquer forma. Você tá separando ele, por ser cotista. Não tem como suprir tudo que fizeram no passado. **O que fizeram [em relação à escravidão] foi tão pesado, que eu acho que não daria pra suprir, atualmente, não, até porque não tem justificativa.** Cotas em universidade não é um modo de justificar o que fizeram no passado. Eu penso que é bem difícil mudar esse preconceito, racismo. Isso vai sempre existir. Pode melhorar, mas essa discriminação por raça e por cor não vai mudar nunca." (aluno cotista, biotec)*

"Acho que tão jogando toda a responsabilidade de nivelamento para o ensino superior, quando isso deveria ocorrer no ensino básico. Como cidadão, minha questão é que a cota deve ser socioeconômica, independente de sexo, cor, qualquer tipo de distinção. Há casos em que as famílias são ricas, e colocam os filhos em escola pública, para prestar vestibular de medicina. Acho que o governo tá fazendo muita política social onde deveria ser o lugar mais sério do país, que é a universidade. Política social a gente implementa em outras esferas. Aqui deveria imperar a meritocracia." (professor)

Percebemos, portanto, que a questão racial é muito controversa na universidade. Contrários às cotas raciais sustentam seus argumentos alegando que elas discriminam ainda mais os negros, uma vez que eles necessitam de um "auxílio extra" para ingressar na universidade. Foi percebido que embora conste no banco de dados que determinados alunos ingressaram na UFU por meio das cotas raciais, durante a entrevista alguns disseram que não haviam entrado por essa modalidade, sendo possível perceber uma vergonha do aluno de ser cotista racial. É o caso de Pedro Henrique, cotista racial, por exemplo:

"Em relação às cotas para escola pública e renda, não tenho problema. Mas fico um pouco chateado em relação às raciais. Eu falo que eu sou negro. Ter cotas para negros mostra que uma pessoa negra não tem condições de passar em universidade federal. Tipo, tá falando como se você não conseguisse as coisas sozinho." (aluno cotista, telecom)

Apesar de toda a controvérsia em torno da legitimidade da política de cotas raciais, fica a questão: a UFU está, de fato, cumprindo com o objetivo de aumentar a quantidade de negros ingressos na universidade? Ao perguntar aos alunos se eles achavam que havia uma quantidade considerável de negros no ambiente da UFU, a maioria nos respondeu que não, pouco se vêem negros nos corredores.

"Aqui eu não vejo muitos negros. Não sei porque. Uma vez uma professora comentou que deveríamos comparar em escola pública e particular para ver quantos negros tinham. Depois, a gente ficou pensando nisso. Pode ser porque muitos negros não têm renda suficiente." (aluna não cotista, alimentos)

A fim de entendermos com maior propriedade a questão racial, conversamos com Pollyanna Fabrini Silva, representante do Núcleo de Estudos Afro Descendentes (NEAB), da UFU de Uberlândia. Ela citou a institucionalização do racismo desde a tentativa implementação da política de cotas raciais na UFU, em 2003, uma vez que a grande maioria dos docentes era contra essa medida, alegando que as cotas sociais contemplariam os negros, nas suas visões. Após a instituição das cotas sociais, através do PAAES, em 2008, percebeu-se que a quantidade de afrodescendentes na universidade não aumentou, rompendo com a argumentação inicial dos indivíduos contrários às cotas raciais.

É claro, devemos nos atentar para o diferente contexto em que ela fala: os campus de Uberlândia tendem a ser mais politizados, e a englobar maior variedade de pessoas, ideias, e cursos. Entretanto, algumas de suas falas são muito pertinentes na discussão que estamos trazendo, no que se refere ao racismo implícito, e à necessidade do empoderamento do negro e do cotista no ambiente universitário.

"Não percebo explicitamente que o pessoal diferencia o cotista ou não cotista. Mas implicitamente, no contexto de piadinhas, sim, percebo em vários espaços. "Ah, só entrou porque tinha cotas!". Mas é sempre brincadeira." (Pollyanna, NEAB)

Ela acredita que a maior diferença entre cotistas e não cotistas, principalmente raciais, diz respeito ao capital simbólico que cada um carrega consigo, e que contribui, cada vez mais, para a sensação de que a universidade é o "não lugar" do aluno negro. Nesse sentido, Pollyanna se mostra favorável à possibilidade de haver um órgão direcionado aos interesses dos cotistas, uma vez que seria um bom caminho para que os alunos conquistassem um lugar

dentro da universidade, empoderando-se, e refletindo acerca de questões que permeiam o assunto das cotas.

"Eu acredito que esse órgão traria a possibilidade de empoderar os alunos. A universidade é elitista e branca e isso faz a gente se sentir um tanto "fora do nosso lugar", mesmo sendo um espaço público. A gente se sente mais empoderado, no sentido de que esse lugar também é meu." (Pollyanna, NEAB)

"Até hoje, no mestrado, eu sinto uma distinção de coisas que eu tenho que correr muito mais atrás, coisas que não foram realidade da minha vivência, no contexto de capital simbólico e cultural que é dito como erudito e deixa à margem contextos mais populares." (Pollyanna, NEAB)

Pollyanna sente que o fato de o indivíduo ser negro e entrar na universidade contribui para que ele ou ela continue se afirmando, permanentemente, como pessoa merecedora daquele espaço. Ao entrar na universidade, é comum que o negro a encare como seu "não lugar", havendo uma obrigação interna de sempre se superar, e de servir de exemplo para os demais membros de suas famílias.

Em suma, a categoria *dimensão política* talvez seja, tendo em mente o estabelecimento da identificação e de pertencimento do aluno com a universidade, a categoria mais importante de análise. Essa dimensão de análise faz referência ao desenvolvimento do aluno, não apenas como aluno, mas como cidadão.

"Eu não acho muito legal não, eu acho que cotas pra negro, índio, eu acho meio desnecessário, porque... É uma frase clichê, mas a cor da pele não vai influenciar na sua capacidade intelectual... De escola pública eu também não sou muito a favor porque eu estudei nas duas e eu posso falar que eles deviam melhorar pra gente, porque eu acho que todo mundo tem que ter a oportunidade de ter um ensino bom, igual você tem na particular, porque tem países como Japão, Estados Unidos que todo mundo tem o mesmo nível de ensino e eu acho que aqui tinha que ser assim... Eu acho que cota... O povo brasileiro já é preguiçoso né? Já não gosta de ter muita dificuldade. Eu acho que cota faz você ficar mais preguiçoso ainda porque você não tem que se esforçar de igual pra igual: "Ah, eu já tenho cota que me facilita então sabe... vou fazer de qualquer jeito..." Sabe, eu não gosto não, de nenhuma (cota), nem de escola pública, nem de negro, nem de índio. E eu acho que assim, cota pra deficiente é uma coisa que tem que ter. Aquilo que eles falam de colocar esse tipo de pessoa no meio da sociedade, sabe? Eu acho que de

deficiente não tem problema não, até porque eles são deficientes, eles tem um problema” (aluna não cotista, biotec)

A frase é acima é significativa, pois ilustra a incapacidade de enxergar o acesso ao ensino superior como um processo desigual, injusto e concentrador de renda. Dizer que classes sociais mais abastadas estão inseridas na vida universitária é descrever a realidade na sua concepção positiva, ou seja, como ela é, assim como dizer que escolas públicas são, em sua maioria, de pior qualidade quando comparadas às escolas privadas.

Deficientes são certamente vulneráveis. São inúmeras as dificuldades reais do dia a dia que os afligem, como mobilidade, acessibilidade e preconceito. Do mesmo modo, não há juízo de valor quando é constatado que pessoas que estudaram a vida toda em escola pública, que possuem baixa renda, ou que se autodeclararam pretas, pardas ou indígenas, são também, em sua avassaladora maioria, um grupo de vulnerabilidade. Isso porque, não tiveram as mesmas oportunidades que outros grupos da sociedade tiveram para que pudessem transformar suas capacidades em liberdades.

O debate se faz necessário, não apenas para afirmar ou rebater a política de cotas, mas também para entregar ao aluno da UFU o direito à dúvida, instigando-o a pensar sobre os problemas que englobam a sociedade e, mais especificamente, o acesso à universidade.

7. Devolutiva para a UFU

Ao longo da pesquisa a campo, muito refletimos acerca dos problemas apresentados. Assim, buscamos algumas soluções para eles.

Primeiramente, ao perguntarmos aos alunos sobre a necessidade de haver maiores debates sobre a política de cotas dentro da universidade, muitos falaram que essa discussão deveria ocorrer em um momento anterior, como nas escolas, antes dos alunos prestarem vestibular. Considerando que há uma grande quantidade de projetos de extensão na UFU, pensamos na possibilidade de se criar um grupo de extensão, com a finalidade de levar aos alunos e professores de escolas públicas e particulares parceiras o assunto das cotas, destacando o objetivo da medida, os seus possíveis impactos, e a quem ela é destinada, de fato. Seria necessária não só a conscientização dos alunos em relação aos seus direitos e às perspectivas mais concretas de cursarem um Ensino Superior, mas também a sensibilização dos professores. O papel do professor deve ser o de mostrar os dois lados da política de cotas, e não o de minar seus alunos, alegando que as cotas são negativas e ilegítimas, como

acontece frequentemente. Ainda, somado a isso, os alunos da UFU estariam divulgando a própria universidade e seus cursos, contribuindo para reduzir o extremo desconhecimento sobre eles.

Em segundo lugar, percebemos que uma grande quantidade de pessoas se mostra contra a política de cotas, alegando que muitos burlam o sistema, a fim de tirar vantagem da maior "facilidade" que as cotas proporcionam no momento do ingresso na universidade. No campus da UFU de Uberlândia, foi criada uma Comissão de Acompanhamento da Política de Ações Afirmativas, cujo caráter não é punitivo nem fiscalizativo, mas tem o objetivo de analisar as dimensões estatísticas referentes à questão das cotas. A intenção principal é fazer um acompanhamento acerca das dificuldades dos ingressantes e do rendimento dos cotistas, por exemplo, sendo um órgão importante para evitar argumentações não fundamentadas que alegam que os cotistas reduzem a qualidade da universidade, por exemplo. Ainda, a Comissão gera maiores dificuldades para o aluno que desejava se autodeclarar negro para tirar vantagem das cotas, já que vai passar a pensar duas vezes antes de fazer isso, sabendo que existe um órgão que trata apenas de assuntos raciais na UFU.

Seria interessante, também, uma apresentação, no início de todo período letivo, para os novos alunos, explicando como foi o processo seletivo, de modo a tornar mais claro para todos o que é a política de cotas, instigando a reflexão pessoal sobre o tema. Os cursos de nivelamento ofertados devem permanecer abertos para todos os alunos interessados, uma vez que a defasagem não existe apenas nos alunos cotistas, como foi discutido anteriormente. Ainda nesse sentido, considerando que a universidade abre suas portas para alunos de baixa renda, declaradamente, e que possuem dificuldades de se sustentar, em muitos casos, a existência de um Restaurante Universitário, demanda de muitos alunos, seria indispensável, como forma de incluí-los e corresponder à suas necessidades dentro do ambiente universitário.

Por fim, propomos que os campus da UFU tenham maior ligação com o Núcleo de Estudos Afrodescendentes de Uberlândia. Ao longo de sua trajetória, o NEAB fez muitos estudos, e possui muitas experiências que podem ser compartilhadas com os demais campus. Nesse sentido, seria interessante que houvesse algum professor mais engajado em cada campus, disposto a fazer a ponte com Uberlândia, e a fechar parcerias de palestras ou rodas de conversa. A temática racial, muitas vezes, fica restrita apenas a quem tem alguma ligação com ela, sendo muito interessante acoplar diferentes visões, até mesmo como uma tentativa de enriquecer o debate.

8. Considerações Finais

Ao longo do estudo a campo, foi interessante notar como a presença de dois *estrangeiros*, oriundos de São Paulo e estudantes de Administração Pública, em uma universidade de exatas, no interior de Minas Gerais, falando sobre o assunto "cotas" gerou uma mobilização não usual na UFU, campus Patos de Minas. Enquanto na primeira semana houve certa dificuldade em encontrar pessoas dispostas a conversar conosco sobre o assunto, na segunda percebíamos que os alunos chegavam até nós interessados no que estávamos estudando, e animados para nos ajudar. Ainda, percebemos muitos alunos se mobilizando e articulando contatos para nos auxiliar nas entrevistas. Também vale ressaltar que, a cada entrevista, promovíamos reflexões pouco usuais nos discente, e essenciais para que eles se inteirassem de um assunto que, apesar de tão presente em seus cotidianos, percebemos que era encoberto e raramente falado e debatido.

Com o presente estudo, não pretendemos esgotar o assunto "cotas na UFU - Patos de Minas" mas sim, proporcionar ao leitor algumas perspectivas de análise para que possamos pensar com mais propriedade a questão da política de cotas nesse contexto. Ainda, é necessário que se tenha claro que as conclusões chegadas neste trabalho não podem ser generalizadas, uma vez que cada instituição de ensino e seus respectivos campus possuem seus contextos específicos.

O principal argumento das pessoas contrárias à política de cotas é sustentada no senso comum de que o desempenho dos cotistas é inferior ao dos não cotistas, reduzindo, assim, o nível da universidade. A partir da tabela de dados que a UFU nos disponibilizou, foi possível perceber que não há uma diferença significativa nas Médias Gerais Acumuladas dos alunos cotistas e não cotistas. Deste modo, seria interessante que as universidades mantivessem um controle das notas dos alunos cotistas e não cotistas, com total garantia de sigilo, a fim desmistificar tais argumentos, que são, na maioria das vezes, não fundamentados.

No que se refere à análise de cunho qualitativo, procuramos entender se há diferença na sensação de pertencimento do aluno cotista e do não cotista à universidade. No geral, a grande maioria dos alunos da UFU sentem-se pertencentes à universidade.

Percebemos que não é possível fazer uma distinção tão clara entre o perfil socioeconômico daqueles que ingressaram por meio das cotas, ou por ampla concorrência. Ambos os grupos estudaram, em sua maioria, em colégios públicos, sendo que, ao ingressarem na UFU, se depararam com dificuldades muito semelhantes, no que tange os métodos de estudo. Ainda, percebe-se que 43% dos não cotistas entrevistados têm bolsas, ou

precisam delas, sendo uma porcentagem significativa, demonstrando que não são apenas os cotistas que necessitam do benefício.

A análise qualitativa não demonstrou, no geral, que há distinções significativas entre o envolvimento, desempenho e motivação dos alunos cotistas ou não cotistas com a universidade. É interessante apontar um conceito que surgiu durante uma entrevista, quando perguntamos à entrevistada se ela considerava que havia diferença no desempenho entre cotistas e não cotistas. Ela nos respondeu que depende do "*fator ser humano*", isto é, dos objetivos que cada um estabelece para si e da força de vontade individual. Muito embora esse fator seja determinante para definir os caminhos de cada indivíduo, é importante lembrar que para alguns essa motivação nunca se fez presente, sendo difícil desenvolvê-la por si só.

Quantos alunos cotistas se sentem parte da UFU?



Os alunos não cotistas se sentem parte da UFU?

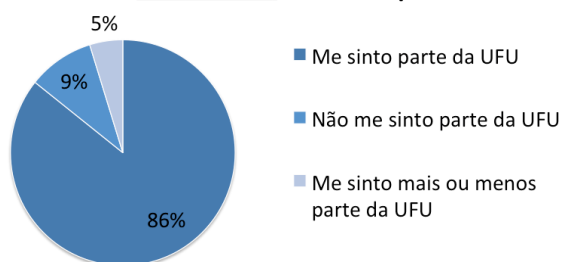


Gráfico 22: Pertencimento à UFU entre cotistas e não cotistas. Fonte: Elaboração própria.

"Muitos alunos têm uma motivação própria para estudar, mas isso não serve para todos. Acho que a motivação vem aos poucos. A pessoa que sempre foi desacreditada desde criança, por não ter uma condição social muito boa, não tem muita condição motivacional para dizer: 'Eu posso, eu não dependo dos outros, eu dependo só de mim para estudar.'. Isso é muito complicado. Ninguém sabe a base que o aluno teve." (coordenador)

Ademais, foi possível notar que a UFU - Patos de Minas é escassa de um ambiente de discussões políticas, que fujam do escopo tecnicista de uma universidade de Exatas. Isso contribui para que os atores da universidade pouco falem sobre o tema cotas, criando uma situação em que as pessoas conheçam superficialmente seu funcionamento e seus objetivos. Isso pode, inclusive, colaborar para o processo de não reconhecimento da universidade como um lugar do cotista, muito embora isso ocorra implicitamente. Nesse sentido, é relevante destacar que essa condição não foi observada em larga escala entre os alunos, devido ao fato

de não haver grandes distinções entre o perfil dos alunos cotistas e não cotistas. No entanto, não achamos que essa questão devesse ser desconsiderada.

No que concerne a sensação de pertencimento dos alunos, não percebemos muita distinção em relação às suas demandas. A necessidade de a universidade dispor de um *campus* próprio foi uma demanda comum aos alunos cotistas e não cotistas, sendo um dos principais fatores que influenciavam a pessoa a não se sentir parte da universidade.

A sensação de pertencimento também esteve muito associada à questão do ciclo social. Percebemos que, de modo geral, os alunos da UFU são muito unidos, e dentro de um mesmo ciclo social, não há distinção entre cotistas e não cotistas.

"Gosto demais dos amigos que eu fiz aqui. Aprendi a gostar da cidade. Então acho que eu faço parte mesmo. Fazer parte é saber que mesmo você estando fora da UFU, muita gente vai lembrar de você. Tem mais relação com as pessoas que você convive do que com a própria faculdade. Aliás, é a faculdade que vai juntar todas essas pessoas, de todos os lugares." (aluna cotista do PAAES, alimentos)

Também, percebemos que muitos discentes sentem-se parte do ambiente universitário, uma vez que se orgulham de ter passado no vestibular e se vêem como merecedores de estudar na UFU. Uma vez dentro da universidade, os alunos devem valorizá-la e lutar por possíveis melhoras, em prol de todos aqueles envolvidos com a UFU.

"Fazer parte de uma universidade é uma vitória, primeiramente. Só conseguir entrar na universidade já é uma coisa incrível. Fazer parte é conseguir valorizar a universidade. Acho que todo mundo luta não só pelos seus próprios interesses, mas também pelos interesses dos colegas ao seu lado." (aluna não cotista, biotec)

Um terceiro eixo sob o qual percebemos a questão do pertencimento refere-se à possibilidade de o aluno participar de projetos extra-sala, como iniciação científica, ou projetos de extensão, tornando claro que a universidade não se limita à sala de aula.

"Fazer parte é começar a ver com outros olhos a vida. Estando na universidade, você passa a ver o mundo de outra forma, amplia muito o campo de visão. E acho que quanto mais você participa das coisas, mais você vai ampliando sua visão de mundo. Muita gente acha que universidade é só conteúdo, e eu acho que é bem mais do que isso." (aluna não cotista, biotec)

Em suma, foi possível notar que o ambiente da UFU - Patos de Minas é, no geral, muito acolhedor. Foi interessante reparar que dentro de um grupo de amigos, muitos eram cotistas, e poucos tinham conhecimento. Considerando que, de fato, não há uma distinção entre alunos que entraram, ou não, por cotas na universidade, vale nos questionar se um órgão em defesa dos cotistas seria legítimo nesse contexto, por exemplo. Entretanto, julgamos essencial a permanência de cursos de nivelamento para cotistas e não cotistas, uma vez que ambos apresentam dificuldades similares, em muitos casos, e achamos que seria benéfica a maior informação a respeito da política de cotas na universidade, de modo a romper com possíveis preconceitos e evitar, cada vez mais, situações de racismo implícito.

9. Referências Bibliográficas

- ÉSTHER, Angelo Brigato; MELO, Mariane Catarina de Oliveira Lopes. **A construção da identidade gerencial dos gestores da alta administração de Universidades em Minas Gerais.** : FGV EBAPE, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v6n1/v6n1a04>. Acesso em: 11/09/2015
- SILVA, Fabson Calixto da. **As relações raciais na educação, a objetividade e subjetividade das cotas sócio-raciais no ensino superior.** : Revista da ABPN, 2013. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/354/264>. Acesso em: 11/09/2015
- OLIVEIRA, Juliana Augusta Nonato de. **Estudantes negros ingressantes na universidade por meio de reserva de vagas: um estudo sobre processos educativos de construção de identidade negra e pertencimento étnico-racial no ensino superior.** São Carlos: UFSCAR, 2013. Disponível em: http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/8/TDE-2013-04-30T153054Z-5194/Publico/5054.pdf. Acesso em: 11/09/2015
- SEN, Amartya. **“Desenvolvimento como liberdade”.** São Paulo: Editora Schwarcz S.A. 1999
- SANDEL, Michael J. **“Justiça”.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2009
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: uma difícil via crucis ainda a caminho da redenção** . Periódicos UFRN, Natal-RN, v. 9, n. 1, p. 247-254. 06/2008.
- SCHWARCZ, Lilia M. e STARLING, Heloisa M. **“Brasil: uma biografia”.** São Paulo: Editora Schwarcz S.A. 2015
- CENSO 2010, disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>
- MOEHLECKE, Sabrina. **Ação afirmativa: história e debates no Brasil** .São Paulo: Cadernos de Pesquisa USP, 2002. p. 197-217. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15559.pdf>. Acesso em: 03/10/2015
- MOEHLECKE, Sabrina. **Ação afirmativa no Ensino Superior: entre a excelência e a justiça racial** . 88. ed. Campinas: Educação Social , 2004. p. p. 757-776. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n88/a06v2588.pdf>. Acesso em: 03/10/2015

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Uma análise das condições de vida da população brasileira 2014**. 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2014/default.shtm>. Acesso em: 03/10/2014
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Atlas do Censo Demográfico 2010**. 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>. Acesso em: 03/10/2015
- MUNANGA, Kabengele. **Políticas de Ação Afirmativa em benefício da população negra: um ponto de vista em defesa das cotas**. Goiânia: Sociedade e Cultura, 2001.

10. Apêndice

10.1 Histogramas de Biotecnologia

Nessa seção, apresentaremos a distribuição de frequências das Médias Gerais Acumuladas dos alunos com média maior que zero. É importante destacar que as barrinhas preenchidas de azul estão meramente ilustrando a quantidade de notas zero de cada período, não sendo utilizadas para a conta das médias, desvios padrão e medianas.

O símbolo * aparecerá apenas nos primeiros períodos, e demonstram a quantidade de alunos que, apesar de terem passado no vestibular ou SISU, não chegaram a cursar nem o primeiro período. Portanto, nós os retiramos de nossa análise quantitativa. É possível, ainda, observar notas zero no 1º semestre, uma vez que há alunos que nunca chegaram a se desmatricular da universidade, sendo que seu status perante à universidade permanece como "Aluno com vínculo".

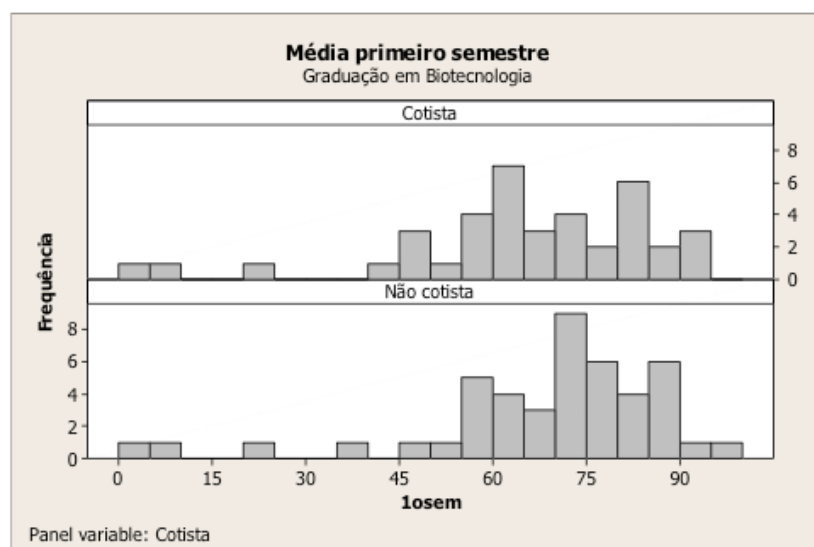
	LEGENDA
N	Quantidade de alunos ativos no período analisado
0'S	Quantidade de alunos matriculados na UFU, com média igual a 0 (desistentes informais): representada pela barrinha azul
*	Quantidade de alunos que nem chegaram a cursar o 1º período

COTISTAS:

Média: 64,92
Desvio padrão: 20,7
Mediana: 60,95
N: 39
0's: 0
*'s: 2

NÃO COTISTAS:

Média: 68,58
Desvio padrão: 19,77
Mediana: 74,57
N: 45
0's: 0
*'s: 6



COTISTAS:

Média: 63,23

Desvio padrão: 18,77

Mediana: 62,68

N: 31

O's: 4

NÃO COTISTAS:

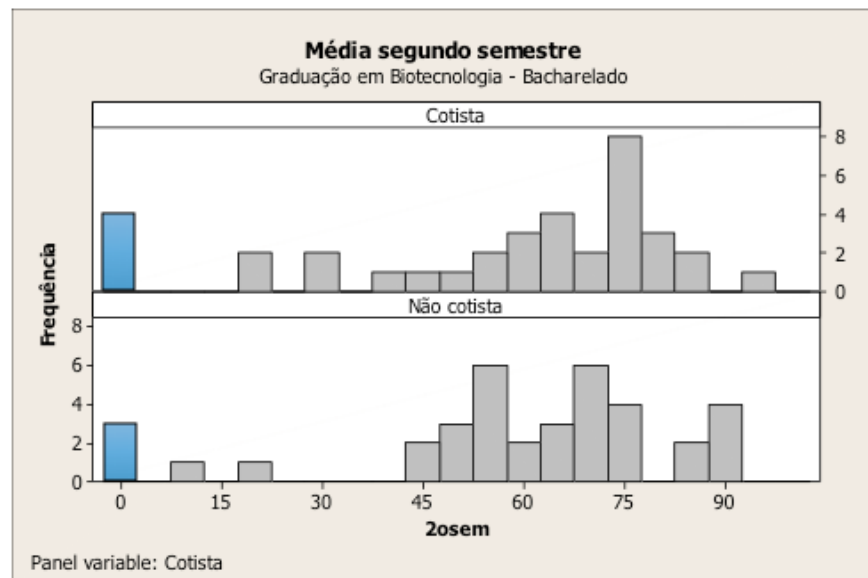
Média: 63,36

Desvio padrão: 18,46

Mediana: 68,64

N: 35

O's: 3

**COTISTAS:**

Média: 67,48

Desvio padrão: 22,76

Mediana: 62,74

N: 18

O's: 0

NÃO COTISTAS:

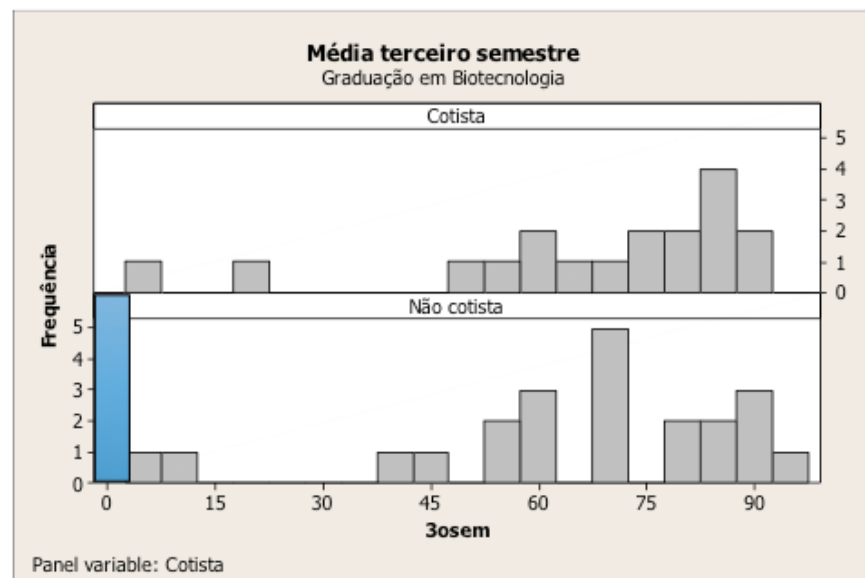
Média: 64,81

Desvio padrão: 23,04

Mediana: 74,17

N: 22

O's: 6

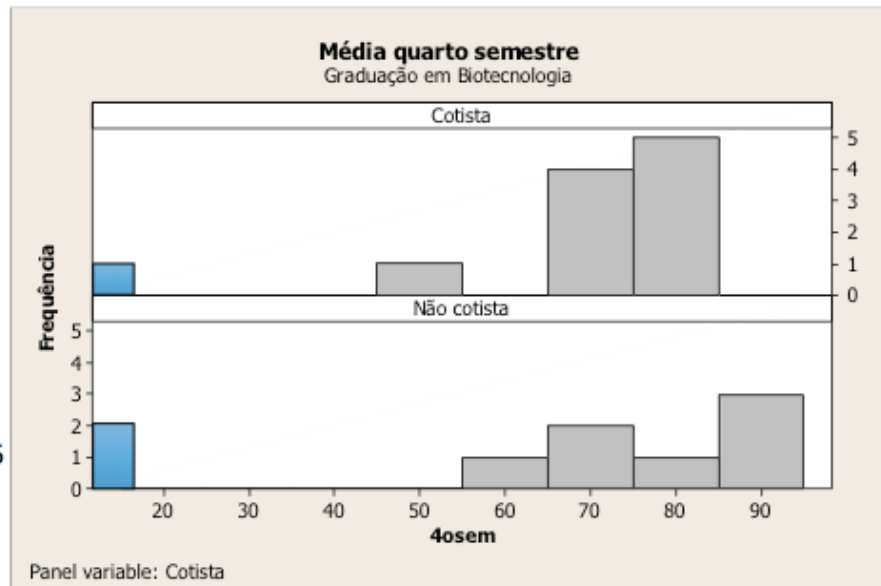


COTISTAS:

Média: 73,49
Desvio padrão: 9,13
Mediana: 74,95
N: 10
O's: 1

NÃO COTISTAS:

Média: 78,49
Desvio padrão: 10,85
Mediana: 82,22
N: 7
O's: 2



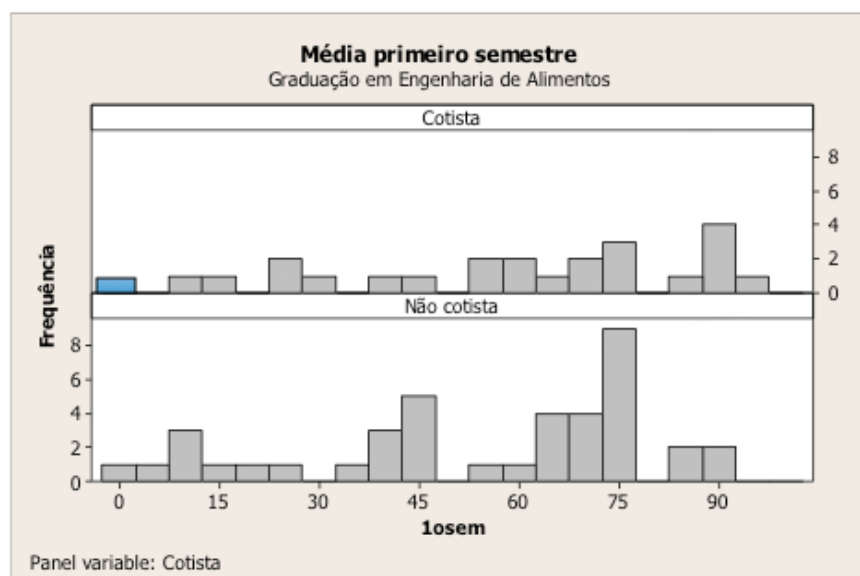
8.2 Histogramas de Engenharia de Alimentos

COTISTAS:

Média: 61,16
Desvio padrão: 25,1
Mediana: 64,68
N: 23
O's: 1
*s: 5

NÃO COTISTAS:

Média: 54,04
Desvio padrão: 25,74
Mediana: 64,98
N: 40
O's: 0
*s: 9



COTISTAS:

Média: 63,63

Desvio padrão: 17,79

Mediana: 60,78

N: 15

O's: 6

NÃO COTISTAS:

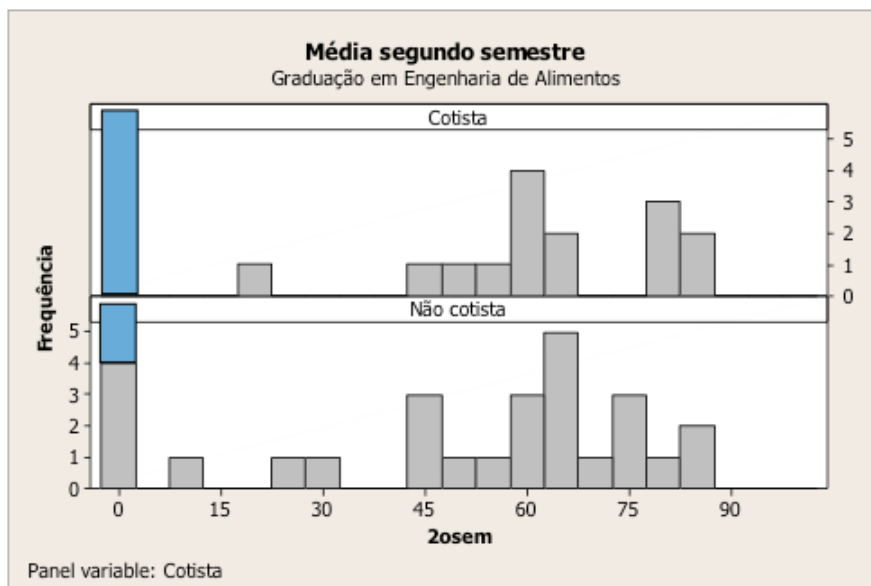
Média: 50,38

Desvio padrão: 27,01

Mediana: 59,48

N: 27

O's: 5

**COTISTAS:**

Média: 67,04

Desvio padrão: 15,76

Mediana: 64,62

N: 9

O's: 2

NÃO COTISTAS:

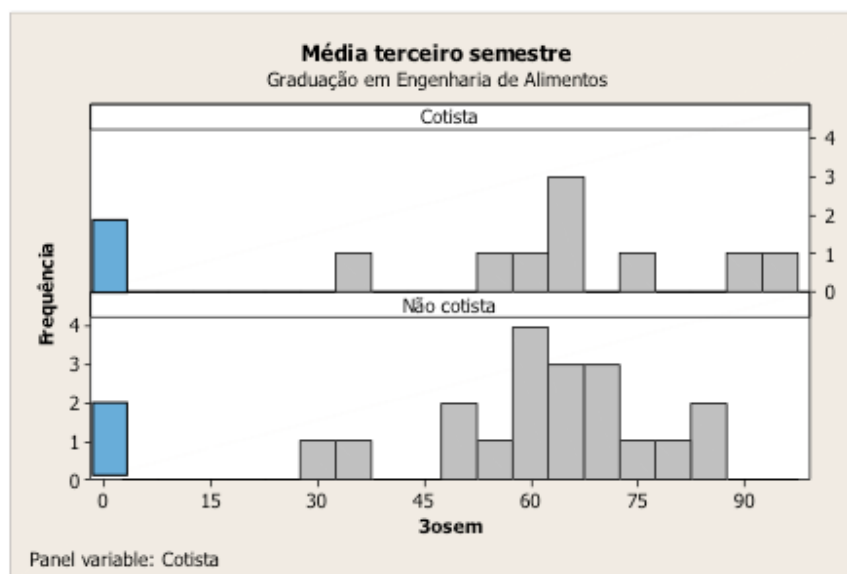
Média: 62,56

Desvio padrão: 13,81

Mediana: 63

N: 19

O's: 2

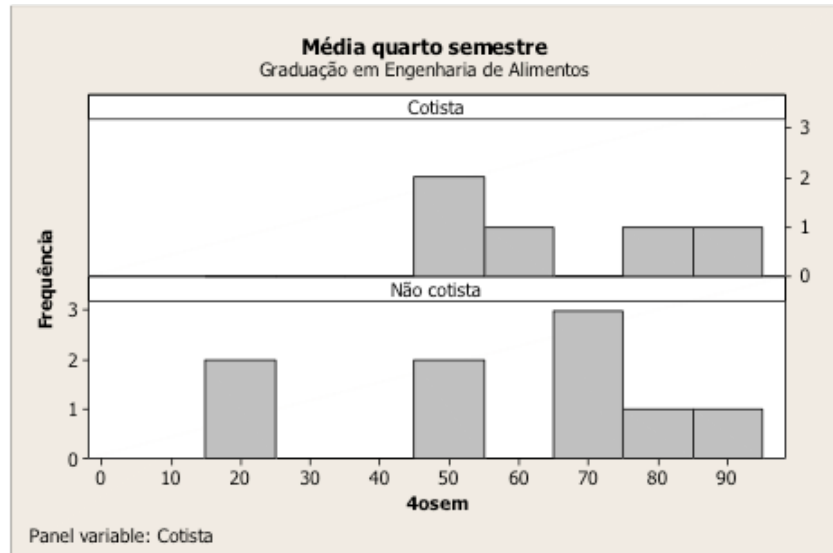


COTISTAS:

Média: 66,18
Desvio padrão: 18,34
Mediana: 63,44
N: 5
O's: 0

NÃO COTISTAS:

Média: 57,01
Desvio padrão: 24,82
Mediana: 65,61
N: 9
O's: 0



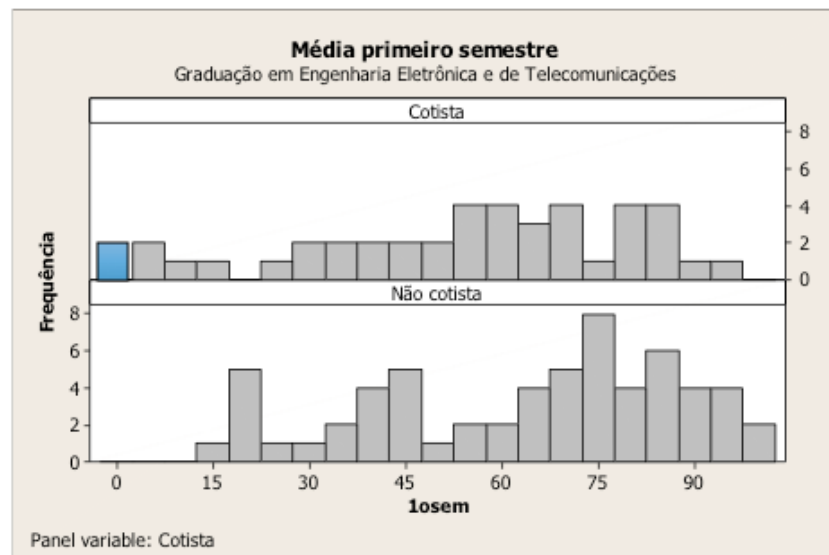
8.3 Histogramas de Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações

COTISTAS:

Média: 56,41
Desvio padrão: 23,27
Mediana: 60,14
N: 41
O's: 2
*'s: 1

NÃO COTISTAS:

Média: 63,71
Mediana: 69,84
Desvio padrão: 23,51
N: 61
O's: 0
*'s: 3

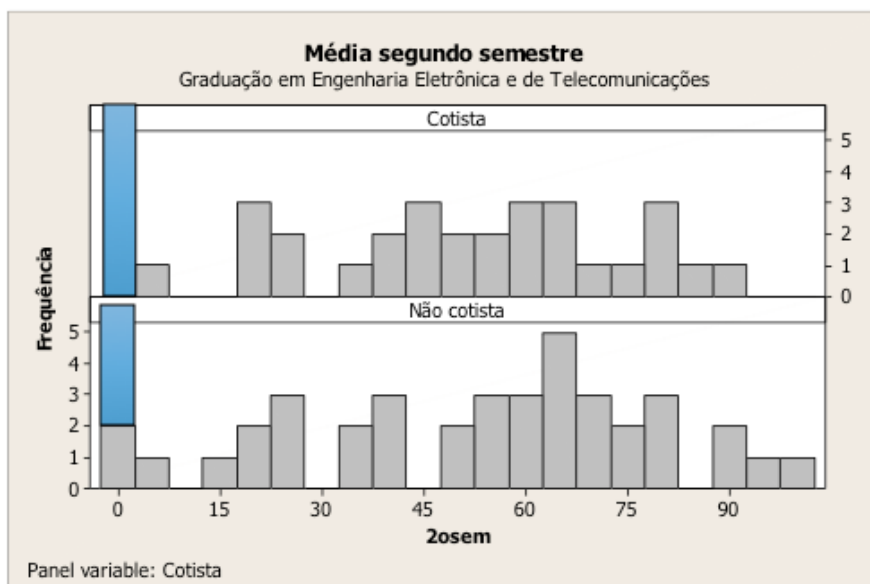


COTISTAS:

Média: 51,99
Mediana: 54
Desvio padrão: 21,8
N: 29
O's: 11

NÃO COTISTAS:

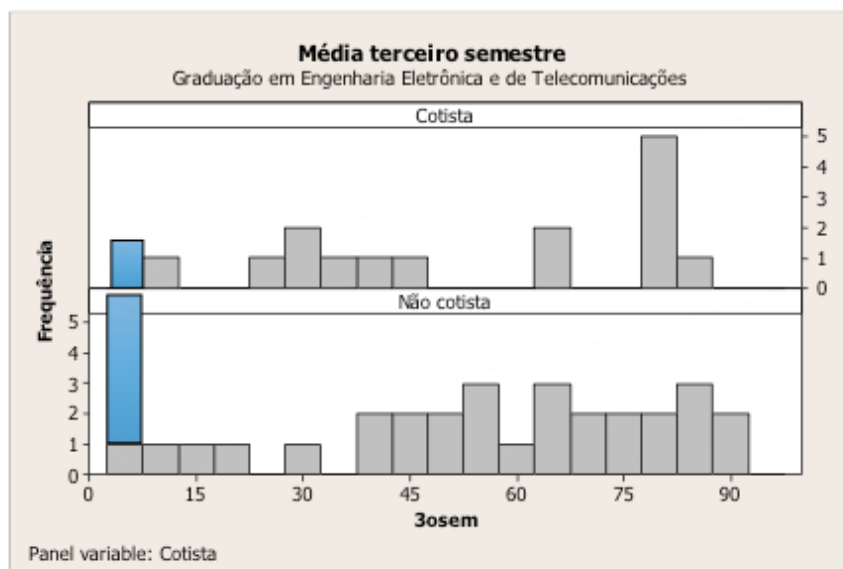
Média: 52,87
Mediana: 58,08
Desvio padrão: 25,64
N: 39
O's: 4

**COTISTAS:**

Média: 55,14
Desvio padrão: 24,48
Mediana: 66,57
N: 15
O's: 2

NÃO COTISTAS:

Média: 56,86
Desvio padrão: 23,62
Mediana: 58,08
N: 29
O's: 5

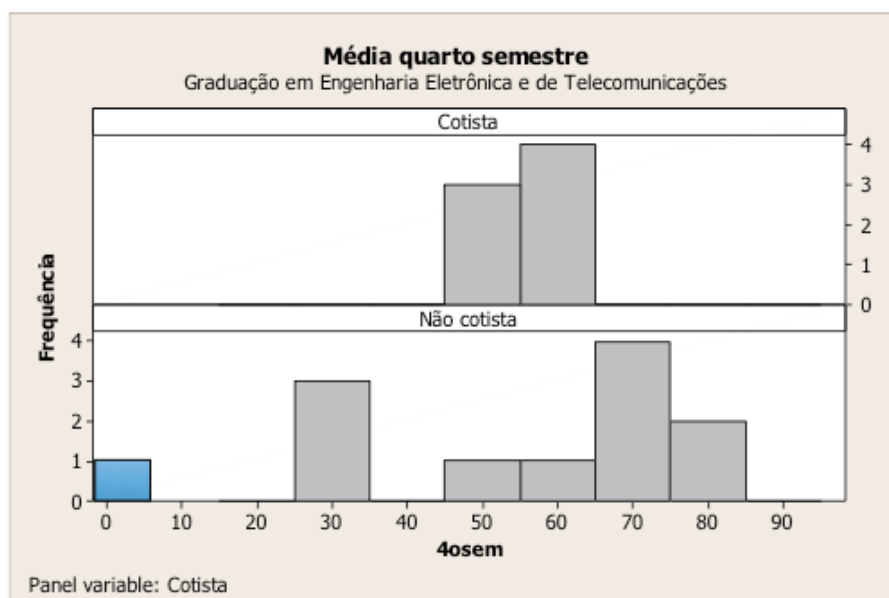


COTISTAS:

Média: 55,64
Desvio padrão: 7,05
Mediana: 55,35
N: 5
O's: 0

NÃO COTISTAS:

Média: 57,35
Desvio padrão: 17,93
Mediana: 65,42
N: 9
O's: 1



10.2 Roteiros de pesquisa

1. Roteiro para alunos

Blocos entrevista com cotistas:

- **Transição para a Universidade**
 - **Relação com o vestibular**
 - O que influenciou/motivou o entrevistado a estudar para o vestibular
 - Como a pessoa estudou para passar no vestibular
 - **Relação com a família**
 - Teve apoio dos familiares para prestar?
 - **Antes da Universidade:**
- **Vida familiar**
 - Formação dos pais
 - Trabalho dos pais
 - Renda familiar
 - Posição sobre cotas dos familiares mais próximos
 - Familiares apoiam o estudo dos filhos?
 - Lugar onde viveu, e onde vive atualmente
 - Entrevistado/a trabalha ou trabalhava antes da Universidade?
- **Educação anterior**
 - Onde estudou e se formou
 - Desafios destacados durante a formação (greve, defasagens de ensino, etc) à como era a escola, os professores, o ambiente
- **Cotas**
 - Por que você se identifica como cotista? Você se sente a vontade com esse termo?
 - Qual modalidade você escolheu para cotas?

- Sabia da existência de bolsas e auxílios antes da Universidade?
- **Na Universidade**
 - **Como foi a adaptação à universidade? (Teve muitas dificuldades em termos de socialização ou conteúdo?)**
 - **Relação com professores**
 - Como os professores ajudam os alunos com dificuldade?
 - Você percebe algum tipo de discriminação por parte dos professores?
 - Os professores sabem quem são os alunos cotistas? Como?
 - De maneira geral, como os professores se posicionam em relação às cotas?
 - **Relação com coordenação**
 - Como é a sua relação com a coordenação do curso?
 - Em que momentos você faz o uso da coordenação?
 - **Diferença entre os cursos:**
 - Como cada curso se comporta em relação aos cotistas? Existe diferença entre eles?
 - **Relação entre os alunos:**
 - Existe discriminação com os alunos cotistas? Nos de um exemplo?
 - Você já sofreu algum tipo de preconceito na Universidade por qualquer motivo?
 - Como vem sendo feito o debate sobre cotas na Universidade?
 - As cotas são vistas como tabu?
 - De maneira geral, os alunos sabem como o sistema de cotas funciona?
 - Na sua opinião, a maioria dos alunos é a favor ou contra a política de cotas? Por que?
- **Reflexões/perguntas gerais:**
 - Há diferenças no desempenho entre alunos cotistas e não cotistas?
 - Você acha que vai bem na UFU? Por que? Você acha que isso é suficiente para avaliar o aluno? (Como os alunos são avaliados na universidade?)
 - “O CRA determina quem você é na faculdade”. Comente sobre essa frase.
 - Então, o quão efetiva é a política de cotas dado que o CRA deve ser muito alto e os primeiros anos da Universidade são muito difíceis? Há muita evasão dos cotistas?
 - Qual a sua opinião em relação à política de cotas?
 - Na sua perspectiva, há diferença no envolvimento dos alunos cotistas e não cotistas?
 - Você sente falta de algum órgão representativo dos alunos cotistas?
 - Você já participou/participa de algum movimento social na cidade ou outros locais?
 - Você sente que a quantidade de cursos ofertados pela universidade para reforço é suficiente para suprir a demanda dos alunos?
 - O que pode ser feito para mudar isso? A quem recorrer?
 - Você frequentava aulas de nivelamento, ou os cursos oferecidos para alunos com dificuldades? Por que?
 - Como é a sensação de pertencimento na universidade? Nas entidades estudantis? Você participa de alguma?
 - Por que não tem negros? (podemos pegar o lado preconceituoso do cotista)
 - Olhando um pouco para trás, você acha que mudou entre o período que entrou na universidade e hoje? Se sim, o que mudou? (amadurecimento?)

2. Roteiro para professores e coordenadores

Entrevista com professores

- **INTRO:** Queremos entender se o desempenho dos cotistas influencia no nível da universidade.
- Há quanto tempo você atua como docente no geral? E na UFU?
- **Posicionamento:**
 - o Qual seu posicionamento sobre cotas?
 - o Como você as enxerga na universidade?
 - o Sua opinião sobre as cotas mudou após a implementação de cotas na UFU?
- **Como ele enxerga as cotas na universidade?**
 - o Como você enxerga a reação dos alunos às cotas na UFU? Há preconceito, discriminação? Já vivenciou alguma situação de preconceito em sala de aula?
 - o Como foi a mobilização dos corpo docente no debate sobre cotas?
 - o Houve resistência no processo de implementação das cotas na UFU? (manifestações? greve?)
 - o Houve uma série de debates a respeito da implementação da política de cotas na UFU em 2006 e 2007. Você participou? O que achou?
 - o Você acha que há um maior envolvimento dos cotistas na universidade do que os não cotistas? Você acha que eles têm a mesma sensação de pertencimento do que os demais alunos?
 - o O CRA determina quem você é na faculdade. Comente sobre essa frase. Você acha que isso é suficiente para avaliar o aluno?
 - o Se cotistas perdem a bolsa eles saem da faculdade?
 - o Como eles perdem a bolsa?
 - o Mas se cotistas em geral precisam manter o CRA alto devido à bolsa, e eles possuem uma defasagem de ensino, o quão efetiva é a política de cotas no sentido de conseguir mantê-los dentro da universidade e formá-los?
 - o Você acha que há uma diferença no desempenho dos alunos cotistas e não cotistas?
- Quais são as principais diferenças?
- Há defasagem? Por que você acha que há essa defasagem?
- Há muitas diferenças entre o ensino público e privado? As defasagens são as mesmas?
- Qual a diferença entre alunos nos primeiros períodos e nos últimos?
- Você acha que a qualidade da UFU cai depois da adoção da política de cotas?
- **Operacional:**
 - o Se existe defasagem, você faz alguma coisa para ajudar os alunos com suas dificuldades? O que você sugere que possa ser mudado?

10.3 Análise das Médias Gerais Acumuladas

A seguir, temos os 12 conjuntos de gráficos usados como meio para chegarmos aos resultados obtidos nas tabelas, contendo as médias das notas padronizadas e os desvios padrão das notas padronizadas. Cada conjunto diz respeito a um curso e ano (por exemplo: Biotecnologia 2013.1, ou Engenharia de Alimentos 2014.2).

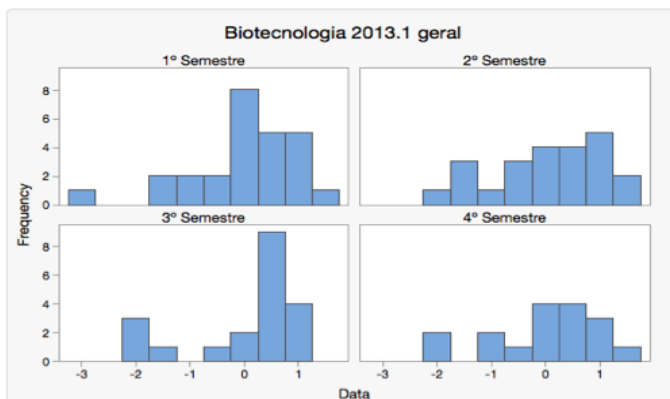
O conjunto dispõe da seguinte composição:

- Uma tabela com médias e desvios padrão de todos os períodos do ano.

- Um histograma com a distribuição de notas padronizadas gerais (note que a média e o desvio padrão de todos os histogramas gerais são respectivamente 0 e 1, o que comprova que as notas padronizadas dos alunos estão de acordo com as notas reais que obtiveram no semestre.)
- Um histograma com a distribuição de notas padronizadas de cotistas
- Um histograma com a distribuição de notas padronizadas de não cotistas

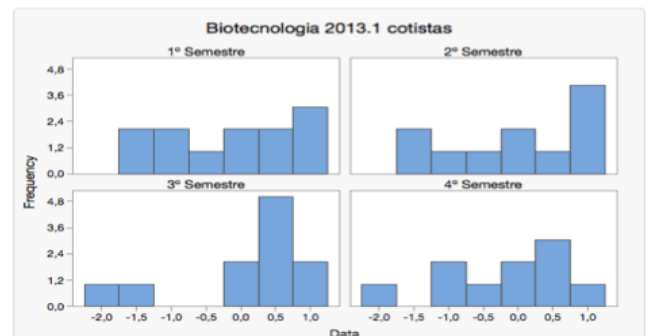
Biociologia 2013-1

2013.1	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Média Ponderada	76,7319231	55,3065217	64,487	75,5505882
Desvio Padrão	12,5216229	23,2730306	29,7919028	10,5118061



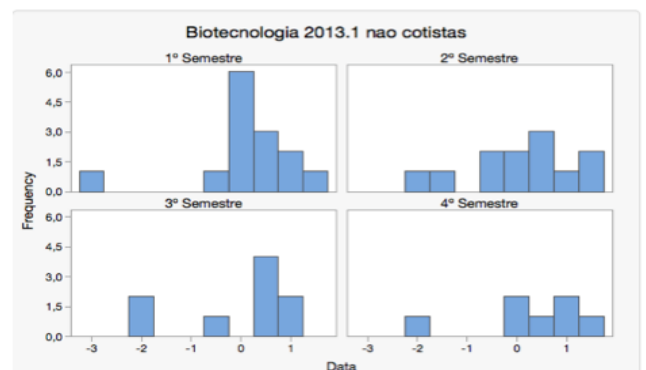
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	26	0,0000	1,0000	-3,1204	1,5005
2º Semestre	23	0,0000	1,0000	-1,9962	1,4946
3º Semestre	20	0,0000	1,0000	-1,9937	0,9789
4º Semestre	17	0,0000	1,0000	-2,1576	1,3898



Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	12	-0,1152	0,9624	-1,5535	1,2377
2º Semestre	11	-0,0447	0,9777	-1,6137	1,0464
3º Semestre	11	0,0665	0,9567	-1,9199	0,8711
4º Semestre	10	-0,1957	0,9159	-2,1576	0,7962

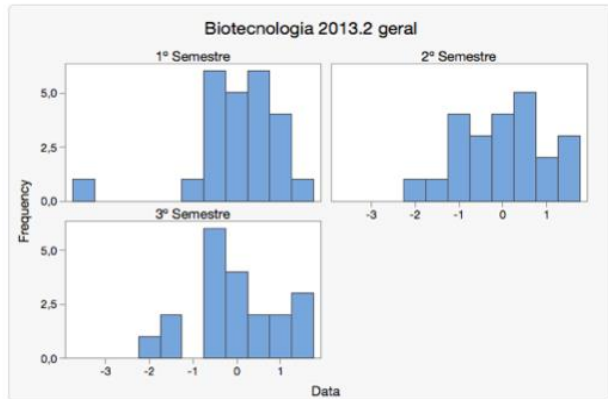


Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	14	0,0988	1,0567	-3,1204	1,5005
2º Semestre	12	0,0410	1,0617	-1,9962	1,4946
3º Semestre	9	-0,0813	1,1034	-1,9937	0,9789
4º Semestre	7	0,2796	1,1195	-1,8684	1,3898

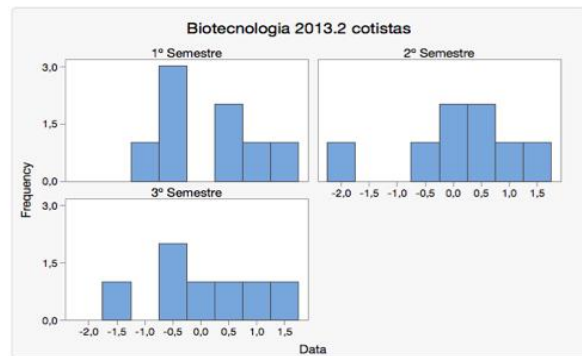
Biotechnologia 2013-2

2013.2	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre
Média Ponderada	67,92	69,003913	67,537
Desvio Padrão	18,4592308	15,2095866	14,7102174



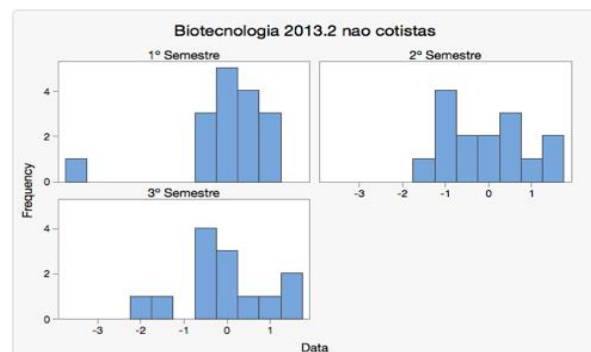
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	24	0,0000	1,0000	-3,6177	1,3375
2º Semestre	23	0,0000	1,0000	-1,9563	1,6040
3º Semestre	20	0,0000	1,0000	-1,9128	1,4801



Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	8	0,0870	0,8045	-1,0818	1,3375
2º Semestre	8	0,1316	1,0732	-1,9563	1,6040
3º Semestre	7	0,1041	0,9504	-1,3512	1,4040



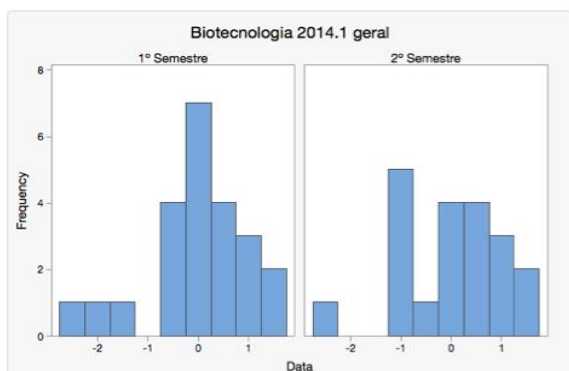
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	16	-0,0435	1,1069	-3,6177	1,1804
2º Semestre	15	-0,0702	0,9902	-1,7413	1,4396
3º Semestre	13	-0,0561	1,0592	-1,9128	1,4801



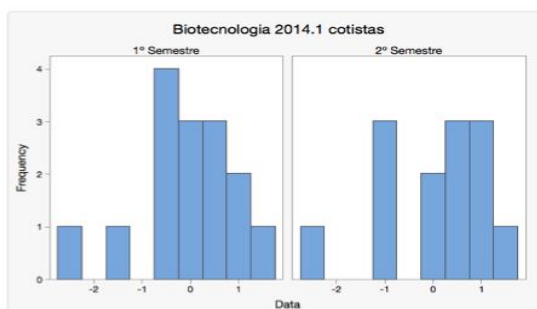
Biotechnologia 2014.1

2014.1	1º Semestre	2º Semestre
Média Ponderada	58,926087	65,9535
Desvio Padrão	23,0184702	13,5984849



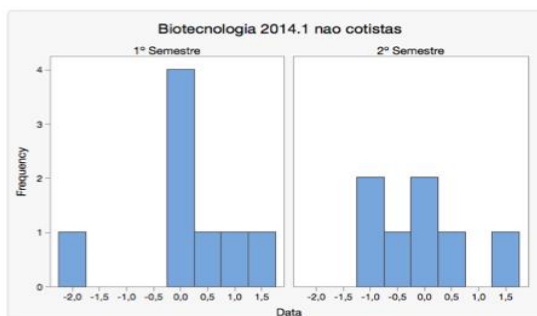
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	23	0,0000	1,0000	-2,3775	1,3565
2º Semestre	20	0,0000	1,0000	-2,5550	1,5404



Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	15	-0,0576	1,0001	-2,3775	1,3565
2º Semestre	13	0,0074	1,1164	-2,5550	1,5404

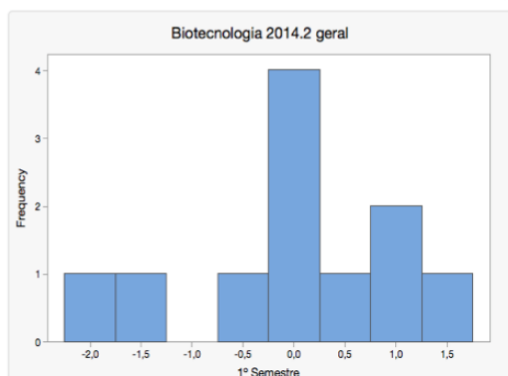


Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	8	0,1080	1,0593	-2,1711	1,3456
2º Semestre	7	-0,0137	0,8206	-0,8445	1,5220

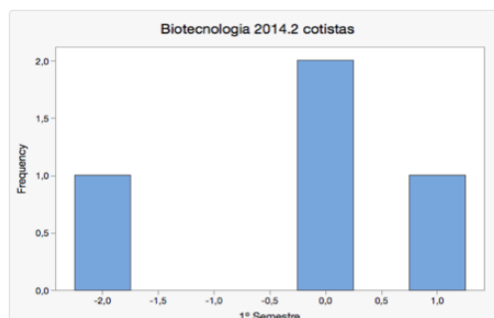
Biotechnologia 2014.2

2014.2	1º Semestre
Média Ponderada	58
Desvio Padrão	25,1269736



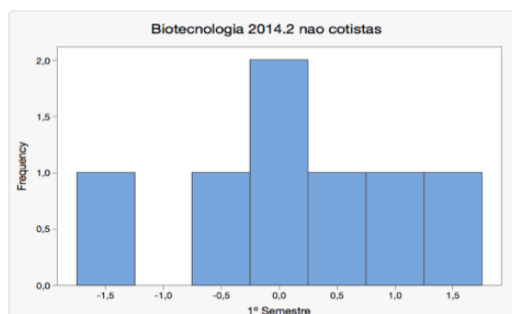
Summary Statistics

N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
11	0,0000	1,0000	-2,0966	1,2688



Summary Statistics

N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
4	0,0000	1,0000	-2,0966	1,2688



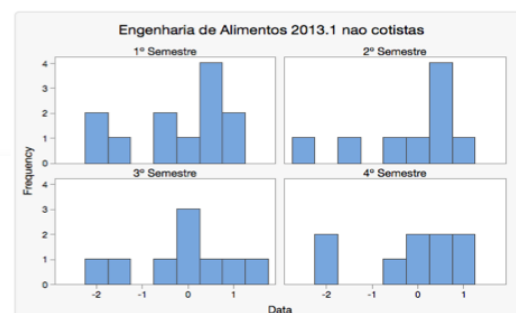
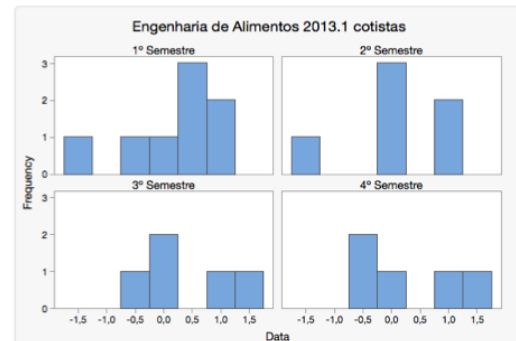
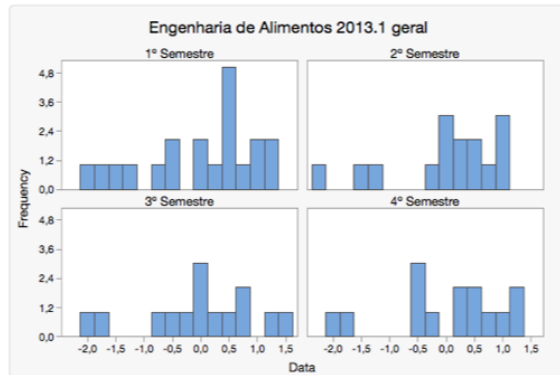
Summary Statistics

N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
7	0,1349	0,8674	-1,3292	1,2688

Engenharia de Alimentos

2013.1

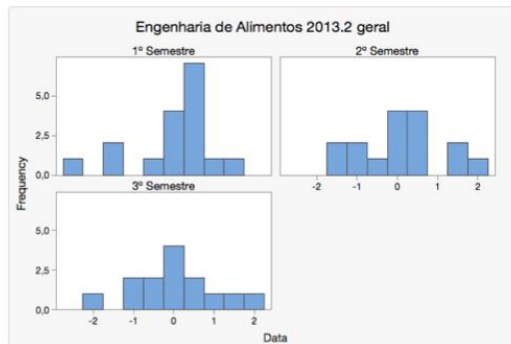
2013.1	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Média Ponderada	59,0755	58,9306667	63,2171429	60,2857143
Desvio Padrão	26,2540264	25,4925444	15,7725479	24,0213119



Engenharia de Alimentos

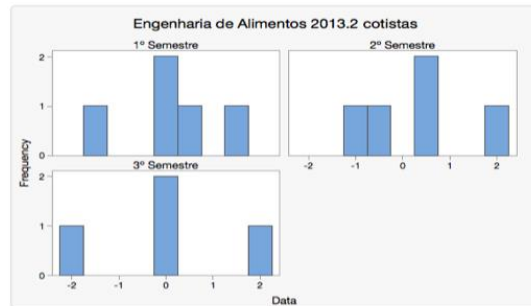
2013.2

2013.2	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre
Média Ponderada	61,6447059	61,17875	64,7907143
Desvio Padrão	18,1206892	12,1026421	14,5030753



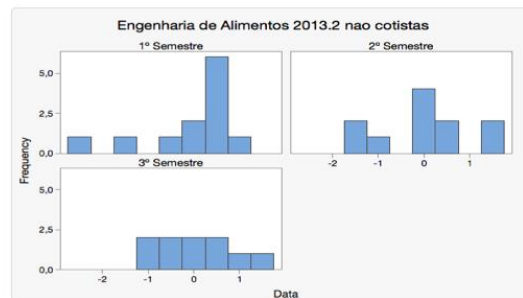
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	17	0,0000	1,0000	-2,5454	1,5758
2º Semestre	16	0,0000	1,0000	-1,5219	1,8856
3º Semestre	14	0,0000	1,0000	-1,9086	1,9685



Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	5	-0,0034	1,1596	-1,6161	1,5758
2º Semestre	5	0,2108	1,0857	-0,9121	1,8856
3º Semestre	4	0,0156	1,5829	-1,9086	1,9685



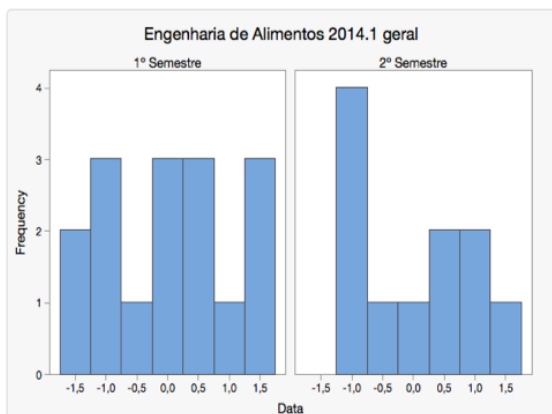
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	12	0,0014	0,9826	-2,5454	0,8452
2º Semestre	11	-0,0958	0,9981	-1,5219	1,4923
3º Semestre	10	-0,0063	0,7804	-1,1701	1,2742

Engenharia de Alimentos

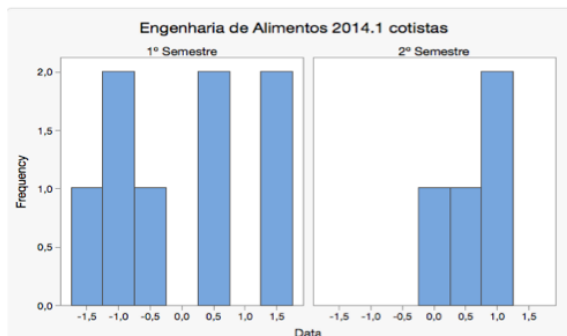
2014.1

2014.1	1º Semestre	2º Semestre
Média Ponderada	50,92	41,1081818
Desvio Padrão	29,9602012	34,4667819



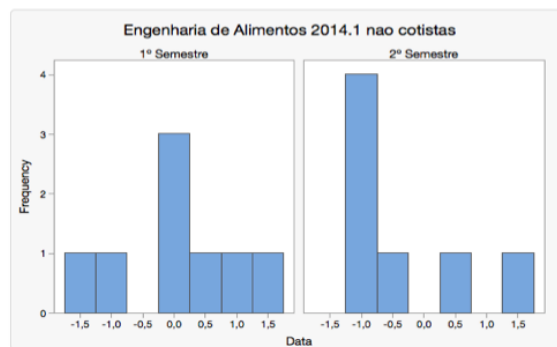
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	16	0,0000	1,0000	-1,6595	1,3845
2º Semestre	11	0,0000	1,0000	-1,1709	1,3059



Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	8	-0,0255	1,0404	-1,3164	1,3605
2º Semestre	4	0,7746	0,5207	0,1318	1,2003



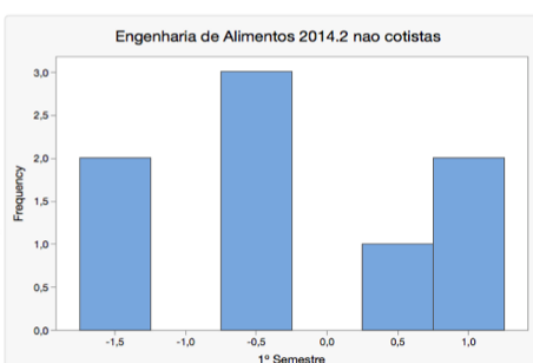
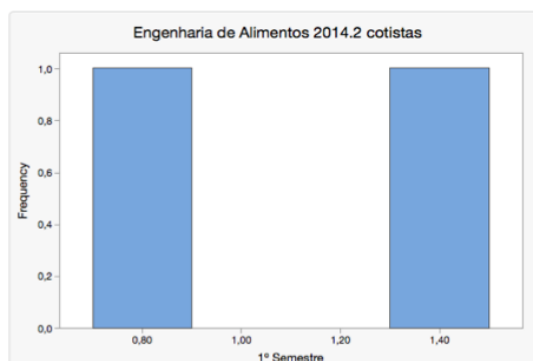
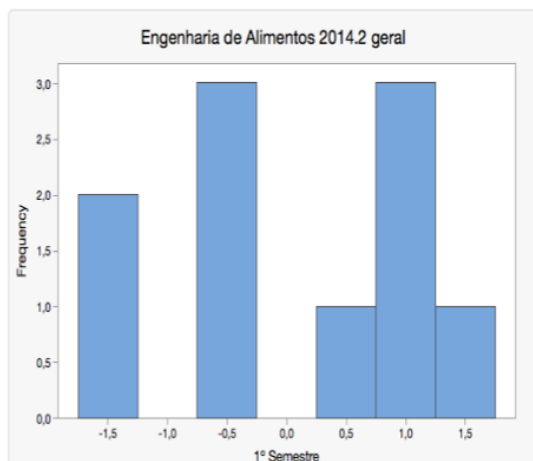
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	8	0,0255	1,0290	-1,6595	1,3845
2º Semestre	7	-0,4427	0,9500	-1,1709	1,3059

Engenharia de Alimentos

2014.2

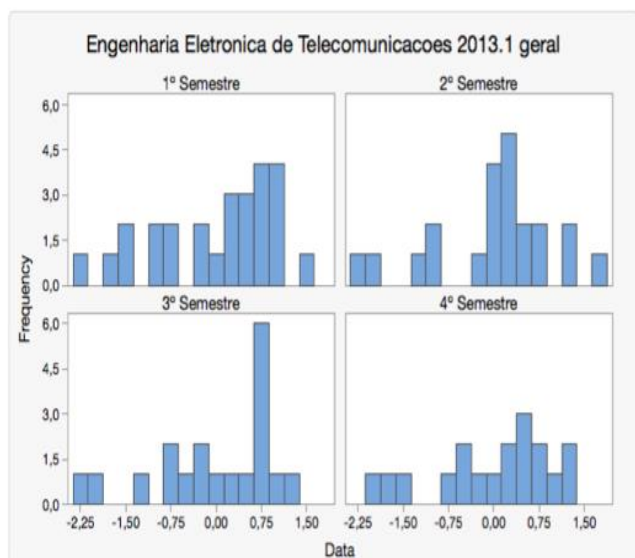
2014.2	1º Semestre
Média Ponderada	52,4
Desvio Padrão	31,0761073



Engenharia Eletrônica de Telecomunicações

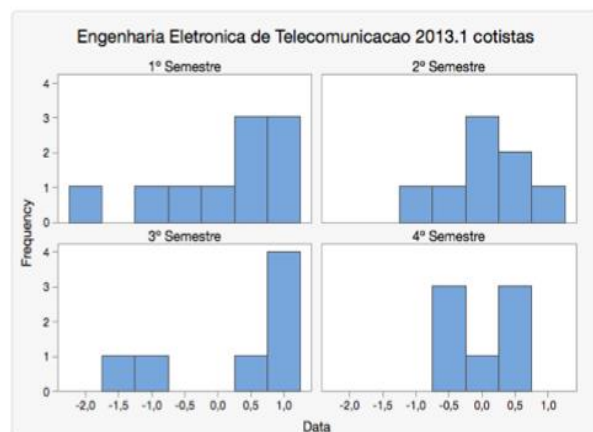
2013.1

2013.1	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Média Ponderada	61,4776923	63,2363636	59,7336842	56,69
Desvio Padrão	24,7423269	19,7874579	24,4407772	15,1478793



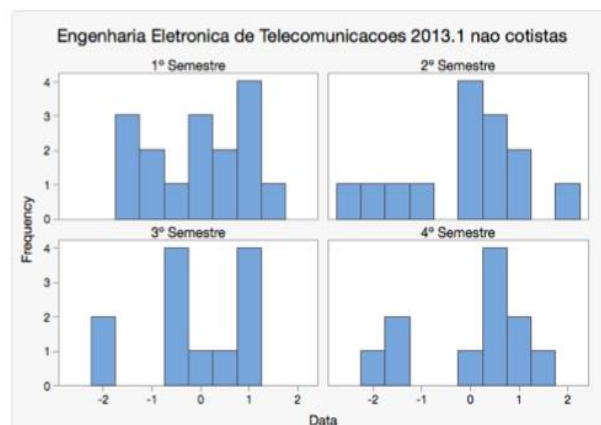
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	26	0,0000	1,0000	-2,1937	1,4923
2º Semestre	22	0,0000	1,0000	-2,2528	1,7973
3º Semestre	19	0,0000	1,0000	-2,1625	1,2179
4º Semestre	18	0,0000	1,0000	-2,0874	1,3639



Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	10	0,0500	0,9738	-2,1937	0,8731
2º Semestre	8	0,1773	0,8600	-0,9297	1,2085
3º Semestre	7	0,2032	0,8699	-1,2734	0,8292
4º Semestre	7	-0,0691	0,5029	-0,6727	0,5248



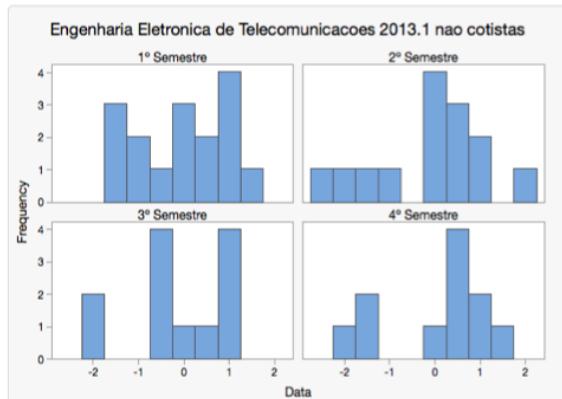
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	16	-0,0313	1,0464	-1,8441	1,4923
2º Semestre	14	-0,1013	1,1621	-2,2528	1,7973
3º Semestre	12	-0,1185	1,0872	-2,1625	1,2179
4º Semestre	11	0,0440	1,2421	-2,0874	1,3639



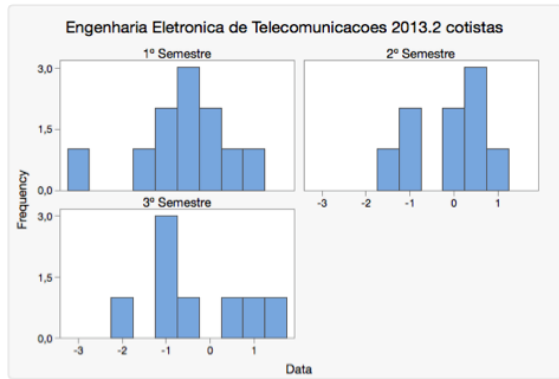
Engenharia Eletrônica de Telecomunicações 2013.2

2013.2	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre
Média Ponderada	60,4146875	40,4313793	53,6429
Desvio Padrão	19,3651348	22,8820344	24,201179



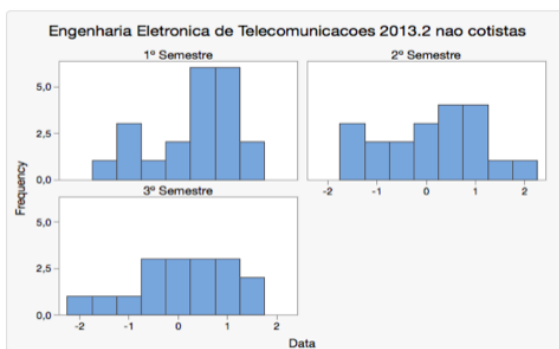
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	16	-0,0313	1,0464	-1,6441	1,4923
2º Semestre	14	-0,1013	1,1621	-2,2528	1,7973
3º Semestre	12	-0,1185	1,0872	-2,1625	1,2179
4º Semestre	11	0,0440	1,2421	-2,0874	1,3639



Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	11	-0,5894	1,0379	-2,8471	1,0114
2º Semestre	9	-0,0715	0,8543	-1,5554	0,9492
3º Semestre	8	-0,2839	1,1135	-1,8697	1,2620

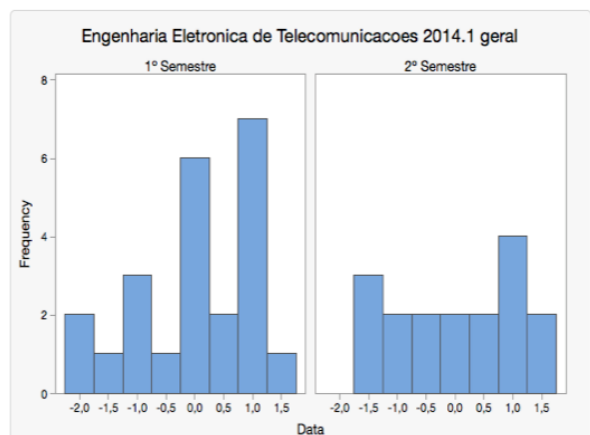


Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	21	0,3087	0,8487	-1,3578	1,6956
2º Semestre	20	0,0322	1,0784	-1,6970	2,0592
3º Semestre	17	0,1336	0,9478	-1,8776	1,4400

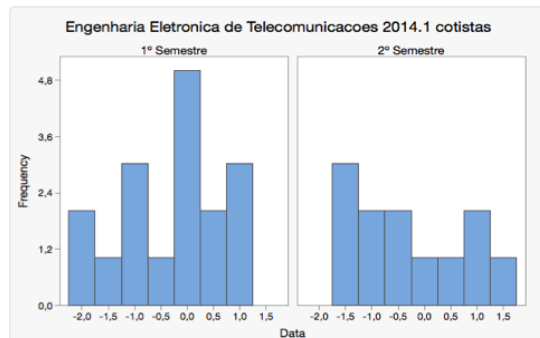
Engenharia Eletrônica de Telecomunicações 2014.1

2014.1	1º Semestre	2º Semestre
Média Ponderada	65,1026087	59,2
Desvio Padrão	27,2510586	23,7848003



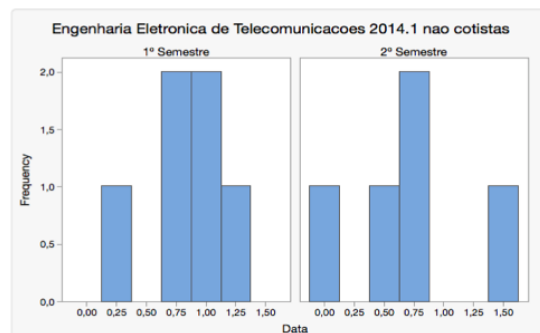
Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	23	0,0000	1,0000	-1,9853	1,2688
2º Semestre	17	0,0000	1,0000	-1,6120	1,4732



Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	17	-0,3129	0,9666	-1,9853	1,0413
2º Semestre	12	-0,3002	1,0004	-1,6120	1,3454

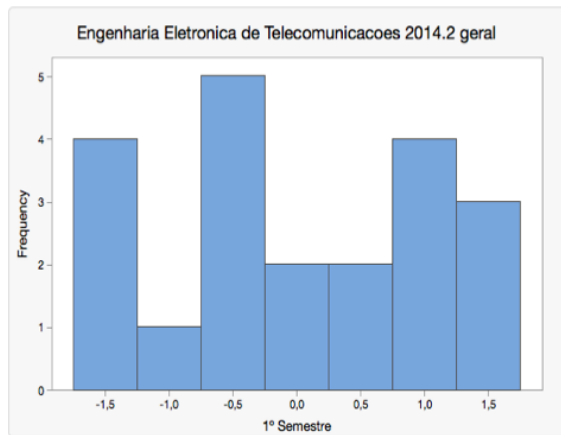


Summary Statistics

Variable	N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
1º Semestre	6	0,8865	0,3665	0,2193	1,2688
2º Semestre	5	0,7205	0,5732	-0,1110	1,4732

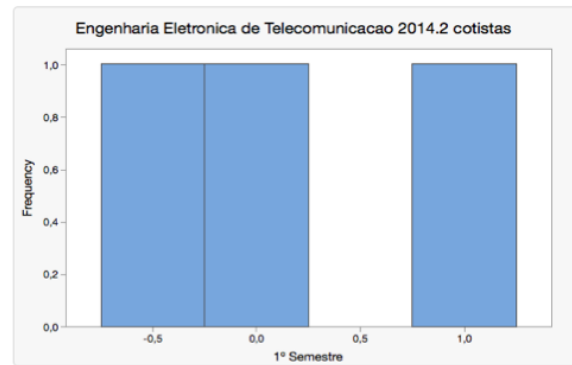
Engenharia Eletrônica de Telecomunicações 2014.2

2014.2	1º Semestre
Média Ponderada	55,7442857
Desvio Padrão	25,5139347



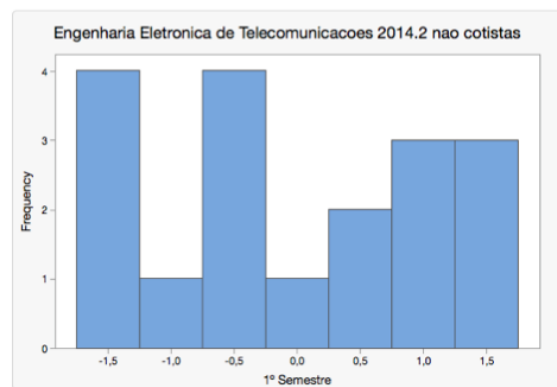
Summary Statistics

N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
21	0,0000	1,0000	-1,5664	1,4900



Summary Statistics

N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
3	0,2306	0,7692	-0,4838	1,0448



Summary Statistics

N	Mean	StDev	Minimum	Maximum
18	-0,0384	1,0469	-1,5664	1,4900